



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Ednilson Ivane Silva Almeida

Histórias de Vida de Quatro Artistas Mindelenses

| lugar e não-lugar das Artes Plásticas em Cabo Verde |

Mestrado em Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Anabela Moura

Julho de 2016

DEDICATÓRIA

Ao mestre anónimo da cultura caboverdiana, que sabe-se lá com que sacrifícios fizeram chegar à nós esta Herança.

À memória da minha avó Chala d' Antonha Ingraça pela forma simples e majestosa como nos soube contar a história da Nossa-Gente.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Anabela Moura pela orientação, pela dedicação e a forma empenhada e cuidada com que dividiu o desenvolvimento deste estudo, não perdendo de vista esta estória que não podia deixar de ser contada.

À ESE-IPVC, sua Direção, seus funcionários e professores em especial à Professora Doutora Angélica Lima Cruz pelo método Histórias de Vida (Universidade do Minho), à Professora Isabel Martins pela extensão da dimensão onírica, à Professora Maria do Céu Diel por uma dimensão maior das artes visuais, ao Professor Júlio Santos pela satisfação de partilha, ao Professor Doutor Carlos Almeida por todo suporte e engajamento.

Aos quatro artistas: Albertino Silva, F. Morais, Joana Pinto e Nild um profundo agradecimento pelos vários e extensos momentos de aprendizagem que permitiram construir este modesto estudo, e que espero ter correspondido à vossa dimensão humana e espiritual.

A todo o artista mindelense e que nenhum sonho será em vão, *Ulins!*

Aos familiares na cidade do Porto: Júnior, Flávio, Inês, Lucas e Irene pela morabeza de sempre.

Às gentes de Viana pelo seu coração de oiro.

Aos mais preciosos Aline, Nilo, Matilde pelo incentivo incondicional, um brinde ao vosso futuro.

Aos colegas Naiss, Jair e Artur pelo companheirismo militante.

Aos pais Cristina e Tamblinha, pelo Amor-maior e pela inspiração constante.

RESUMO

Este estudo tem como referência as Artes Plásticas no contexto de Cabo Verde, espaço geográfico de São Vicente, onde as Artes estão devidamente estabelecidas como ferramenta crucial para o estudo da (re)formulação da cultura, permitindo problematizar como este sector adere e procura a pós modernidade, desvendando o(s) modo(s) como o processo artístico se transforma, reformula modos de criação, consumo e representação simbólica, adequando-o a uma paisagem cultural em reestruturação. O problema do estudo alicerça-se na constatação da falta de um circuito de divulgação e promoção das Artes Plásticas em Cabo Verde, que tem criado assimetrias de acesso às condições de produção e divulgação entre os criadores.

A investigação etnográfica, com recurso à história de vida, foi o método adotado, que ajudou a responder à necessidade de identificar transformações necessárias na reestruturação da paisagem cultural, ao nível do impacto do trabalho dos artistas e do conhecimento do seu património, recorrendo-se à utilização de instrumentos de observação, entrevista, fotografia e vídeo, por permitirem dar a primazia aos artistas selecionados, observá-los nos seus contextos, deixá-los falar e escutá-los, para melhor compreender os seus mecanismos de criatividade e produção artística nas relações com a sua cultura e a procura e o alargamento gradual do mercado. A escolha da amostra recaiu em quatro artistas que residem na cidade do Mindelo.

Os resultados desta investigação permitiram verificar como as Artes Plásticas são controladas por valores do *establishment*, não sendo apoiadas por um discurso que as legitime enquanto criação artística. Os temas abordados pelos quatro artistas, ilustrados com reproduções incluídas neste estudo, falam da sua experiência artística e estética e da importância atribuída pelos quatro às Festas Tradicionais (e.g. Carnaval).

As conclusões confirmam que as Artes Plásticas ainda não obtiveram reconhecimento e são, em larga medida entendidas como atividades *hiddenstream*. Conclui-se também ser fundamental apostar numa educação artística que promova a reflexão sobre hierarquias estético-culturais dominantes e as fronteiras resultantes de estereótipos culturais e académicos.

PALAVRAS-CHAVE: Cabo Verde; Mindelo; Artes Plásticas; Histórias de Vida

REZUME

Eze stud tem come refrêça Arts-Plástica na CabVerd, na spaçe d'ilha d'Soncent, ondê qê Art ta stablecid come frramenta vingôd pa stud d' (re)formulaçõ d'kultura, qe t' permití pô prublema d' manêra qê eze setôr t' djegá i êl bescá modernidad, t' desvendá manera ô qês manera qe prucesse na Art t' tranformá, reformulá maneras d' criaçõ, consume i representaçõ d' sês símble, t' condizél num paizagem kultural qe tita sêr restruturôd. Prublema déze stud tem licerçe na constataçõ d' falta d' circuit pa divulgá i promové Art-Vizual na CabVerd, qe tem criôd difrêça entre qês qe stem stôd t' produzí i divulgá sês traboi creativ.

Investigaçõ etnográfic, qe recurse n' Stória d'vida, foi qel manera-de-pensá uzôd, qe ijedá respondé à necessidad d'indentificá transformaçõ qé mistid fazé na restruturaçõ d' panorama kultural, na dimensõ d' impact d' traboi d' artista i d' cunhiciment d' sê valôr, ta pegá na instrument d' observaçõ, intrevista, ftôgrafia i vídeo, já qês t' destacá ês artista scuíd, obervás na sês lugar, tchás falá i uvís, pa amedjôr comprendê sês manera ser creativ i d' produzí art dent d' intendiment d' sês kultura i ta bescá ba t' abrí dvagar éze mercad. Qel parcela scuíd pa éze stud comtemplá quat artista qe rezidêça na cidad d' Mindel.

Qês rezultod déze investigaçõ permití vrificá manera qe Arts-Plástica é controlôd pa valôr d' *stablishment*, qe ka é favurecíd pa um descurse qe ka ta reconhecé ses traboi come criaçõ d' Art. Qês tema tratôd pa qês quat artista, ilutrôd pa imagem de sês traboi mitid neze stúd, ta falá de sês xperiêça na Art i stética i impurtança qês ta dá pa Festeje d' Tradiçõ (moda Carnaval).

Concluzõ deze stud t' confirmá qé Arts-Plástica índa ka tiv recunhecimnet i é, na larga midida intindid come atividad *hiddenstream*. Cuncluíd també qé fundamental postá num qualidád de educaçõ em Art qe podé promové um reflexõ sobre difrêça d' puder na stíle d' kultura duminadôr i na divizõ qe ta bem d' ideia-criôd-injust pa kultura i d' Letrôdes.

PALAVRAS-CHÁV: CabVerd, Mindel, Art-Plástica, Stória d' Vida

SUMMARY

This study seeks to investigate the role Plastic Arts plays in the context of Cape Verde, in the geographical area of São Vicente, where the arts are well established as a key tool for the study of the (re) formulation of culture, allowing to problematize as this sector fits and seeks post modernity, with the view to establishing whether the artistic process is changing, reformulating ways of creation, consumption and symbolic representation, adapting it to a cultural landscape restructuring. The research problem is founded on the finding of a lack of disclosure circuit and promotion of Plastic Arts in Cape Verde, which has created disparities of access to the conditions of production and dissemination among creators.

The research took the form of ethnographic research, using the life story method, which helped to address the need to identify necessary changes in terms of restructure of the cultural landscape, regarding the local impact of four artists' work and knowledge of their heritage. The data was gathered from the interviews and observations, photography and video, which were analysed individually and comparatively and has helped to gain a more accurate insight into the artists' views. The research tools helped to watch four artists that live in the city of Mindelo, let them talk and listen to them, to better understand their creativity and artistic production mechanisms, in relation with their culture and demands of the market.

The findings of this research allowed to verify how Plastic Arts are controlled by establishment values. It was clear that this area is not yet fully supported by an official speech that legitimizes it as artistic creation. The selected themes covered by the four artists, illustrated with reproductions included in this study, talk about their artistic and aesthetic experience and the importance the artists attach to the traditional rituals (eg. Carnival).

The conclusions confirm that the Plastic Arts were not yet recognized and they are largely understood as hiddenstream activities. The study also concludes that art education is fundamental as it can promote reflection on dominant aesthetic and cultural hierarchies and borders, which derive from cultural and academic stereotypes.

KEYWORDS: Cape Verde; Mindelo; Plastic Arts; Life Stories

ÍNDICE

| | |
|--|------------|
| DEDICATÓRIA..... | I |
| AGRADECIMENTOS | III |
| RESUMO | V |
| REZUME..... | VII |
| SUMMARY | IX |
| ÍNDICE | XI |
| LISTA DE FIGURAS E TABELAS..... | XII |

CAPÍTULO I

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 1 |
| 1.1 Contexto da Investigação | 1 |
| 1.2 O artista de Mindelo | 4 |
| 1.3 Definição do problema..... | 7 |
| 1.4 Questões de Investigação | 8 |
| 1.5 Finalidades do Estudo | 9 |
| 1.6 Pertinência do estudo..... | 9 |
| 1.7 Palavras-Chave | 10 |

CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA

| | |
|--|-----------|
| 2.1 Introdução e Finalidades..... | 11 |
| 2.2 Definição de Conceitos-Chave | 11 |
| 2.2.1 Identidade Cultural | 11 |
| 2.2.2 Identidade cabo-verdiana: uma questão de permanente debate..... | 11 |

| | |
|---|----|
| 2.2.3 Impacto da Descolonização e Papel dos Mediadores Culturais..... | 13 |
| 2.2.4 Construção Imagética da Identidade | 14 |
| 2.3 Políticas Culturais em Cabo Verde | 16 |
| 2.4 Mindelo e a sina de “capital cultural”..... | 20 |
| 2.5 Artistas Plásticos: definição, mitos, <i>status</i> , temáticas | 23 |

CAPÍTULO III: HISTÓRIAS DE VIDA COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

| | |
|--|----|
| 3.1 Introdução e Finalidades..... | 27 |
| 3.2 Método de Histórias de Vida..... | 27 |
| 3.3 Vantagens e Desvantagens de Histórias de Vida..... | 28 |
| 3.4 Amostra..... | 29 |
| 3.5 Técnicas de recolha de dados..... | 29 |
| 3.5.1 Entrevistas qualitativas | 29 |
| 3.5.2 Observação qualitativa..... | 30 |
| 3.5.3 Biografias | 30 |
| 3.5.4 Fotografia..... | 30 |
| 3.6 Considerações éticas | 31 |

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

| | |
|---|----|
| 4.1 Introdução e Finalidades..... | 33 |
| 4.2 Histórias de Vida de quatro artistas mindelenses..... | 33 |
| 4.2.1 Identificação dos artistas..... | 34 |
| 4.2.1.1 Albertino Francisco Silva | 34 |
| 4.2.1.2 F. Morais ou Fernando Gabriel Lopes Morais | 36 |

| | |
|---|----|
| 4.2.1.3 Joana Baptista Delgado Santos Pinto. | 37 |
| 4.2.1.4 Nild - Anildo Medina Silvestre | 38 |
| 4.2.2 Percurso Artístico | 40 |
| 4.2.2.1 Albertino Silva | 40 |
| 4.2.2.2 F. Morais | 42 |
| 4.2.2.3 Joana Pinto | 50 |
| 4.2.2.4 Nild | 54 |
| 4.2.3 Artista e Obra..... | 57 |
| 4.2.3.1 Albertino Silva..... | 57 |
| 4.2.3.2 F. Morais..... | 61 |
| 4.2.3.3 Joana Pinto | 67 |
| 4.2.3.4 Nild | 71 |
| 4.2.4 Internacionalização..... | 74 |
| 4.2.4.1 Albertino Silva..... | 74 |
| 4.2.4.2 F. Morais | 75 |
| 4.2.4.3 Joana Pinto | 79 |
| 4.2.4.4 Nild | 82 |

CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

| | |
|------------------|----|
| Introdução | 87 |
|------------------|----|

CONCLUSÕES

| | |
|---|----|
| Sistema institucional das Artes Plásticas | 88 |
|---|----|

| | |
|-----------------------------------|----|
| Papel da Educação Artística | 90 |
|-----------------------------------|----|

| | |
|----------------------------|----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 93 |
|----------------------------|----|

| | |
|---------------------------------|----|
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 95 |
|---------------------------------|----|

| | |
|---|------------|
| Anexo I - Lista de artistas caboverdianos... .. | 101 |
| Anexo II - Obras de artistas citados pelos entrevistados | 103 |
| Anexo III - Entrevistas | 113 |

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figuras

| | |
|---|----|
| Fig. 1 – Mapa de São Vicente cabo Verde – Fonte | 1 |
| Fig. 2– Mapa de Arquipélago de Cabo Verde – Fonte Net. | 1 |
| Fig. 3 – Rotas de Cabo Verde – Fonte Net. | 2 |
| Fig. 4– Mapa <i>Mundi</i> que destaca de Cabo Verde – Fonte net. | 2 |
| Fig. 5- Foto Antiga do Mindelo com o Palácio do povo - Fonte net. | 2 |
| Fig. 6 – Faina de carvão – fonte net..... | 2 |
| Fig. 7 – Vista de cima da Baía do porto Grande – Cortesia Fonseca Soares..... | 3 |
| Fig. 8- Foto actual Rua de Lisboa com o Palácio do Povo ao fundo - Cortesia Fonseca Soares | 4 |
| Fig. 9 – Capa de revista Claridade – fonte Net. | 5 |
| Fig. 10 – Eugénio Tavares – Fonte net. | 13 |
| Fig. 11 – Baltazar Lopes – Fonte net. | 13 |
| Fig. 12- Amilcar Cabral – Fonte net. | 13 |
| Fig. 13 – Antiga Bandeira de Cabo Verde - Fonte net..... | 13 |
| Fig. 14 – Actual bandeira de Cabo Verde- Fonte net. | 13 |
| Fig. 15- Bandeira da União Europeia- Fonte net. | 13 |
| Fig. 16 – Ilustração de Manuel Figueira para o Livro <i>Korda Kaoberdi</i> - Fonte net. | 16 |
| Fig. 17 – Declaração da Independência de Cabo Verde na ilha de São Vicente- Fonte net. | 18 |
| Fig. 18 – Postal antigo da ilha de São Vicente- Fonte net. | 20 |
| Fig. 19 - Senador Vera - Cruz- Fonte net..... | 21 |
| Fig. 20 – Quadro do Pintor Tchalé Figueira - Fonte net. | 24 |
| Fig. 21 - Quadro da Pintora Luisa Queiróz - Fonte net. | 24 |
| Fig. 22 - Quadro do Pintor Alexandre Silva- Fonte net..... | 24 |
| Fig. 23- Albertino Silva na execução da peça “ <i>Abla Pokou</i> ” – cortesia Albertino Silva | 35 |

| | |
|---|----|
| Fig. 24- F. Morais no estaleiro de carnaval – fonte Tambla Almeida | 36 |
| Fig. 25 – Joana Pinto no seu <i>Atelier</i> - fonte Tambla Almeida..... | 38 |
| Fig. 26- Nild durante a participação do VIII encontro de escultura na China – cortesia Nild | 39 |
| Fig. 27- Tabuleiro de uril em pedra de Albertino Silva – cortesia Albertino | 61 |
| Fig. 28- Escultura “ <i>Abla pokou</i> ” de Albertino Silva – cortesia Albertino | 61 |
| Fig. 29- Odisseia – peça em sapatos de Albertino Silva – cortesia Albertino | 61 |
| Fig. 30- Emigrantes na pesca da Baleia de Fernando Morais – cortesia Fernando Morais | 67 |
| Fig. 31- O Encontro de Fernando Morais – cortesia Fernando Morais | 67 |
| Fig. 32- Andor de carnaval 2013 concepção Fernando Morais – cortesia Fernando Morais | 67 |
| Fig. 33- Maqueta em guache de Joana Pinto – Fonte Tambla Almeida | 72 |
| Fig. 34- Mascara em batik de Joana Pinto – Fonte Tambla Almeida..... | 72 |
| Fig. 35- Contador de estória, tapeçaria de Joana Pinto – Fonte Tambla Almeida. | 72 |
| Fig. 36- Zorra, alto relevo de Nild e Ró – Cortesia Nild | 74 |
| Fig. 37- Serenata de Nild e Ró – Cortesia Nild | 74 |
| Fig. 38- Detalhe <i>Funaná</i> , alto relevo de Nild e Ró – Cortesia Nild | 75 |

Tabelas

Tabela 1: Centros Culturais em Cabo Verde ou espaços semelhantes6

Tabela 2: Galerias em Cabo Verde ou espaços semelhantes

CAPÍTULO I

Introdução



Fig. 1 Mapa ilha de S. Vicente ©fonte Net

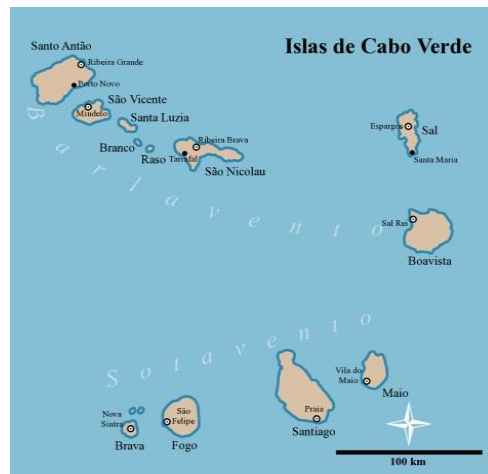


Fig. 2 Mapa arquipélago Cabo Verde ©fonte Net

1.1 Contexto da Investigação

São Vicente é uma ilha muito pequena de cerca de 227 Km² (Fig. 1), com uma população atual de aproximadamente 76 mil habitantes, segundo dados da INE (2010). A Baía de Porto Grande é uma cratera submarina com um rico submundo aquático, configurando-se numa concha quase-perfeita rodeada de uma harmoniosa cadeia de colinas. Mindelo, é a capital desta ilha, uma das dez ilhas do arquipélago da República de Cabo Verde (Fig. 2), pequeno estado insular crioulo, situado na costa oeste africana, a 640 Km de Senegal, a 2756 Km de Brasil e 3088 Km de Portugal, em linha recta (Figs. 3&4). A população da ilha concentra-se massivamente à volta da Baía de Porto Grande, onde nasceu a cidade, como testemunha o centro histórico, o qual os habitantes locais apelidam de “Morada” (Fig. 5).

... a cidade do Mindelo... é filha da hegemonia inglesa e do ordenamento político saído da Convenção de Viena de 1815. Do ponto vista tecnológico, a vela e o correio marítimo são parcialmente substituídos pelo vapor e a telegrafia pelo cabo submarino. Este novo paradigma reinventa o arquipélago de Cabo Verde, tendo no centro a cidade do Mindelo de S. Vicente. (Correia e Silva, 1998, p. 33)

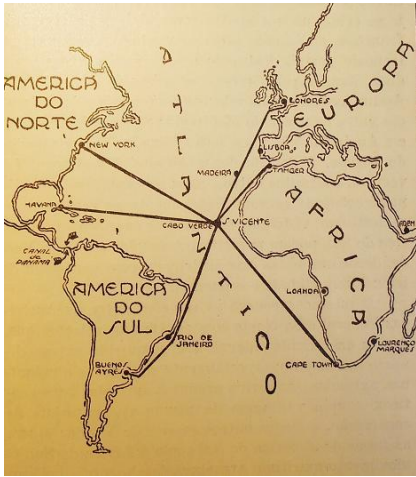


Fig. 3 Rotas Cabo Verde © fonte Net Fig. 4 Mapa Mundi que destaca o arquipélago de Cabo verde© fonte Net

A história revela, que segundo António Correia e Silva (1998) foram várias as tentativas de povoamento da ilha, desde o descobrimento português que se iniciou no séc. XV, até à chegada dos ingleses no séc. XIX com projecto da industrialização (Fig. 6) que exigia então um novo paradigma económico. Não se percebe de facto, a falta de visão estratégica da administração colonial portuguesa em relação ao povoamento, por exemplo da ilha de São Vicente, insistindo numa exploração agrária num chão seco desértico no seu interior, enquanto a maior riqueza natural de facto estava de frente a qualquer navegador principiante, a baía (Fig. 7). A história do povoamento da ilha de São Vicente até 1975, confunde-se com a história geral dos dois últimos séculos da história de Cabo Verde, tamanha é a importância que assume no seu tardio povoamento, “colonizado” massivamente por gentes das demais ilhas, onde havia já o gene crioulo de ser-caboverdiano. Segundo Papini “*Dos 3717 habitantes em 1879 a maioria absoluta, 3497, eram naturais de Cabo Verde, portanto imigrantes das outras ilhas.*” (1984, p. 33).



Fig. 5 Foto antiga de Mindelo o Palácio do Povo © fonte Net



Fig. 6 Faina do carvão fonte Net

Podemos dizer de certa forma, que São Vicente é um espaço de fuga em direcção à liberdade dos caboverdianos, que deixavam para trás a seca, a fome, a escravatura e aportavam no Mindelo, porta de esperança que o mundo-grande ali depositara. Ilhas como Santiago, Santo Antão, São Nicolau, Boa Vista, Maio, Brava e o Fogo, encontram-se já povoados, em diferentes momentos, há mais de três séculos, e foi com essa gente que se incrementou o povoamento da ilha de São Vicente. As Artes e Ofícios estão devidamente estabelecidos como importantes espaços de formação informal após a saída dos ingleses de S. Vicente, como refere Ramos:

... com a retirada dos britânicos de S. Vicente, a situação sócio - económica decaiu imenso, apesar de em contrapartida nos terem deixado uma herança bastante preciosa, pois muitos dos nossos conterrâneos aprenderam a trabalhar nas oficinas de Artes e Ofícios dos ingleses, tendo saído de lá óptimos profissionais como serralheiros, carpinteiros, construtores de botes e barcaças, ferreiros, canalizadores, marceneiros, fundidores, mecânicos, electricistas, soldadores, torneiros, frezadores, etc. (Ramos, 2003, p. 9)

No mapa actual da cidade do Mindelo, e sobretudo na sua periferia, conseguimos identificar um grande número de oficinas organizadas, ou em muitos casos improvisadas em pequenas estruturas de produção por conta própria, ou negócios familiares. Um número bastante reduzido, cerca de quinze, com estrutura semi-industrial, encontra-se inscrito nos serviços de Administração Industrial da ilha, segundo dados do mesmo serviço de 2015. Grande parte prefere uma inscrição de menor compromisso institucional e fiscal, realizada nos serviços da autarquia, segundo dados da mesma fonte.



Fig. 7 Vista de cima da Baía de Porto Grande © cortesia Fonseca Soares

1.2 O artista de Mindelo



Fig. 8 Foto actual Rua Lisboa com Palácio do Povo ao fundo © fonte cortesia Fonseca Soares

Casado este tecnicismo, herança do industrialismo britânico, com a inventividade própria das cidades-porto, o artista mindelense não se fixa em estilos, técnicas, métodos ou materiais. Raros são os pintores que não sejam músicos, escultores que não tenham experimentado diversos tipos de materiais, mestres que não tenham sido reconhecidos pelo povo por inúmeras soluções criativas a favor da comunidade, suportada por uma mística com enorme força criativa.

Por outro lado, a herança de uma classe operária, ensinou este mesmo artista a ser um contrapoder, um depositário da confiança do povo apenas, de quem espera o reconhecimento e foi assim que Mindelo (Fig. 8) se consolidou como "capital cultural" de Cabo Verde, convertendo-se no amparo de vários expoentes da arte, que vindo de outras ilhas e países, encontraram ali o ambiente propício para o desenvolvimento das suas obras criativas, temperadas por uma rebeldia extra, que enfrenta directamente o "capital político", em várias das suas actuações. Político, mas sem ambição política, assim os artistas anunciam o seu posicionamento ao longo da história e do presente, sendo o caso mais emblemático a revista *Claridade* (1936-66).

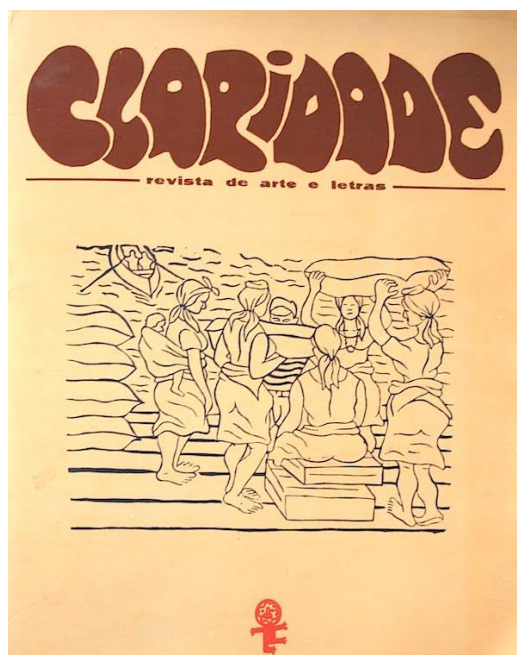


Fig. 9 Capa revista Claridade © fonte Net

Africa Remix (2004-2007), sob a curadoria de Simon Njami, reuniu a criação contemporânea africana, seguindo um percurso já documentado pelo Bienal de Havana(1986), Documenta de Kassel (2002) e mais recentemente Sevilha (2007), onde os artistas cabo-verdianos não têm estado presentes. Engano ou esquecimento, a inexistência de qualquer referência à produção cabo-verdiana nesta importante exposição de arte e respectivo catálogo, que faz o mapeamento artístico-cultural do continente africano, mantém a produção cabo-verdiana invisível à luz de circuitos económico-culturais de promoção da arte africana.

As razões que poderiam explicar esta ausência sistemática neste tipo de evento, abrem um campo para inúmeros estudos sobre as questões, tanto do ponto vista interno como externo. A nível interno, diferentemente da música, ou mesmo da literatura, as artes plástico-visuais, não têm conseguido destacar-se no panorama nacional, mantendo-se à margem das grandes referências da criação artístico-cultural cabo-verdiana. Os centros culturais estatais (Tabela 1) que se espalham um pouco pelas ilhas, exibem uma programação bastante irregular, com repetição constante de nomes e obras, sem uma curadoria consistente e uma promoção válida que envolva de forma expressiva a comunidade com as Artes Plásticas, estimulando o pensamento crítico e o reforço da participação de agentes culturais e educadores de arte locais e nacionais.

Tabela 1: Centros Culturais em Cabo Verde ou espaços semelhantes

| Centro Cultural | Cidade | Ilha | Estatal/Privado |
|--|---------------|-------------|------------------------|
| Centro Cultural do Mindelo | Mindelo | São Vicente | Estatal |
| Centro Nacional do Artesanato e Design | Mindelo | São Vicente | Estatal |
| Museu do Mar | Mindelo | São Vicente | Estatal |
| Livraria Nhô Djunga | Mindelo | São Vicente | Privado |
| Alliance Française | Mindelo | São Vicente | Privado |
| Academia Livre das Artes Integradas de Mindelo | Mindelo | São Vicente | Privado |
| Quintal das Artes | Mindelo | São Vicente | Privado |
| Palácio do Povo | Mindelo | São Vicente | Privado |
| Núcleo Museológico Cesária Évora | Mindelo | São Vicente | Público/Privado |
| Centro Cultural Paulino Vieira | Tarrafal | São Nicolau | Público |
| Centro Cultural Norberto Tavares | Assomada | Santiago | Estatal |
| Palácio da Cultura Ildo Lobo | Praia | Santiago | Estatal |
| Biblioteca Nacional | Praia | Santiago | Estatal |
| Livraria Nhô Eugénio | Praia | Santiago | Privado |
| Sal da Música | Praia | Santiago | Privado |
| Centro Cultural do Brasil | Praia | Santiago | Privado |
| Centro Cultural de São Filipe | São Filipe | Fogo | Privado |
| Casa da Memória | São Filipe | Fogo | Privado |
| Escola Municipal de Artes Tututa | Espargos | Sal | Público |
| Centro Cultural de Santa Maria/Museu do Sal | Santa Maria | Sal | Público |

A falta de galerias (Tabela 2) com financiamento e outras estruturas viradas para o mercado da arte, a inexistência de políticas culturais consistentes para as artes visuais, fragilizam a sustentabilidade da produção artística, que acaba por não ter impacto significativo em termos económicos e culturais.

Tabela 2: Galerias em Cabo Verde ou espaços semelhantes

| Galeria | Cidade | Ilha | Estatal/Privado |
|------------------------|---------------|-------------|------------------------|
| Zero Point Art Gallery | Mindelo | São Vicente | Privado |
| Zero Point Art Gallery | Praia | Santiago | Privado |
| Ponta de Praia Gallery | Mindelo | São Vicente | Privado |
| Galeria Nela Barbosa | Praia | Santiago | Privado |
| Gallery Pont d'Agua | Mindelo | São Vicente | Privado |
| Galeria Alternativa | Mindelo | São Vicente | Privado |
| PauTcha Arts | Praia | Santiago | Privado |

Estão assim postas em causa "duas tarefas fundamentais do Estado" que a Constituição de Cabo Verde (2010) consagra no Artigo 7º: i) Preservar, valorizar e promover a língua materna

e a cultura cabo-verdianas; e k) Proteger a paisagem, a natureza, os recursos naturais e o meio ambiente, bem como património histórico - cultural e artístico nacional;

Nota-se a ausência de um mapeamento a nível das artes (), bem como uma aposta em políticas públicas que apoiem, potenciem um sistema nacional de cultura e criem um contexto favorável ao conhecimento do património artístico cabo-verdiano e articulação com os setores da educação, do turismo e da ciência. É sabido que as artes e a cultura têm um papel fundamental na construção da cidade e da cidadania, no reforço do sentimento de pertença às comunidades e na promoção do bem-estar-social, pelo que a constatação da falta de atenção ao setor das Artes Plásticas é uma preocupação comum à maioria dos responsáveis pelos trabalhos recentes, realizados em Cabo Verde, na área Educacional Patrimonial e Artística, pois como afirma Pinto (2012) é fundamental continuar a investigar e a incentivar o desenvolvimento de acções facilitadoras da valorização da educação patrimonial, dos artistas locais e da sua divulgação através das diversas artes.

1.3 Definição do problema

A falta de um circuito de divulgação e promoção das artes em Cabo Verde tem criado assimetrias de acesso às condições de produção e divulgação entre os criadores, onde por um lado se encontram aqueles que estão próximos das estruturas institucionais, tornando-se uma espécie de artistas institucionais/estatais, segundo classificação de Bruno Munari (2004), e por outro lado uma maioria votada à sombra dos eventos públicos, promovidos muitas vezes pelo estado,

... a Arte Oficial ou Arte de Estado... surge sempre que se anuncia concurso para a execução de de um monumento a um qualquer héroi desconhecido; sempre que se pretende comemorar uma conquista nacional através da arte figurativa, de frescos ou esculturas em bronze; sempre que o Estado não pode prescindir de chamar um artista para que este resolva um problema qualquer obscuro. (Munari, 2004, p.17)

Rareiam propostas de artistas produtores nacionais privados, galerias e eventos, quando isto acontece é entendido com enorme desconfiança, e onde falta uma regulamentação para o sector. Correntemente, iniciativas de realização de exposições são propostas pelos próprios criadores e quando são realizadas pelas instituições, não são previstos mediadores culturais, curadores especializados, que possam garantir um serviço reponsável e tecnicamente consistente

que permita o desempenho do papel fundamental da criação e consolidação de relações entre artistas e contextos de diversos sectores e comunidades.

Estas realidades permitem esconder essa grande maioria que se situa na margem não institucional do setor das artes visuais cabo-verdianas. Por um lado ao nível internacional verifica-se que Cabo Verde se encontra fora do roteiro político-cultural das Artes Plásticas africanas e por outro lado existe dentro do país um grande número de artistas ‘*à margem dessa margem*’. À luz da visão etnocêntrica do mercado de Arte contemporâneo africano, que classifica e certifica segundo critérios dúbios de qualidade, Cabo Verde ainda não foi capaz de se afirmar nesse mercado, não compreendendo também que a prática cultural pode assumir uma dimensão económica. Descura-se o papel que o mecenato, os comerciantes particulares, os galeristas, as feiras de arte podem assumir no apoio ao processo de produção e distribuição dos bens culturais e artísticos e por outro lado, o papel do terceiro factor desta cadeia, ou seja do consumo. Estes, normalmente visitantes, colecionadores, adquirem as obras de arte como investimento, afirmação pessoal, gosto pela arte e pela cultura, afirmação social, ou criação de uma imagem cultural pública. Os galeristas, por exemplo, são também investidores, cujo papel é sobretudo económico, isto é, a sua actividade visa fundamentalmente a comercialização da obra de arte. Mas, o que se passa com artistas *hiddenstream*?

1.4 Questões de Investigação

Se a nível de políticas para o sector cultural o país até então não priorizou a produção artística, se o mercado das artes não atinge dimensões de negócio de outras paragens, isto não significa que não exista uma produção nesta área. Artistas há, com maior ou menor produção artística, e vão produzindo arte, dentro dos limites e das oportunidades de uma realidade como a de São Vicente e a sua "capital cultural", distanciada do mercado internacional, ou mesmo nacional o que gerou a necessidade de responder às seguintes questões:

- Que artistas existem atualmente na ilha de São Vicente?
- O que fazem e no que se inspiram as suas obras?
- Como divulgam as suas obras?
- Qual o impacto das Artes Plásticas, na educação e na cultura local, regional e nacional?

1.5 Finalidades do Estudo

As finalidades do presente estudo são:

- (i) Identificar, documentar e analisar quatro histórias de vida de artistas mindelenses; e
- (ii) Refletir sobre as implicações deste estudo a nível da educação e da cultura.

1.6 Pertinência do estudo

Esta investigação proporciona o aprofundamento e a reflexão de temas da arte contemporânea em São Vicente, Cabo Verde, contexto onde na última década se têm vindo a desenvolver investigações no âmbito da Educação Patrimonial e Artística e Gestão Cultural como são os casos de Manuel Fortes (2011), Jair Pinto (2012), Artur Marçal (2012), Jorge Spencer (2013) e Irlando Ferreira (2015) actual representante do Ministério da Culturas e Industrias Criativas na ilha de São Vicente. Apesar de todo esse investimento, continua a constatar-se que dentro do contexto histórico-geográfico, continuamos a deparar com um entendimento de *arte africana estereotipada e preconceituosa*, segundo padrões europeístas, cuja construção teórica vem sendo rebatida por vários autores, tais como Kasfir (2008): "*Nos estudos de arte africana, o pressuposto ocidental mais acrítico tem sido o que estabelece dois cenários distintos: antes e depois do colonialismo*" (p. 3). No caso de Cabo Verde será difícil apresentar uma arte pré-colonial já que a sua história se inicia precisamente com expansão económica ibérica do sec. XV. Segundo o olhar dos grandes curadores e *marchands* da Arte Africana, toda a arte produzida em Cabo Verde é não autêntica, pois está corrompida por formação genética tardia, 'contaminada' pela civilização europeia. Diferentemente do que afirma o investigador no seu elogio à arte africana, Cabo Verde não possui os 'Cinco séculos de cultura Yoruba', ou florestas de ébano para que possa esculpir estatuetas maconde.

No entanto, não é de todo impossível produzir em solo cabo-verdiano uma "arte africana autêntica". A provar este argumento estão os comerciantes vindos do continente para Cabo Verde e que apresentam aos turistas e coleccionadores artefactos "cabo-verdianos" com o selo de uma *África* que não encontram nas ilhas.

A situação do artista contemporâneo, quer em termos de prática quer a nível profissional, passatempo ou *part-time*, encontra-se extremamente comprometida, qualquer que seja o discurso adoptado no seu trabalho, quando este pretende aceder ao mercado nacional e internacional dominado por concepções europeístas de classificação das artes. Urge revelar no discurso de

primeira pessoa como o fazer artístico do cabo-verdiano se relaciona com o meio envolvente, como se desenvolve, quais os limites da sua acção e o seu valor simbólico para a comunidade de Cabo Verde, pois a arte é a materialização do estudo e da criatividade destes artistas, ou seja, ela materializa o capital intelectual e adquire um valor simbólico expresso por um valor monetário.

Quanto maior o seu valor, maior riqueza irá gerar no país, provocando impacto no galerista, nas instituições culturais, museus, alimentando os meios de comunicação, gerando emprego, riqueza material e imaterial. É fundamental reconhecer que Arte é um elemento da cultura (Moura, 2001) e a cultura não é um fenómeno independente da vida, pelo que a condição fundamental da sua valorização, respeito, conhecimento e revitalização é a sua ligação com os cidadãos. As formas culturais são representações de estilos de vida, de relações sociais e económicas, determinadas pela história das comunidades. Este estudo pretende alertar para a necessidade de se abarcar a compreensão de quem cria e como se cria uma forma de viver e pensar colectivamente através das Artes Plásticas, promovendo a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento de identidades. Por outras palavras, esta dissertação desafia a pensar a defesa de um património vivo, capaz de ser fermento vivificador da cultura de Cabo Verde.

1.7 Palavras-Chave: Cabo Verde; Mindelo; Artes Plásticas; Histórias de Vida

Sumário

Neste capítulo I delimitou-se geograficamente o contexto do estudo e descreveu-se brevemente o seu percurso histórico onde se explica como o desenvolvimento da cidade-porto de certa forma moldou a cultura local, bem como os seus artistas e criadores. Seguidamente definiu-se o problema do estudo a partir da constatação da falta de um circuito de divulgação e promoção das Artes Plásticas em Cabo Verde e tem criado assimetrias de acesso às condições de produção e divulgação entre os criadores; Constatou-se a fraca divulgação nacional e internacional das Artes Plásticas de Cabo Verde, assim como a situação do artista cabo-verdiano que se encontra extremamente comprometida, quando este pretende aceder ao mercado nacional e internacional. Porque a discriminação dos artistas do sector das Artes Plásticas é uma realidade em Cabo Verde, concluiu-se ser pertinente fazer algo a nível da investigação, no sentido de ajudar a compreender a importância do lugar dos artistas provenientes de um contexto arquipelágico, crioulo e de pequeno estado insular africano e reflectir sobre as consequências para a educação artística.

CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Introdução e Finalidades

Este capítulo estrutura-se em duas partes, com a finalidade de reflectir sobre a

- (i) Definição de conceitos-chave; e
- (ii) Análise de políticas culturais e fenómenos das artes e da cultura na contemporaneidade do contexto da ilha de São Vicente - Cabo Verde;

2.2 Definição de Conceitos-Chave

2.2.1 Identidade Cultural

A identidade cultural é definida por Oliveira (2015, p.246), como tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou quando nos referimos ao sentimento de pertença a uma cultura nacional, à cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo da vida. Ela cita Stuart Hall, para explicar que ele define identidade cultural como um discurso, um modo, um meio de construir discursos que influenciam as nossas acções e a forma de vermos o mundo (Hall, 1999, p.50).

2.2.2 Identidade cabo-verdiana: uma questão de permanente debate

As teorias segundo as quais as ilhas de Cabo Verde, haviam sido visitadas e povoadas, segundo Moniz (2009) antes das expedições portuguesas quinhentistas, nomeadamente por navegadores chineses e berberes mauritanos, são inconsistentes. O mesmo autor afirma que cavado em intensa miscigenação étnica e cultural, o cabo-verdiano transformou-se, a partir do séc. XVII, no principal agente das metamorfoses culturais que se operaram na sociedade do arquipélago. Por aí se percebem as fortes resistências em Cabo Verde, tecidas essencialmente nos campos literários, estéticos e musicais, recuperando dimensões de ascentralidades africanas.

Assim, suportes como lusitaniedade, lusotropicalismo, cabo-verdeanidade e africanidade, têm servido de argumento histórico-antropológico no debate das ideologias políticas.

Interpretando essa matriz plural, seja como uma combinação de elementos onde brancos e negros se manifestam numa nova simbiose, seja como um insólito onde o mulato, livre de complexos, comanda um processo de miscigenação completamente acabado, seja como parte de uma nova África que renasce do esquecimento e da opressão numa nova geografia arquipelágica e de ilhéu, num debate é vivo e dinâmico.

Outro elemento incontornável em todos os níveis dessa discussão, por vezes catalizador ou até melindroso é sem dúvida a questão da língua. O cabo-verdiano, enquanto ser bilingue, desenvolve-se entre a língua materna, o Crioulo e a língua oficial portuguesa. Sendo o Crioulo, um dos traços mais fortes e visíveis da expressão cultural cabo-verdiana, este confunde-se com a própria identidade enquanto expressão. Manuel Veiga (2004) sugere na sua obra intitulada, *Construção do Bilinguismo*, a Crioulidade como símbolo maior da identidade cultural cabo-verdiana.

No entanto, a marca de novos tempos, propõe que esta experiência não esteja fechada no micromundo do ilhéu. Veiga (2004) afirma que tudo indica que hoje a caboverdianidade tende a abrir-se ao mundo e o seu intento consiste muito mais na procura do humanismo, do que na celebração de uma fechada identidade. Podemos dizer que apesar de uma grande variedade de discursos, o cabo-verdiano, sente a necessidade de se adaptar ao pensamento contemporâneo e de partilhar a sua “miscigenação” com o mundo actual, não conseguindo, no entanto libertar do binómio Europa-África (Moniz, 2009).

O debate em torno da identidade cabo-verdiana tem-se mostrado aceso e plural desde o sec. XIX, tendo sido levantado pelos seus principais intelectuais através de textos poéticos e literários, bem como uma variedade de apontamentos e reflexões sobre cultura e identidade cabo-verdiana. Eugénio Tavares (1867-1930), Baltasar Lopes (1907-1989), Amílcar Cabral (1924-1973) (Figs. 6-8), são três intelectuais de diferentes épocas, com visões diferenciadas sobre a identidade cabo-verdiana.



Figs. 10, 11, 12: Eugénio Tavares (1867-1930), Baltasar Lopes (1907-1989), Amílcar Cabral (1924-1973) © fonte Net

Em todas as suas versões (luso-crioula das primeiras décadas do século XX, mestiça da claridade, africana do PAIGC, mestiça e lusófona como MpD), o discurso de reivindicações “nacionalistas” e “culturais” da elite indígena cabo-verdiana imbrica uma estratégia de dominação interna com a submissão a forças externas (Dos Anjos, 2002).

2.2.3 Impacto da Descolonização e Papel dos Mediadores Culturais

Após a independência em 1975, Cabo Verde é um dos vários estados "ao sul do Sahara" cujo o regime se sustenta no Partido Único, no caso PAIGC [Partido Africano de Independência de Guiné e Cabo Verde], vinculado ainda à unidade de luta com a Guiné Bissau. A 14 de Novembro de 1980 esta unidade é desfeita com o golpe de estado na Guiné e o regime mantém-se de partido único, o agora Partido Africano de Independência de Cabo Verde PAICV [PAICV] (Figs. 13, 14 & 15) propõe-se então guiar os destinos de um país dito "inviável". Pequeno, sem água, sem recursos minerais de valor, contando com ajuda externa, a aposta na educação em geral, passou a ser uma proposta de viabilidade.



Figs.13, 14, 15: Antiga bandeira de Cabo Verde, Actual bandeira de Cabo Verde, Bandeira da União Europeia

Onésimo Silveira: “Nós tivemos a felicidade de, através de uma história extremamente infeliz, conseguirmos uma unidade nacional sólida que nos dá postura única em África. De uma certa maneira Cabo Verde é uma das poucas nações africanas.” – (Lopes, 2004, p. 183)

2.2.4 Construção Imagética da Identidade

Segundo Ribeiro (2006) no período imediatamente a seguir à independência predominam as pinturas nativistas e intervencionistas, sobressaindo cânticos, figuras de heróis pátrios e universais, paisagens agrestes e ressequidas; cenas de trabalhos de cariz escravagista, aspectos degradantes da sociedade como a fome e a miséria, o canto à luta revolucionária e à liberdade e também paisagens e naturezas mortas de cunho impressionista.

Por mais que usemos de sofisticadas ferramentas de resgate de memórias, não encontraremos na história da construção imagética cabo-verdiana, elementos ou vestígios substanciais que nos permita estudar com profundidade o imaginário, com suporte em imagens. Não é pretensão do presente estudo debruçar sobre o problema aqui levantado, ou as várias problemáticas que esta questão levanta. Apenas, pautar que a escassez imagética cabo-verdiana, já faz história, não acompanhando outras formas de manifestação artística como a música, onde existem diferentes teorias sobre a sua evolução e a literatura, por onde se tem versado grande parte dos trabalhos de pesquisa sobre a cultura cabo-verdiana.

Poderíamos dizer, fazendo referência ao que aconteceu na história recente de países "terceiro-mundistas", que a produção plástico-visual tem-se revelado bastante limitada por vários tipos de fronteiras, e no caso de Cabo Verde, poucos são as reflexões sobre este pressuposto e nenhuma de carácter essencialmente antropológico. No entanto, alguns apontamentos vão sendo realizados nas áreas de Educação Artística e de Gestão Cultural, dando-nos pistas para reflexão.

No entanto, as referências imagéticas atuais, sem que seja de forma explícita, quer sejam a televisão, os jornais, revistas (nacionais e estrangeiras), o vídeo-aluguer, os jogos electrónicos, os manuais escolares, exposições artísticas, postais turísticos, quadros decorativos, cartazes e *outdoors* publicitários, levantam questões de identidade. As estruturas do imaginário parecem estar assim presentes, como refere Martins (1997, p.27) nos novos mitos propostos pelas imagens que os meios de comunicação promovem e que subliminarmente invadem a memória dos sujeitos.

Em 2009, Idalina Conde fala sobre estes conceitos de arte e poder e caracteriza o poder artístico como o triplo poder de representar, transcender e agir sobre os imaginários e a sociedade com que as obras atravessam as histórias culturais de patrimónios e pedagogias, idolatrias da arte e iconoclasmos, convenções e subversões. Conde inscreve-o em várias linhas deste triplo poder nos espaços artísticos e interroga-se tanto sobre a sua soberania, como sobre as fragilidades da situação contemporânea, referindo o poder dos artistas no que parece um espaço colonizado por outros poderes, assinalando o poder essencial dos artistas como autores e priorizando os artistas como primeiros sujeitos em arte, e não apenas para os considerar numa identidade carismática, institucional ou corporativa, com traços de elite cultural específica.

A sua ideia pressupõe as singularidades do pensamento artístico, substância do poder simbólico que, na definição consagrada por Pierre Bourdieu (1989), representa antes de mais o poder propriamente intelectual de constituir, instituir e impor, uma “categoria particular de sinais”. Bourdieu (1989:62) defendia que cabe à escola a responsabilidade de “[...] desenvolver em todos os membros da sociedade, sem distinção, a aptidão para as práticas culturais que a sociedade considera como as mais nobres”, ou seja, que só a escola pode proporcionar uma imersão sistemática e positiva nas formas de expressão cultural ausentes da vida quotidiana do(a) aluno(a), mas estarão os professores em Cabo Verde, técnica e cientificamente preparados para esta missão da promoção dos valores culturais e consciencialização para a reflexão sobre as questões de identidade? E, por outro lado, como projectam os artistas do Mindelo as suas identidades culturais, ou, por outras palavras, como projectam eles nas suas criações artísticas a sua visão do mundo? Que marcas os artistas têm deixado ao longo dos tempos, que valores culturais se têm perpetuado nos artefactos que foram teimando em sobreviver? Como é que os pertences que os cidadãos desta comunidade têm incluído no seu quotidiano, os ajudam a definir a sua própria identidade (Mehata e Belk, 1991, In Oliveira, 2015, p. 251). Quais singularidades de pensamento artístico dos artistas contemporâneos em Cabo Verde, que lhes permitem representar, transcender e agir sobre os imaginários e a sociedade caboverdiana actual?

2.3 Políticas Culturais em Cabo Verde

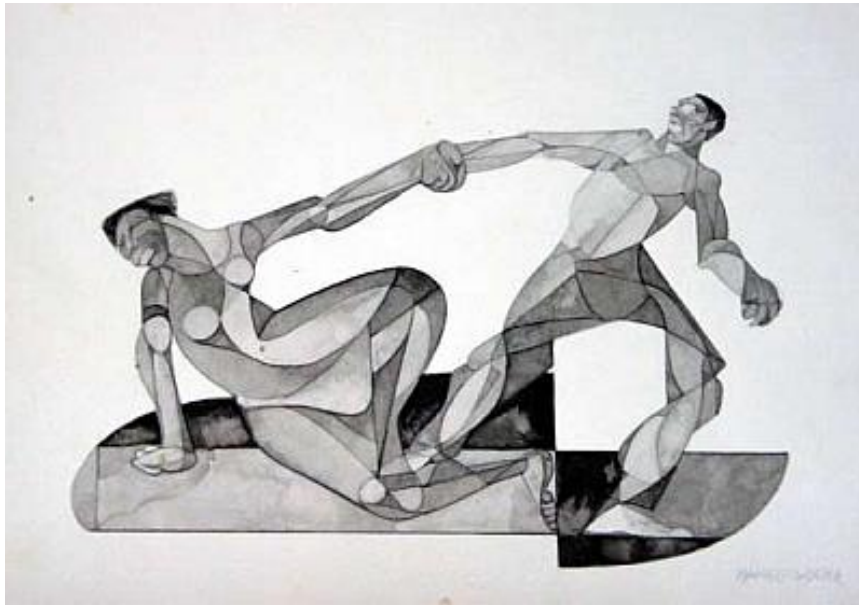


Fig. 16 Ilustração de Manuel Figueira para o livro Korda Kaoberdi

Políticas Culturais do país são, segundo Santos (2001), o conjunto de acções governamentais planeadas com o objectivo de atingir um determinado fim, ou, como refere Fernandes (2003, pp. 203 a 213) são critérios indicadores em especificidades nacionais, orientações comunitária, onde o Estado tem como função criar mecanismos para que a regulamentação cultural actue com as normas da sociedade. Segundo este investigador, uma política cultural, qualquer que seja o partido no poder, aparece sempre penetrada, quer pela ideologia política, quer pela ideologia que espontaneamente atravessa a cultura (p.206) e deve promover um forte investimento na formação das pessoas, porque a produção e o consumo dos produtos culturais dependem do capital cultural que a sociedade apresenta.

O conjunto de acções governamentais planeadas em Cabo Verde desde a sua independência em 1975 até agora, cria um campo de análise que reflete o engajamento de países da África subsariana, que tradicionalmente classificados como países "em vias de desenvolvimento", "subdesenvolvidos" ou "de 3º Mundo", com uma gestão cultural orientada por objectivos, acções planeadas e critérios indicadores de especificidades nacionais. A herança perpetuada pelos líderes nacionais no período pós independência entre as décadas de 60 e 70,

sustentados por um Partido Único, obrigou que o estado tivesse então uma mão muito forte. Muitos desses países saltaram de um processo exógeno de exploração suportado pelo sistema económico do colonialismo europeu em África, para modelos endógenos maioritariamente socialistas de partido único, com o argumento económico de subdesenvolvimento, mas rapidamente virado para alimentação de grandes corporações multinacionais de mercado.

Um dos traços marcantes do Estado colonial, que o torna distinto de outros tipos de Estados, é a sua duplicidade. Esta confere-lhe um carácter dualista, no sentido em que o Estado colonial baseia-se em dois conjuntos díspares de componentes: (a) um conjunto de componentes institucionais de origem ocidental e (b) um conjunto de componentes humanos e geográficos genuinamente africanos. (O. Silveira, 2004, p. 27)

A necessidade de definir novas referências culturais é alarmante, tal a necessidade de demarcar um campo antes ocupado ostensivamente por valores ocidentais de regimes fascistas, como o de Salazar em Portugal. O desafio dos novos estados africanos é sem dúvida criar uma identidade nacional, a partir de valores presentes nas diferenças étnicas que passam a integrar uma fronteira comum. Silveira refere: "*Tal como o nacionalismo africano, o socialismo africano também se diz uma ideologia radical. Este radicalismo expressa-se como uma abordagem progressista da mudança, seja política, social ou económica. O atingir dos objectivos progressista, no entanto, subordina-se à luta nacional contra estruturas de subdesenvolvimento (i.e. neocolonialismo e imperialismo) que foram criadas e são perpetuadas por um inimigo nacional.*" (2004, p. 136)

No caso de Cabo Verde a sua condição crioula apela ao resgate das marcas africanas silenciadas durante os cerca de quinhentos anos da sua miscigenação, mas principalmente a sua língua materna (Fig. 16), o *Kriôl de Cabverd*:

KENH'É MI? / QUEM SOU EU?

'M ka sê kinh'ê mi ' / Não sei que eu sou !

*'M sta na Mundo, Mundo ka pa mi , / Estou no Mundo, o Mundo não é para mi ,
fidjo pobo, ka di povo / filho do povo, sem ser do povo
pabia nim povo ka di povo ! / por via do povo não pertencer ao povo !*

*Ami ê karni di disgrassa , / Eu sou a carne da desgraça ,
bento - nada di barudjo / vento - nada do barulho
ta grita dodo - raboita, kaba ko kussas ! / a grita doido: revolta-te ! Acaba com isso*

*A mi ê ka mi, ami ê ka nunguem , / Não sou eu-mesmo; não sou ninguém ,
ami ê di Pobo, d'Era / eu sou do Povo, da Era que passa
fidjo-sombra di Pobo. / filho-reflexo do Povo.
Manham, dia di Manham ! / Amanhã, no dia de Amanhã !
bebê nha sangui di raboita, bebem / bebe meu sangue de revolta, bebe-me
pa' u podê manxê sussegado . / para poderes acordar em paz ao amanhecer .*

(Kaoberdiano Dambará, in *Contravento*, 1982)



Fig. 17 Declaração de Independência na ilha de S.V. 1975

De 1975 (Fig. 17) até agora, apesar da legislação criada, Cabo Verde não conseguiu oficializar a sua língua materna e dar-lhe o tratamento adequado. Não obstante o reconhecimento do seu valor cultural em diferentes sectores da sua sociedade, ou não fosse esse um objectivo a alcançar, faliu de forma inequívoca nas acções planeadas para o efeito, que previam:

Preservar, valorizar e promover a língua materna e a cultura cabo-verdianas” (Art. 7º, i - Tarefas do Estado, Constituição da República, 2010).

O Estado promoveu as condições para a oficialização da língua materna cabo-verdiana, em paridade com a língua portuguesa. (Art. 9º, 2., Línguas Oficiais, Constituição da República, 2010):

Promover a defesa, a valorização e o desenvolvimento da língua materna cabo-verdiana e incentivar o seu uso na comunicação escrita (Art. 79º, 3. f) - Direito à cultura, Constituição da República, 2010)

Estes pontos da Constituição que pretendem dignificar a sua língua materna, não encontrarão as articulações políticas necessárias para a sua efectivação e respondem assim aos anseios dos caboverdianos, traduzindo em certa medida e de forma geral no campo da cultura, as dificuldades que o estado tendo tido em implementar um reforma. O argumento mais válido e recorrente é falta de recursos, mesmo que país tenha evoluído da categoria de país menos avançado para a de um país de desenvolvimento médio em 2008. Por essa razão a herança secular de vários períodos de fome e a dependência externa do seu desenvolvimento coloca as políticas culturais em segundo plano dos investimentos, ainda que os discursos políticos sejam embelezados com elementos da cultura.

A identidade cultural caboverdiana, assente na língua materna, projecta-se sobretudo na música, poesia e literatura (Figs. 12 e 13), expressões com percurso anterior ao da independência nacional. As Artes Visuais, devido ao seu confinamento pelo regime colonial estão bastante debilitadas e passam ser a ser alvo de atenção de artistas com formação erudita, que regressam ao país, na maioria formados em Portugal, como é caso do pintor Manuel Figueira:

... no conjunto de obras que Manuel Figueira realizou nos primeiros tempos do seu regresso a Cabo Verde – trata-se de um núcleo particularmente interessante porquanto se perscruta o acto inquebrantável do artista na procura de uma linguagem identificadora não só de si, enquanto individualidade expressiva mas, sobretudo, de uma voz, uma plástica, uma narrativa, enfim, aglutinadora da matriz cultural (cromática, até) do seu país (in catálogo *Exposição individual antológica - Seleção de obras realizadas entre 1960 e 2008*, Galeria Perve, Lisboa, 2009).

2.4 Mindelo e a sina de “capital cultural”

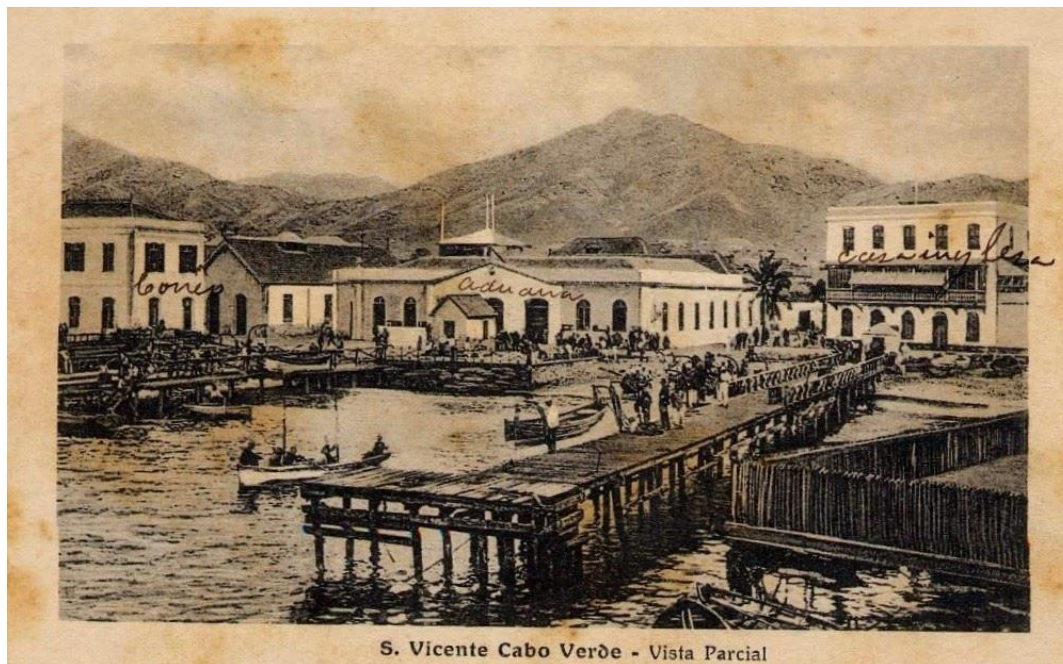


Fig. 18 Postal Antigo ilha S. Vicente

“... mãos de gente, feito formigas a arrumar pedras de carvão nos sacos, a levantar aquela poeira escura para enformar um caminho no chão, conforme aquelas juntas de mulheres vinham a pinchar suas cargas a desbordar, desde o quintalão, para na volta rebocarem carrinhos cheios de sacos vazios, num vaivém sem manquejar. Quem estava a olhar de longe pensava como aquelas gentes tinham endoudecido suas cabeças. Daqui do cais é que se tomava ciência, direito, daquele desespero.” – Negrume /Lzimparin, Luís Romano, 1973, p. 45)

Ilhas como Santiago, Fogo, Santo Antão, São Nicolau, Boa Vista, Brava e o Maio, encontravam-se já povoadas, em diferentes momentos, há mais de três séculos, e é com essa gente que se vai incrementar o povoamento da ilha de São Vicente. “O que resgata S. Vicente à sua sorte, marginal e periférica, é a profunda recomposição que conhece o espaço atlântico durante a primeira metade do século XIX” - (Correia e Silva, p. 31) A revolução industrial (Fig. 18) do império inglês. Esta permitiu na voz de Cardoso o encontro entre todos os caboverdianos de todas as ilhas potenciando as suas mais importantes qualidades do ser crioulo.

O efeito de cidade que S. Vicente exerceu sobre todo o arquipélago foi demonstrativo da autenticidade e da universalidade das diferentes formas de expressão que vinham sendo criadas, de forma aparentemente isolada, em cada ilha. A interação dessas expressões no ambiente cosmopolita de cidade deu às contribuições separadas de cada ilha uma amplitude e uma abrangência que provocou no povo do arquipélago o reconhecimento de si próprio e que permitiu-lhe visionar a dimensão exacta do seu património cultural. (Cardoso, 1998, p.10)

No filme *Golfo Popular* de Ana Fernandes (2012), o Prof. Antero Barros a quem o documentário presta homenagem, relata de forma emocionada como o grupo a que pertencia Lords, fizeram uma luta política e cultural titânica para que as gentes da terra pudessem praticar o golfe, considerado um desporto de elite dominado pelos ingleses, funcionários da telegrafia e das companhias de carvão presentes na ilha nesta altura. Este filme é uma metáfora da afirmação da universalidade do caboverdiano mesmo diante de uma potência imperial de tamanha dimensão. Mas isto aconteceu porque Barros estava devidamente preparado, seja moralmente, seja tecnicamente.



Fig. 19 Senador Vera-Cruz

Nos anos 20 do sec. passado começou a ser implantado na cidade do Mindelo, curiosamente no edifício destinado inicialmente a quartel militar, o liceu. Mas antes, um dos mais importantes nomes da história de Cabo Verde, o Senador Vera-Cruz (Fig. 19) (1862 - 1930), havia cedido a sua própria residência para instalação do primeiro liceu de Cabo Verde, no ano de 1917 em Mindelo. Com isso conseguiu que a história do ensino no arquipélago mudasse completamente o seu curso, já que a partir de então estava mais acessível às famílias de todas as demais ilhas enviar os seus filhos para S. Vicente para continuarem os seus estudos, permitindo

assim que Mindelo se constituísse no centro intelectual e cultural de Cabo Verde. através da poesia, da literatura e sobretudo da música - na Morna, sua expressão máxima, onde se vem destacar dois nomes determinantes, o compositor B. Léza e o cantor Bana. Entretanto, este percurso já vinha sendo iluminado pela revista *Claridade* através dos escritores Baltasar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa, não só pela temática local mas sobretudo pela valorização da língua materna, o crioulo.

As gentes das ilhas, deixadas, à sua sorte, souberam estabelecer canais múltiplos de comunicação através dos quais partilhavam informações sobre o esforço titânico que todas e cada uma vinham desenvolvendo na libertação de relações sociais preestabelecidas e na construção de unia existência mais em consonância com o ambiente envolvente e mais solidária nas dificuldades extremas. Os frutos desse diálogo de séculos manifestaram-se de forma exuberante quando, pela primeira vez, a sociedade rural caboverdeana se urbanizou e criou a sua primeira cidade — Mindelo, em S. Vicente. (Cardoso, p. 10)

Assim, para este autor, a cidade de Mindelo é uma criação caboverdiana e o maior símbolo da sua afirmação identitária e de "exuberante" expressão, que fica mais claro nos versos de um dos seus maiores trovadores.

Êss pais/Este país

*Bem conchê ess Mindelo pequenino / Vem conhecer este Mindelo pequenino
Bem conchê sabura di nós terra / Vem conhecer doçura da nossa terra
Bem conchê ess paraíso di cretcheu / Vem conhecer este paraíso de Amores
Qui nós poeta cantá co amôr / Que os nossos poetas cantaram com amor
Na sês verso imortal criôl / Nos seus versos imortais crioulo
Quem ca conchê Mindelo / Quem não conhece Mindelo
Ca conchê Cabo-Verde / Não conhece Cabo Verde*

*Bem disfrutá morabeza / Vem desfrutar Amorabilidade
Dêss povo franco sem igual / Deste povo franco sem igual
Li nô ca tem riqueza / Aqui não temos riqueza
Nô ca tem ôro nô ca tem diamante / Não temos nem ouro, nem diamante
Ma nô tem ess paz di Deus / Mas temos esta paz de Deus
Qui na mundo ca tem / Que no mundo não tem
E êss clima sabe qui Deus dóne / E este clima bom que Deus nos deu
Bem conchê êss pais / Vem conhecer este país*

Manuel de Novas

2.5 Artistas Plásticos: definição, mitos, *status*, temáticas

Desde a década de 90, proliferam modos de (auto)organização artística em redes, plataformas, projectos, e com propriedades de interface: híbridos, flexíveis e mais voláteis. Estas micro-estruturas, personalizadas e informais, mas com carteiras elásticas de colaboradores e projectos, bem como irradiação translocal apoiada nas novas tecnologias, alteraram bastante o mapa dos circuitos, centralidades e periferias artísticas de compromisso entre o regime de comunidade para todos os cidadãos. Alterou também a singularidade se não jurídica certamente simbólica, consentida ou expectável para a identidade de cidadãos mais singulares como os artistas.

Os artistas sabem, pois como se tomam decisões importantes no quotidiano do palácio (metáfora do poder) para as suas obras e a sua vida, transportando frequentemente para o seu mundo a auto-representação conspirativa e culposa do poder que se respira na corte e em estruturas do paroquialismo: “máfias”, clusters de influências às quais se pode sempre endossar a culpa – ou a suspeita. Mas o poder, declinável em muitas formas como se viu ao longo desta investigação, não está para além de nenhum dos parceiros em jogo. Trata-se de uma relação, que se deve modelar para facilitar a troca hábil, bem negociada, de que depende a sobrevivência de muitas ideias. Entretanto constatamos que pintores e outros artistas com um percurso nacional e internacional, tais como Manuel Figueira, Tchalê Figueira, Bento Oliveira, Xande Silva, Kiki Lima, Misá, David Levy Lima, Armando Pinheiro, Bela Duarte e muitos outros, continuam distantes das referências imagéticas da sociedade e sobretudo das escolas (ver Anexo I e II). As figuras 14, 15 e 16 são exemplos de três pinturas de artistas cabo-verdianos.



Figs. 20, 21 & 22 Três quadros de três pintores caboverdianos contemporâneos, de Tchalê Figueira, Luísa Queirós e Alexandre da Silva. © fonte Net

Não podemos ignorar que, tal como Tota (2000, p. 20) afirma, a produção e consumo de uma obra de arte não ocorrem num vácuo social, mas sempre tendo em conta um conjunto de convenções sociais, não havendo uma divisão entre as coisas artísticas e não artísticas, mas tal como refere Cruz (2009, p. 214) “apenas entre os actos de consumo regulados por diferentes convenções estéticas e económicas. A criação de um artista passa para a esfera pública, para outro plano, onde é consumida por um receptor. Tanto o acto de apresentação como o de recepção implicam uma acção em que há cooperação de dois sujeitos: o produtor e o receptor”.

Esta citação de Angélica Lima Cruz (2009) leva-nos a compreender que o valor atribuído às obras de arte e a sua aquisição dependem muito da capacidade económica do comprador e da capacidade de resposta do produtor à procura. E aqui surgem novamente as questões da investigação . O que se está a passar exactamente no contexto de Cabo Verde e especificamente na ilha de São Vicente?

Sumário

Neste capítulo definiram-se alguns conceitos chave e apresentou-se uma breve reflexão sobre as políticas culturais e fenómenos das artes e da cultura na contemporaneidade do contexto da ilha de São Vicente - Cabo Verde, tendo-se enfatizado alguns dos nomes de artistas plásticos de Cabo Verde que são o reflexo de uma nossa construção identitária, que reflectem uma identidade múltipla, que se dilui num pós-exotismo, num segmento identidade e história explorando modos

iconográficos de representação do lugar do ser humano, da importância das suas tradições orais para a sua referencialização sócio-cultural, através de desabafos criativos. Arte e Cultura são os dois conceitos que nos permitem definir a expressão desta identidade plural, "ambígua" ou até de certa forma intermitente. A relação entre Arte e Poder, é um campo que consideramos pertinente e que antecede o das Políticas Culturais, o qual se procura analisar, a partir das principais orientações do estado entre 1975 e 2016 no domínio do Património cultural. Apresenta-se uma breve síntese das práticas artísticas contemporâneas em S. Vicente, das suas principais marcas e especificidades.

CAPÍTULO III: HISTÓRIAS DE VIDA COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

... há, penso, uma estória a contar sobre todas estas estórias – ou, claro, poder-se-ia dizer, há muitas, mas esta, neste momento, é a minha **K. Appiah**

3.1 Introdução e Finalidades

A presente investigação foi motivada pela inquietação do investigador face à falta de apoios públicos e privados aos artistas de Artes Plásticas da cidade do Mindelo. O capítulo descreve e justifica o método seleccionado, apresentando as suas vantagens e desvantagens, assim como as técnicas de recolha de dados e considerações éticas.

3.2 Método de Histórias de Vida

O método de história de vida permite outras formas de construir a ciência (Cruz, 2009) a partir de uma abordagem biográfica. Sustentado-se num conjunto de entrevistas exaustivas, este método procura através da oralidade dar voz aos sujeitos excluídos da construção histórica eurocentrista. Sendo assim torna-se, a partir dos anos sessenta, numa importante ferramenta científica. Vários autores (Denzin, 1997; Ferrarotti, 1983; Cruz, 2009) destacam-se no desenvolvimento deste modelo.

História de vida, enquanto método que permite a presença dos “excluídos” no lugar da conhecimento científico, torna-se fundamental em território como o africano, distante do poder científico e com um poderoso saber sustentado na oralidade. Quando as entrevistas recaem sobre gente menos famosa, está-se mais interessado na forma como é vista a história na perspectiva do cidadão comum (Bogdan & Biklen, 1994) e que esse é o propósito do presente estudo. No entanto, não será de mais referir que histórias de vida contam já com um percurso que pode ser sistematizado em quatro tipos de abordagem:

- História oral, onde as biografias são vistas como representação de uma determinada cultura, sobretudo culturas em extinção;
- Escola de Chicago, onde as histórias de vida são um recurso para estudar os problemas sociais, resolvê-las e assim melhorar a vida na sociedade.

- *Sociologie du cours de vie*, de Bertaux (1993), as histórias de vida são vistas como técnicas para estudar as estruturas sociais e as suas leis.
- *Autonomia do método biográfico*, de Franco Ferrarotti (1983), que constrói uma perspectiva onde a pessoa biografada “representa” a “visão do mundo” de um grupo social ou profissional. Ferrarotti procura uma renovação metodológica no campo da sociologia que podesse libertar de concepções ligadas à expressão do poder, numa perspectiva crítica.

Bogdan & Biklen, (1994) definem as histórias de vida como uma tentativa para reconstruir a carreira dos indivíduos, enfatizando o papel das organizações, acontecimentos marcantes e outras pessoas com influências significativas comprovadas na moldagem das definições de si próprios e das suas perspectivas sobre vida, enfatizando-se o espaço antropológico. No entender de Augé (2001, p. 84, In *Mixinge*)

o espaço antropológico foi e é a tentativa sofisticada de definir diversas matrizes culturais, na base da dicotomia entre o observador e o observado; é também, um espaço conceptual inventado e que se velou reaccionário à medida em que, por um lado, deu mais importância ao dito pelos outros (visão exógena), do que ao dito pelos próprios sujeitos das culturas que pretendiam analisar (visão endógena) e, por outro, não outorgou suficiente importância à arqueologia dos lugares e da memória colectiva (p. 105)

3.3 Vantagens e Desvantagens de Histórias de Vida

Ao escolher o método de Histórias de Vida foi levado em conta vantagens e desvantagens que o mesmo oferece. A história oral possibilita construir uma visão e enfatizar a vida daqueles que são excluídos ou negligenciados pela História canonizada e esta ideia é reforçada por vários autores (e.g. Araújo, 1995). Ainda dentro do campo científico este método vem ampliar a noção de documento e a multiplicação de possibilidades de fazer história, servindo-se de procedimentos teórico-metodológicos que assinalam aspectos mais salientes na complexidade das vidas humanas.

Sobre as suas desvantagens alguns investigadores chamam a atenção para problemas como enviesamento, psicologismo, voluntarismo ou ideologia biográfica. Outra das dificuldades tem a ver com a gestão do tempo de pesquisa, que pelo carácter exaustivo das entrevistas requer

bastante cuidado no tratamento das mesmas. Um outro problema poderá surgir quando o investigador pretende a generalização dos resultados (Bogdan & Biklen, 1991). No caso da presente proposta de investigação não estamos interessados na generalização, mas sim em revelar e destacar um contexto bastante particular, pouco ou nada estudado.

3.4 Amostra

O tipo de amostra escolhida é a *amostra não-probabilística*, também conhecida por *amostra de conveniência*, onde segundo Sampieri (2006), a escolha dos elementos não depende da probabilidade, mas sim de causas relacionadas com características da pesquisa ou de quem faz a amostra. Foram seleccionados quatro artistas que, pela proximidade e que pelo percurso realizado apresenta-se conteúdo para desenvolver a pesquisa, e a tornar-se viável, sendo três destes homens e uma mulher, em que todos se encontram e vivem na cidade do Mindelo, ilha de São Vicente. Apenas um destes artistas não consta no Anexo I. No todo, essa amostra, apresenta uma diversificada forma de expressão artística que inclui a tapeçaria, o desenho, o batik, a pintura, a escultura e artesanato, que se realizam em situações bastante diferenciadas, pertencendo todos ao mesmo contexto.

Quanto ao número de amostragem, o critério escolhido é o da suficiência, pois consideramos ser esse um número suficiente para analisar o contexto em estudo e produzir um conhecimento sobre a produção artística cabo-verdiana que seja válida sobretudo para Educação Artística.

3.5 Técnicas de recolha de dados

3.5.1 Entrevistas qualitativas

Sendo que o método de história de vida recorre essencialmente às entrevistas, esta técnica assumiu nesta pesquisa um papel importante enquanto instrumento de recolha de dados (ver Anexo II). A proximidade entre o investigador e os sujeitos entrevistados, facilitou a abertura para as questões sobre os quais versa esta pesquisa. Sobre as suas possibilidades, permitiu a recolha de dados descritivos da linguagem dos entrevistados, assim como uma melhor compreensão sobre a maneira como eles o mundo (Bogdan & Biklen, 1991). Na obra de Sampieri (2006), são mencionadas três categorias de entrevistas: estruturadas, semi-estruturadas

ou abertas, sendo que o grau de flexibilidade é a principal variante entre elas. Pensamos que, pelo tipo de estudo proposto, as entrevistas semi-estruturadas são as mais adequadas a esta pesquisa, tendo sido essas as seleccionadas.

3.5.2 Observação qualitativa

Nesta investigação a observação, enquanto técnica de recolha de dados, foi usada em complemento às entrevistas de forma a reforçar o contexto em estudo, permitindo que o estudo penetre esferas fora da “oralidade”. Foi pois fundamental acompanhar os indivíduos em diferentes situações e actividades de forma a entender o sentido das suas palavras. Enquanto técnica permitiu uma “reflexão permanente” e exigiu atenção sobre interacções, factos, eventos e detalhes (Sampieri,2006). Seguimos assim diferentes momentos dos artistas, em momentos como o trabalho num evento de grande importância cultural para ilha como o Carnaval, assim como uma mudança do espaço da oficina, ou o momento de intervenção musical que um dos artistas mantém semanalmente como *hobby*.

3.5.3 Biografias

Este instrumento possibilitou uma apresentação genérica do percurso de vida de cada um dos artistas pesquisados e ajudou traçar uma primeira relação entre o percurso destes e a sua implicação na sua actividade artística. Sampieri (2006) define como “*método no qual se solicita a um ou vários indivíduos que narrem suas experiências de maneira cronológica, em termos gerais, ou sobre um ou mais aspectos específicos (de trabalho, educativo, sexual, conjugal etc)*”. Foram estas informações que permitiram criar a apresentação de cada um dos artistas em estudo, antes de submergirmos definitivamente nas histórias de vida.

3.5.4 Fotografia

A fotografia procurou inventariar o contexto onde ocorreram as actividades observadas. Foram ainda solicitadas aos mesmos fotografias pessoais, digital e impressa, que se constituíram em material de análise conjuntamente com os depoimentos, já que são considerados pelos entrevistados como fazendo parte do seu percurso.

3.6 Considerações éticas

História de vida, enquanto método de pesquisa, por assentar na vivência de sujeitos, muitas vezes anónimos e que se disponibilizam para estudos, exige grandes responsabilidades para com os entrevistados por parte dos investigadores. Não menos do que isso, poderíamos resgatar os conceitos de consentimento informado e protecção dos sujeitos de que nos falam os autores Bogdan e Biklen (1991, p.75), que devem acompanhar o investigador em todas as etapas do trabalho. Um protocolo de compromissos deverá ser aceite por todas as partes para que modere o trabalho científico e garanta a privacidade da vida das pessoas.

Antes que o sujeito faça parte da história é de todo fundamental que este esteja de acordo com ela, sendo importante uma autorização por parte dos mesmos na validação final dos dados recolhidos. Assim as entrevistas, depois de transcritas foram impressas e entregues aos entrevistados para fazerem apreciações, sugestões e correcções, ou mesmo abdicarem de alguma declaração, com aconteceu com um dos entrevistados. Foi mais um momento para ganhar consideração e confiança dos mesmos, que foram permitindo outros momentos de observação, sem necessariamente realizar qualquer tipo de entrevista ou questionário. Os entrevistados deram autorização também para recolha de fotografias das suas obras e publicação das mesmas nesta dissertação.

Sumário

O capítulo III teve o propósito de descrever e fundamentar a escolha do método de investigação, explicar as suas características, o plano de acção, o contexto e amostra da pesquisa, a caracterização da amostra, assim como os instrumentos de recolha de dados e considerações éticas tidas em conta para que a investigação respeitasse o consentimento informado e a protecção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos, garantindo que a mesma seja íntegra e se mantenha fiel aos dados obtidos.

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 Introdução e Finalidades

Este capítulo apresenta os dados recolhidos a partir da condução de entrevistas a quatro artistas da ilha de São Vicente, cidade do Mindelo, Cabo Verde, com o propósito de identificar alguns dos aspectos relevantes relacionados com o problema seleccionado no início deste estudo. Quando comecei a descrever, devido as constrangimentos de espaço, decidi apresentar os dados segundo categorias que se relacionam com as questões chave da dissertação. No entanto a descrição completa das entrevistas e relatos de jornais podem ser consultados nos anexos.

Esta descrição foi levada a cabo, como já foi mencionado previamente, de acordo com as seguintes categorias específicas: (i) Identificação dos quatro artistas mindelenses; (ii) Percurso artístico; (iii) Artistas e obras; (iv) Internacionalização.

Para a recolha de dados foram definidos instrumentos acima citados no capítulo III. O primeiro passo da análise de dados consistiu na revisão de cada um dos materiais obtidos de forma independente, para verificar se os mesmos se encontram substanciais, e mais importante para me certificar se não havia necessidade de voltar ao campo de trabalho, como aconselha Sampieri (2006). Nessa etapa foi importante comparar o conjunto de materiais obtidos com os objectivos da pesquisa antes da análise dos mesmos. O segundo passo consistiu na formatação e síntese do material, de forma que este estivesse melhor estruturado para a análise, segundo as questões-chave. O terceiro passo consistiu em organizar o material de acordo com critérios como os temas ou categorias de análise e a sua importância para o estudo. Por fim, o quarto passo consistiu em reflectir sobre a validade e a confiabilidade dos métodos utilizados, na análise em profundidade de todos os passos da realização da investigação, de modo a dar sustentabilidade ao estudo.

4.2 Histórias de Vida de quatro artistas mindelenses

Conhecer a história de vida de artistas seleccionados para este trabalho, permite antes de mais aceder com a devida clareza a uma realidade arquipelágica, crioula, de um pequeno estado insular, que se desenvolve entre inúmeras mestiçagens e uma forte matriz de emigração. Os

nomes de Albertino Silva, Fernando Morais, Joana Pinto, e Nild, constituem uma referência consolidada da produção artística em S. Vicente, onde mantêm fixa a residência.

Todos nasceram antes da independência do país (1975), revelam percursos diferentes e nenhum deles acedeu ao percurso académico das artes, tendo seguido a intuição criativa desde a sua infância. Com formações muito próprias, percebemos que cada um foi, num certo momento, atrás de capacitação que lhe permitisse ampliar a sua atuação numa determinada área técnica e assim adquirir as competências e um discurso artístico.

Com objetos artísticos resultantes de uma preocupação estética nas áreas de pintura, tapeçaria, escultura, desenho, alto-relevo, chapa metálica, a sua intervenção encontra lugar em espaços como carnaval, decoração de espaços públicos, arte funerária, artesanato ou reciclagem e reaproveitamento de resíduos.

4.2.1 Identificação dos artistas

4.2.1.1 Albertino Francisco Silva

Albertino Francisco Silva nasceu a 28 Novembro de 1967 na cidade do Mindelo, ilha de São Vicente. Filho de Francisco Borges Silva e Marcelina Antónia Silva cresce numa família de onze irmãos. É casado com Raquel Ferrer e pai de duas filhas (Fig. 17): -*“Não queria inventar nada. É o meu nome. É simplesmente o nome que uso. Como é Albertino Francisco Silva, optei por Albertino Silva. Quando as pessoas me contactam para trabalhos é Albertino Silva. Mas se for um amigo chamam-me Albertino ou Bets. A minha família é constituída por mim, minha esposa e duas filhas. Gosto de fazer caminhadas, pesca e outros, mas principalmente estes dois.(...)”*



Fig. 23: Albertino Silva na execução da peça Abla Pokou© cortesia Albertino Silva

Ele recorda na entrevista, com muito orgulho as brincadeiras, a cultura de criatividade que os seus pais e avós lhes transmitiram, os brinquedos que confeccionavam em casa, para depois trazer para as ruas. Ele considera que com isso, apesar das carências da época, as crianças construía a sua felicidade desprendida do consumismo obsessivo. Foi evidente o seu gosto em recordar os jogos tradicionais, tais como o recordai, o pião, o carrinho de lata ou arame, o carrinho de rolamento, a “scuta”, os “piques”, os papagaios, o jogo de “matas”...

Fora de São Vicente viveu, mas muito pouco, mas considera que está dividido entre duas ilhas: São Vicente e Santiago “*Sou de São Vicente, mas fixei residência durante três anos em Santiago. Fora de Cabo Verde viver não! Já viajei algumas vezes, mas viver não...*”

4.2.1.2 F. Morais ou Fernando Gabriel Lopes Morais

F. Morais ou Fernando Gabriel Lopes Morais nasceu na cidade do Mindelo em 27 de Dezembro de 1965. Filho de Teresa Morais e Gabriel Morais. De uma família de dez irmãos, 3 raparigas e 7 rapazes, tem como referência primeira, aquele que o levou a enveredar-se pela actividade artística, o falecido irmão Manuel. Mais conhecido por Nóia, assina sempre F. Morais.



Fig. 24: F. Morais no estaleiro de carnaval© Tamba Almeida

Esse é um autêntico mistério, que nem eu sei, não o chamo nome artístico, porque normalmente eu assino F. Morais. Agora como as pessoas chamam-me doutro modo, tenho é que aceitar, não é. Só que não o assumo na plenitude, assino sempre os meus trabalhos F. Morais, como já tenho 20 anos a fazer essa brincadeira, acho que já não posso voltar com outra marca, então tenho é que continuar assumindo-o assim. Aconteceu assim normalmente, sempre eu quis destacar o apelido Morais, que é um nome de família e sempre quis dar-lhe algum destaque, porque na minha família não tem ninguém com um carácter assim tão popular como eu, se é que eu tenho um carácter popular, então eu é que sou essa pessoa indicada para levar Morais adiante, por isso eu uso F. Morais. É um paradoxo, fazer o quê, não é? Há muitas pessoas, como muitos políticos, chamam-lhes uma alcunha, mas o seu nome é o seu nome. Extravasa os meus conhecimentos, nem eu nem os meus pais nunca souberam. Sim desde criança, mas nunca eu soube explicar. Assino sempre F. Morais, embora seja conhecido por outros nomes. Mas sempre assino todos os meus trabalhos F. Morais. Chamam-me vários nomes: Nóia, Chan... porque antigamente eu

treinava artes marciais. Super, porque na tropa eu tinha uma mala desenhada um Super-homem, etc. Faço questão que seja sempre F. Morais, embora outras pessoas digam que não, mas eu prefiro sempre esse. Nasci em São Vicente, no período antes da independência, o que quer dizer que não me considero ser cabo-verdiano, uma vez que nasci antes da independência de Cabo Verde. Portanto nunca considere ser cabo-verdiano, considero ter nascido em território português, logo sou português, mas sou cabo-verdiano à força. Essa é uma polémica à parte. Os mais velhos como são filhos de outro pai, foram muito cedo para o estrangeiro. Eu vim a conhecê-los já grande, mas os restantes sempre cresceram unidos aqui, em Cruz.

O seu agregado familiar nunca mudou muita coisa. Simplesmente cada um foi seguindo o seu destino normal, foi casando, foi saindo e neste momento apenas F. Morais é que ficou. Neste momento só ele é que vive em São Vicente. Só ele porque, entretanto o seu pai reformou-se e como é uma pessoa idosa, ele considera que não pode abandoná-lo. Mas a casa está sempre cheia de gente... sim a casa está sempre cheia de gente, por causa do núcleo familiar. Esse núcleo nunca rompeu, mesmo que estejam a morar nas suas casas, continuam sempre a encontrar-se na casa dos pais.

Ele alega que faz várias coisas. Normalmente pratica artes marciais, faz caminhadas, gosta de andar nas montanhas e campos, considera-se um leitor compulsivo. Não gosta de discotecas, mas gosta de bons espectáculos, embora considere que no Mindelo nada aconteça normalmente: - *“não há espectáculos aqui de nenhuma espécie, nem musical nem teatral e já não me lembro quando é que fui ver uma peça teatral, tirando o Mindelact que é uma coisa sazonal...São essas basicamente!”*

4.2.1.3 Joana Baptista Delgado Santos Pinto.

Joana Pinto nasceu na ilha Santo Antão, concelho de Porto Novo, 28 de Julho de 1957, na localidade Ribeira das Patas (Fig. 19). Filha de Joaquim Leite Santos e Maria Francisca Delgado. Vinte e um irmãos.



Fig. 25: Joana Pinto no seu atelier© fonte Tambla Almeida

Somos cinco. Eu, meu marido e três filhos. Temos uma filha e dois filhos. Tive vinte e um irmãos, só que um já faleceu e somos vinte neste momento. Tenho dezanove irmãos... espera. São tantos irmãos que uma pessoa esquece. Três irmãos só de mãe, mais vinte e um, tinha vinte e quatro, portanto faleceram dois. Tenho vinte e um irmãos, vinte e dois com a minha pessoa incluída. Neste momento somos vinte e dois irmãos. O primeiro é o Pedro Santos, Georgina Santos, Jorge Santos, Noé Santos, Benvinda Santos, Noémia Santos, Daniel Santos, Francisca Santos, Arlinda Santos, Arlindo Santos já faleceu, Filomena Santos, Margarida Santos, Dilva Santos, Ângela Santos, Gracinda Santos, António Santos, Nilton Santos, Júlio Santos, somos duas Joanas Santos, João Santos. Acho que já disse tudo. Não sei se falhou algum, ah não tem mais. Tem o Ceríco, tem o João Damata e o outro João que já faleceu. Pois, eram tantos filhos, como costume gozar, já não tinham nomes para colocar e começaram a repetir nomes.

4.2.1.4 Nild - Anildo Medina Silvestre

Nild nasceu no Monte, São Vicente a 17 de Abril de 1959. Filho de Romão João Silvestre e Joana Vicença Medina Silvestre. Vinte e três irmãos, oito da mesma mãe. Albertino é o mais velho, Diva Silvestre, Carla Silvestre, Celina Silvestre, Nélide Silvestre, Maria Odete Silvestre, e

Ângela Silvestre. “Zorra” na Praça Estrela e mais recentemente “Serenata” no Hotel Odjo d’Água são trabalhos seus de referência e Nild explica:

Porque Nild é uma derivação crioula do meu nome, Anildo, tiramos o “A” e”o” fica Nild. Sim desde princípio da minha iniciação a nível artístico, já me conheciam por Nild então foi uma continuação, desde família chamam-me de Nild até então me aproveitei, não justificava mudar.



Fig. 26: Nild durante participação no 8º Simpósio de escultura na China © cortesia Nild

A sua infância foi normal em São Vicente. Tal como referiu anteriormente, nasceu no Monte, na Craca. Segundo ele, os seus pais viviam um certo nomadismo, pois não tinham casa própria e acabaram por ir posteriormente para o Lombo e mais tarde para Fonte Francês. Tudo isso foi o trajecto da sua infância, percebendo-se que viveu em muitas zonas.

Naturalmente quando transladamos de zonas diferentes sempre deixas raízes naquela zona onde nasceste ou na onde zona vai, é profícuo porque vais adquirindo amizades, mas nunca esqueces daquela base.

Nós somos quatro. A minha mulher e os meus dois filhos. São dois rapazes. Eu sou amante do desporto, toco um pouco de guitarra e percussão e já participei em alguns grupos musicais. Naturalmente como artista sou sempre solicitado a participar em exposições, em ateliês e etc.

Eu pratico o meu footting, temos um grupo que gosta de ir para os campos, que gosta de conhecer principalmente um pouco de São Vicente, que adora a época das chuvas, em que os campos estão cheios de água. Sou um amante nato da natureza e da beleza do meu Cabo Verde.

4.2.2 Percurso Artístico

O desenvolvimento do percurso dos artistas em estudo, tem vindo a acontecer desde o primeiro momento e é marcado pela vocação, a tal veia artística, que impulsionada por uma formação empírica e muito pessoal, em diferentes técnica e tecnologias, lhes tem permitido desenvolver o seu discurso artístico.

4.2.2.1 Albertino Silva

Albertino estudou na Escola Nova em Ribeira Bote, da pré - primaria até a quarta classe, ao contrário dos seus irmãos que frequentaram o ensino primário na escola dos Salesianos. Lembrou que tinha tido uma professora de segunda classe, que fazia questão de organizar exposições. Quinta-feira era dia de trabalhos manuais. Era o dia que ele mais gostava. Teve essa professora de segunda à quarta classe e afirmou que algumas peças suas ficaram na escola, na sala dos professores, até ele sair da escola.

Depois fez o ciclo preparatório, primeiro e segundo ano e matriculou-se posteriormente na escola técnica, no curso de mecânica, não tendo chegado a concluí-lo. O primeiro e o segundo ano foram feitos na Escola Igreja Baptista do Sr. Ramos e aí já praticamente não tinha trabalhos manuais e diz com ar nostálgico: *“Da Escola Técnica tenho boas recordações, tanto dos professores como de colegas”*.

Segundo ele, o gosto pelas artes partiu primeiramente da sua curiosidade, ao observar o seu pai e irmãos mais velhos a trabalhar. A sua formação começou em casa, com o seu pai e os irmãos. Desde a sua infância ele teve essa sensibilidade para artes e ofícios, sem ter consciência de que posteriormente, a sua vida profissional estaria ligado a isso. Reconhece, no entanto, que depois passaram pessoas pela sua vida que o ajudaram muito. Mas depois da sua primeira formação, que teve a ver com o que faz hoje, fez uma formação na área de cantaria no Ateliermar. Fez aí um estágio e depois acabou por ficar no Atelier e diz:

Posso dizer que funcionou como se eu estivesse numa escola, porque me encontrava com os professores e alunos que vinham para intercâmbios. Quase todos os anos eu participava em formações no Atelier em diferentes áreas. Por exemplo, no Ateliermar a minha especialidade era mesmo pedra. Entretanto fui para algumas oficinas de cerâmica, serigrafia, para ver como as coisas funcionavam. Noutra altura fiz desenho, betão prensado, fibrocimento e metais. Portanto foram técnicas/ formações que enriqueceram os meus conhecimentos. Fiz algumas formações profissionais e depois participei em alguns intercâmbios artísticos. Entretanto durante oito anos

que participei em pequenos cursos ministrados no verão, onde eu trocava experiência com artistas, alunos de outras paragens como Moçambique, Angola, Portugal e Brasil, basicamente... participei num intercâmbio em Belas Artes no Porto. Nesses intercâmbios fizemos escultura em esferovite, escultura em pedra, escultura em metais, papel maché e reciclagem em materiais diversos. Já estive noutra intercâmbio onde esculpi em pedra. Foi em Santiago, Porto Santo-Madeira. Havia ali escultores do Madagáscar que trabalhavam em ferro. Havia também pintores do Togo, Senegal, Zimbabué. Foi muito interessante.

Mas Albertino ressalta que a sua aprendizagem não foi somente com professores. No que diz respeito ao trabalho com a pedra, Armando foi a primeira pessoa que ele viu a trabalhar a pedra. Segundo ele, desconhecia até então outra pessoa que tivesse feito esse trabalho. Foi a primeira pessoa que ele viu a trabalhar essa matéria prima e isso aconteceu no princípio dos anos noventa. O que o marcou foi o facto de utilizar disco para ferro para trabalhar pedra. São pessoas que o marcaram. Mencionou também artesãos que acompanhou desde criança e aprendia com eles:

São muitas pessoas. Lembro-me quando estudava no ciclo preparatório e de vez em quando não tínhamos aulas, eu ia ver os soldadores nos estaleiros de Estradas do Mar a trabalharem. Eu apreciava aqueles trabalhos ainda em estrutura. Embora as crianças da minha idade apreciem os trabalhos quando começam a aparecer cores. Mas eu, já apreciava a estrutura e apercebia o que viria em seguida. Ajudava naquilo que permitiam. Também tento ler qualquer documento que esteja ao meu alcance. Lembro de ter feito a minha primeira exposição, ainda sem estar bem firme ...foi em 1997 que eu fiz a minha primeira exposição. As informações eram um pouco escassas, não era como agora! Por volta de 2000, conheci alguém a quem sempre me refiro, Leão Lopes, que foi visitar o meu atelier. Foi uma pessoa muito interessante que eu conheci e através dele acabei por conhecer outros, como o professor português da Faculdade de Belas Artes do Porto, Carlos Marques, que também é escultor e conheci o Carlos Barreira, também professor aí. Mas antes destes professores deveria ter mencionado a Alzira, mestra em cantaria da Escola da Batalha, Portugal, com quem fiz formação na área de cantaria. Daí em diante fui sempre cruzando com muitas pessoas...tenho dificuldade em mencionar todos os nomes neste momento ... são muitos para os quais tiro o chapéu! Não gostaria de citar nomes, mas posso dizer que tenho muita admiração pelas personagens na pintura de Tchalé. Essas figuras transmitem sensação de volume, mesmo na exposição que ele fez apenas com desenhos a branco e preto. Também gosto da pintura de Nelson Lobo, do Celestino de Santa Catarina, mais como escultor do que pintor, do Mito e do Manuel Figueira. Tem uns quantos, mas... começo pela África. Aprecio a escultura do Zimbabué, eles têm basalto como o nosso. Fazem obras espetaculares. Gosto também de alguns artistas da Costa de Marfim, tais como Koffi Donkor, Gegard Santoni, etc. Também há artistas moçambicanos de referência internacional. Saindo da África, cito o João Cutileiro e João Limpinho. Mas também aqueles que não pertencem ao mundo dos vivos, mas que as obras serão eternamente referências, citando como exemplo o Miguel Ângelo.

4.2.2.2 F. Morais

A sua escola primária foi na escola Praça Nova, perto da estação policial e perto da Fábrica de Tabacos... segundo F. Morais um lugar altamente desagradável, porque essa escola praticamente marcou o seu futuro, pois tinham uma palmatória e todo o aluno tinha terror à palmatória e explica:

Eu considerava-me um aluno exemplar, em termos de produtividade. Um belo dia tive um problema com um colega de escola, então duas professoras deram-me 24 palmatoadas e isso marcou-me para sempre e isso provocou um descalabro, que veio a marcar o meu percurso. A partir dali não fui mais um aluno brilhante. Estive ali na pré-primária e primeira classe. Eu era da 1ª classe quando recebi as célebres 24 palmatoadas.

Depois dali F. Morais foi viver para a cidade da Praia, porque o seu pai trabalhava nas construções técnicas, uma empresa portuguesa que depois se revelou muito desastrosa, tendo sido transferido para essa cidade, onde estavam a construir o cais da Praia. Ali, ele e os irmãos frequentaram a escola Meio-di-Tchada, na Achada Santo António, durante dois anos e conta:- *“Eu tinha um professor que era da ilha do Fogo, que não era bom professor. Ele preocupava-se mais em dar com a palmatória do que ensinar e eu já tinha terror à palmatória!”*

Constatou depois, quando regressou a São Vicente, que a qualidade de ensino já era melhor, mas como fora transferido no meio do ano, acabou por não ser bem sucedido nos estudos desse ano.

Não tive sorte com professores na primária...o professor que encontrei em São Vicente a primeira coisa que me perguntou foi: “A”, e ele já tinha perguntado aos outros colegas “A”, que era artigo definido, feminino, e isso era novidade para mim. Ele perguntou a um outro colega e este respondeu. Ele voltou-se para mim e disse: *“ tu és um grande burro, vai sentar-te no fim da turma”*... isso aconteceu na escola Jorge Barbosa (Liceu Velho)... na terceira classe! Ele colocou-me no fim da turma, deixou-me ali até ao final do ano lectivo e eu reprovei. No ano seguinte entrei outra vez na escola, mas tive uma professora que era uma santa... boa a ensinar, boa em tudo, atenciosa! Graças àquela professora, consegui apanhar o ritmo... O seu nome era Isaura, infelizmente nunca mais a vi. Vieram outros e outros. Sim, depois segui sempre na escola Jorge Barbosa. Gostaria muito de encontrar todos esses professores... tanto os que me prejudicaram, como os que me favoreceram.

Depois regressou novamente à cidade da Praia e aí frequentou o Liceu, com um percurso regular. Nada de relevante aconteceu, até à altura em que teve de ir para a tropa. Ali encontrou uns superiores hierárquicos muito compreensivos e conseguiu estudar até ao 10º ano. Depois foi

para Portugal. O artista afirma que um irmão já falecido, é que teve muita influência na vida dele:

Aquele que me levou a enveredar pela vida artística, morreu cedo. Ele já tinha um verdadeiro talento e eu como para substituí-lo comecei na vida artística. Num primeiro período, eu posso dizer que era totalmente apagado, porque tradicionalmente não tenho ninguém na família que tem a vertente arte. Mas eu tinha esse irmão que faleceu quando eu era criança, ele levava-me uns pares de anos (era mais velho)... tinha um talento natural! Na escola ele era sempre referenciado, tinha sempre prémios e tudo. Então eu admirava-o, eu e outras pessoas! Os meus irmãos mais novos, todos admiravam o seu talento. Eu não conseguia desenhar nada que ele desenhava com muita facilidade, mesmo quando eu tinha idade com que ele morreu. Eu lembro-me que a primeira coisa que ele me ensinou a desenhar foi um prato, e ele disse: *“oh moço, dás um traço em cima, depois dás o traço do meio, ali dentro, o traço como uma meia-lua, etc.* Eu ficava sempre com aquilo na memória, mas depois ele morreu, e depois senti-me na obrigação de seguir o percurso que ele, infelizmente, não conseguiu levar adiante.

Entretanto com o passar do tempo, ele alega que sempre foi curioso, sempre gostou de fazer coisas, mas que não tinha ferramentas, usando como martelo uma pedra e como pincel uma pena de galinha. Relativamente à formação ele referiu algumas pessoas que o influenciaram fortemente:

Tinha um senhor, Armando Pinheiro, que vinha sempre para Cruz. Ele tinha um estilo naif quando pintava, mas eu sempre achei os seus trabalhos grandiosos. Quando ele vinha pintar em Cruz, era logo um acontecimento. Um dia até deixei de ir para a escola para ir vê-lo a pintar. Ele vinha pintar nas paredes e pintava umas dúzias de casas. Vinha, passava uns dias e depois voltava para Salamansa. Concretamente eu via com tanta curiosidade, mas mesmo assim ainda não enfrentava a pintura de um modo profissional, só depois de conhecer Bitim de Nhouse é que encarei a pintura de forma profissional. Foi através do meu pai, porque ele era colega do meu pai! Eu andava numa oficina, que eu frequentava como curioso, que era na oficina do João de Auta! Então o Bitim ia fazer aquelas baguetes, as armações de madeira nessa oficina. Ele levava os quadros para fazermos logo as armações e eu ficava com aquela curiosidade e ouvia as pessoas dizerem: *“Moço esse senhor é muito bom”!* E eu dizia para mim: *“eu também seria capaz de fazer alguma coisa”*, então fui arranjanado tinta, restos de tinta, de construção civil, guache, etc.

Foram aparecendo.... Assim, as pessoas ofereciam-me sobras das coisas de materiais escolares. Na escola usávamos ou guache ou aguarela, mas na escola não nos deixavam fazer o que quiséssemos, só o que os professores diziam: *“não, fazemos isso”* e era só aquilo que fazíamos! Normalmente os professores não davam muita liberdade de explorar, mas em casa eu explorava-o.

Mas um belo dia, a paixão pela pintura apareceu-me de repente, assim “pá”!!! Então comecei a pintar e dali não parei mais. Neste momento considero que estou mais parado, porque senti que a pintura perdeu um certo respeito na sociedade cabo-verdiana, porque apareceram vários pintores e eu vejo a pintura como algo nobre, uma arte nobre! A pintura não deve ser vulgarizada como está sendo vulgarizada. Neste momento toda a gente é pintor! Fazem pintores em workshops de uma semana... como é possível? Depois concorrem para exposições, a par de pessoas que já têm um longo percurso... de modo que fui apanhando a pintura e colocando num canto, faço pintura só por encomenda!

Um colega com quem fez a escola primária e que deixou de ver, veio a reencontrar-se com ele e a trabalhar com ele em publicidade:

(...) foi no tempo que apareceu publicidade em São Vicente, aquela onda de publicidade, que antes não existia, porque a lei não favorecia. Nós tínhamos uma simbiose tão perfeita que praticamente nem falávamos. Falávamos de outras coisas, menos do trabalho que estávamos fazendo. Aquilo que eu estava pensando, ele já dava logo seguimento e ele também a mesma coisa. Ele é daqueles indivíduos que... e fomos colegas de tropa também. Só que quando fomos para tropa, puseram-me na polícia. Estava então a acontecer em Cabo Verde alguma delinquência, e, por essa razão pretenderam reforçar a polícia, mandando tropas irem prestar serviço na polícia. Eu fui um daqueles que foram seleccionados e eu disse-lhe assim: *“estão tomando nome para a polícia, vai inscrever-te”*, era ali no Morro Branco! Ele disse:- *“não eu não gosto de polícia, moço”* e eu respondi-lhe: - *“não é uma questão de gostar, moço. Polícia deve ser mais “descontra” do que tropa e estar a andar com aquelas armas “lá pá tchada”*. Nunca gostei de ser tropa e digo que me puseram na tropa à força, ...eles, os do governo. Então ele não quis ir e fui sozinho para a Praia, outra vez! Praia sempre foi meu destino!

Sobre pessoas que o teriam influenciado na sua arte, ele referiu Manuel, Naiss de Goga: - *“Ele era do Madeiralzinho. Ele é muito talentoso e trabalhou muito no carnaval. Muito bom, muito educado também... já era nos anos 90, depois da abertura política”*. Mas referenciou outras personalidades que o terão marcado:

Não tinha tradição, arte só se ouvia falar, eu ouvia falar em Armando Pinheiro, porque ele vinha fazer uns trabalhos em Cruz. Eu ouvia falar em Bitim de Nhose, porque ele e o meu pai eram colegas de trabalho, e pronto. Um ou outro é que faziam aquelas exposições e as pessoas iam ver. Ficava a ver os quadros admirado e dizia: *“Mas um dia vou conseguir fazer um trabalho daquele, etc?”* Mas agora estou aqui a fazê-los. Mandavam-lhe até prémios de Portugal, porque ainda era no período colonial, antes de independência. Só que não lhes davam os prémios, porque naquele tempo favoreciam os meninos mais, como dizíamos... *“cupim-de-lête”*. Entregavam essas prendas a esses meninos e não lhe davam nada. Mas chamavam-no sempre para participar em exposições, fazer todos aqueles trabalhos. Ele tinha muito louvor, mas infelizmente ele morreu... Não me lembro bem, porque as pessoas mais velhas não falavam perto das crianças.

Em Cabo Verde, segundo este artista, nunca conseguiu tirar nenhum curso e nunca houve nada ligado à arte, em termos formativos, para ninguém. Simplesmente ele via aquelas pessoas credenciadas, chamadas credenciadas, a pintar.

Ele lembra-se, no entanto, quando fez a sua primeira exposição, as pessoas com quem participou em exposições, já eram artistas conceituados, formados em escolas de Belas Artes em Portugal ou noutros países e sentia necessidade teoricamente de seguir em frente. Assim foi para Portugal, esteve numa escola de Belas Artes, mas muito pouco tempo. Chegou à conclusão que não ia aprender nada ali:

(...) foi no Porto, agora falha-me o nome dessa escola, descobri que não tinham nada para ensinar-me que eu já não sabia, pelo menos talvez ao nível de história da arte vá que não vá, eu descobri outras coisas mais, indirectamente. Entretanto eu tinha ido para uma Escola de Formação Profissional na área de Realização Plástica de Espectáculos e ali sim, existiam várias vertentes artísticas dentro daquela área e eu disse:- *“aqui é o meu mundo, é o que eu estava mesmo à procura”!* Tinha dois meses de teórica, um mês de prática, dois meses de teórica, um mês de prática, assim quando eu estava na teórica já estava ansioso para os dois meses terminarem, e vice-versa, quando estava na prática era também tanta coisa, tanta coisa, que eu dizia: - *“quando é que as aulas teóricas chegam, para descansarmos de toda essa prática?”* Ali, indirectamente fui descobrindo coisas, porque as escolas de Arte não ensinam ninguém a ser artista! Isso foi uma coisa que vim a descobrir, embora tardiamente! Mas é uma grande verdade – a escola não faz nenhum artista! Até dizem assim quando a escola abre: - *“nessa escola matriculam-se as vezes centenas de pessoas, duzentos e tal, e um, dois ou três, é que seguem verdadeiramente o curso artístico, os outros vão desistindo, porque descobrem que não têm vocação”*.

Assim foi mais uma experiência da minha parte, porque escola para mim é simplesmente um pretexto para descobrir paralelamente outros caminhos e ainda os estou a descobrir. Em Cabo Verde não, mas em Portugal sim. Em Portugal estudei numa escola que era a Academia Contemporânea de Espectáculos. Por acaso tem muitas pessoas aqui em São Vicente que estudaram ali, como a Sílvia Lima do Centro Cultural Português, o Jota que agora está na ASA e é director de Marketing. Por acaso foram eles que me deram expediente para ir... assim fui para o Porto. Ela disse-me assim: - *“porque não vais para o Porto estudar onde estamos? Ali é uma boa escola, eles têm muitos contactos internacionais”*. E eu disse-lhe: - *“mas eu não tenho contactos”*. Mas ela respondeu: - *“eu tenho, eu arranjo-tos”*. Então deu-me todos os expedientes, mandou-me todos os documentos, arranjei financiamento e fui.

Por acaso ali abriram-se-me muitas portas, estive ali um tempo e em Lisboa, fiz contactos também com algumas escolas de Arte. Até encontrei um colega também daqui de São Vicente, também dessa andança, que é o Toi de Conceição. Por coincidência, quando eu estava ali, esse amigo meu de infância, com quem trabalhara em publicidade, também estava em Portugal, só que estava a trabalhar na construção civil e disse-me:- *“vou largar a construção civil e fazer aquela coisa que sempre sonhámos, fazer um ateliê aqui fora”*, mas eu alertei-o: *“Moço era bom, mas falta-te o mais importante, o lançamento, aquela rampa de lançamento”*. Assim como não tive essa rampa de lançamento e o dinheiro me faltou, tive de vir para Cabo Verde, porque estava às minhas custas. Trabalhava e estudava. Isso era mais em Lisboa, eu trabalhava em Lisboa e ia para o Porto. Mas ainda no Porto eu tive umas pessoas amigas, portuguesas, que me ajudaram, mas não conseguiam ajudar-me em tudo, pelo que tive de vir para Cabo Verde. Era para ir de novo, mas quando vim as coisas ficaram-me mais negras e já não consegui aquele financiamento e ainda aqui estou. Era muito generalista, era mais virado para realização plástica de espectáculo... englobava todas as áreas dentro de espectáculo, desde pintura, escultura, e mesmo construção civil e também tinha noção de luzes e técnicas de luzes, som e trabalho de actores. Tudo o que dizia respeito a espectáculo, tudo ele tinha... tinha

e ainda tem, porque ainda está a funcionar. Estive dois anos, cerca de dois anos e meio ali, entre Porto e Lisboa...

F. Morais inspira-se nos clássicos, e em artistas de áreas diversas: “ (...) *Nesse momento tenho uns...como posso chamá-los, deixa-me chamá-los artistas, porque são mais que uns pintores, que fazem muitas obras fantásticas, obras criativas,*”. Refere, por exemplo Bóris Valero e Michael Jackson. Relativamente a Cabo Verde menciona o Ti Fefa. Trata-se de um senhor que, segundo ele era pai do Zeca de sindicato, mestre de construção naval, com quem aprendeu muita coisa: “*Aquele senhor, em vida, era das pessoas que aprendeu com mestres e fez questão de passar a sua sabedoria para outras pessoas. Eu conheci-o porque o meu pai e o Sr. João de Auta, eram muito amigos e esse senhor Fefa trabalhava com o João de Auta. Como eu frequentava muito a sua casa e tinham oficina, então eu aparecia ali e o Zeca andava sempre metido no carnaval. Ele levava ao seu pai trabalhos de carnaval para fazer nas horas extras, e então eu tinha uma curiosidade de estar ali com ele. Via-o a trabalhar no torno, a esculpir, a fazer aquelas coisas, ele foi a primeira pessoa que vi a trabalhar em esferovite em Cabo Verde. Aliás em São Vicente. ele era um senhor muito hábil, tocava clarinete também muito bem, ele era muito criativo, foi uma pessoa que me inspirou muito*”.

Ele refere que essas pessoas, cada uma à sua maneira, contribuíram mais para o fazer ver coisas que ele não estava a ver, como foi o caso de Bitim de Nhose. Ele alega que como artista ele respeitava-o muito, mas não gostava dos trabalhos dele, porque achava que ele gastava muita tinta e o mesmo se passava com o Kiki Lima. Os seus trabalhos nunca o seduziram, apesar de reconhecer que as pessoas estão mais apaixonadas pelo seu estilo, embora esse estilo não lhe diga nada. A propósito da impressão que esses e outros artistas lhe causam ele refere: “*Relativamente à impressão que possam ter-me causado ou influências, não é assim tanta. Outras pessoas não estou vendo, porque sempre fui um indivíduo muito reservado em relação a contactos com outras pessoas, do mundo artístico, pelo menos aqui em Cabo Verde, sempre procurei ver as coisas mais à minha maneira! Ir ter com as coisas e não com as pessoas... sempre procurei mais factos e não pessoas ou trabalhos que as pessoas já fizeram e não as pessoas em si. São tantas personalidades que verdadeiramente não sei dizer-te... olha às vezes um escritor pode influenciar-me*”.

No momento da entrevista, quem mais apreciava era a Mizá, uma artista plástica que vive na ilha de Santiago, interior de Santiago, e que tem um projecto artístico no Porto Santo/Madeira e que também trabalha com os ‘rabelados’. Ele aprecia o trabalho desta artista, pelo seu empenho, pela sua capacidade artística, pela sua forma de lidar com a sociedade, sendo para ele uma daquelas figuras de proa, em termos artísticos em Cabo Verde, que devia até ter mais destaque. Mas refere outros nomes: João Fortes, por exemplo, que trabalha em artes plásticas em São Vicente há muitos anos, no Centro Nacional de Artesanato, que agora tem outro nome; o Marcelino Santos que trabalha em batik e tapeçaria e que faz também alguns trabalhos de escultura e pintura, embora ele seja um indivíduo muito reservado e apareça pouco, impedindo dessa forma que as pessoas o conheçam. F. Morais considera que as pessoas conhecem aqueles sobre quem se ouve normalmente falar por aqui, o que não acontece com aquelas que estão no anonimato e elogia, por exemplo, uma rapariga chinesa que faz trabalhos em relevo: - *“Eu vi os trabalhos e fiquei abismado e tenho que ir explorar mais profundamente os trabalhos dela. Desde que vi os trabalhos há três meses, na casa duma pessoa minha amiga, desde o momento em que ela me mostrou os trabalhos daquela rapariga, eu fiquei altamente surpreendido como é possível uma pessoa tão jovem, acho que ela deve ter 19/20 anos, já evidencia uma capacidade tão profunda a nível artístico. São as pessoas assim que eu digo: “será que devo colocar outras pessoas à frente dela, em termos de espectacularidade, de referêcia?”*

Outra referêcia que o estimulou em termos de carnaval foi o Djô Borja:

(...)Ele influenciou-me muito e fez-me envolver profundamente no carnaval. Ele tem uma característica com ele - ele não deixa ninguém com falta de material! Se eu lhe disser: -“eu preciso de tal material para fazer tal trabalho”, ele vai buscá-lo na hora, enquanto existem pessoas que dizem: “não, espera espera”.

Ele foi uma das pessoas que me influenciou, agora outras pessoas como já te disse, nas suas categorias profissionais ou nas suas formas de aparecer na sociedade, vários escritores, por exemplo, Jules Vernes, é um deles. Jules Vernes foi um escritor que me influenciou muito, por causa das suas fantasias, como o meu signo diz: “gosta de viajar”, eu sempre gostei de viagens, embora viaje pouco, mas sempre viajei através dele, como ele descreve muito bem, descreve cores, tonalidades, clima, ele é um escritor que sempre influenciou-me muito, muito. Eu tenho a colecção quase completa do Jules Vernes, adquirida ao longo dos tempos. Ele é um escritor que eu sempre apreciei, porque quando eu era criança um patrão do meu pai, o Engenheiro Brigham da Silva, sempre que ia a Portugal trazia livros e oferecia ao meu pai para nos oferecer. Ele dizia: -“brinquedo que dou é só livros” e graças a Deus ainda temos todos os livros, bem conservados que ele nos ofereceu, entre os quais Jules Vernes ilustrado, que um desenhador italiano que é Frank Capriolli, captava as essências, o visual de Jules Vernes muito bem, muito bem, muito

bem! Ele foi uma das pessoas que me criou fantasia, ninguém mais e também eu sempre fui um leitor compulsivo de banda desenhada.

F.Morais refere que já leu toda a espécie de banda desenhada que já foi escrita em língua portuguesa ou noutras línguas e comenta que até o seu pai o proibia muitas vezes de as ler. Ele tinha pessoas que vinham trocar livros, porque tinha o hábito de trocar livros, metia-os dentro da camisa e saía com eles, para os ir trocar ou tinha pessoas que vinham trocar à sua casa e diz: *“As grandes colecções de Lucky Luke, Astérix, eu consumi-os muito, Bugs Bunny, todas as colecções de escritores franceses, etc. As grandes de cobiadas, também já consumi-os todos”*.

O cinema também o inspirou. Começou a ir ao cinema tardiamente, quando já tinha 15/16 anos, pois o pai não o autorizava, pelo que tinha de ir escondido e passou a ficar viciado: *“- quando via os cartazes ia logo, depois vim a descobrir, por exemplo, os filmes de Sandokan! Não perdia um! Sandokan era dum escritor italiano muito vivaz, descrevia os combates marítimos, as lutas, as paixões na Índia e Pacífico, de modo que aquilo apaixonou-me muito. As grandes cobiadas também no cinema, etc, quando exibiam dois filmes então eu morava no cinema (risos). Eu vi grandes filmes, embora tenha começado a ir tarde, mas ainda vi grandes filmes antes do cinema acabar. Eu comecei a ir tarde, normalmente as pessoas iam para o cinema ainda crianças, mas eu não ia para o cinema em criança, eu fui já crescido”*.

Também começou a trabalhar no carnaval, escondido, fugindo da escola para ir ver os “andores” a serem executados. O pai acabou por descobrir no dia em que alguém ligado à execução dos andores foi à sua casa solicitar o seu apoio.

Relativamente ao espaço, queixa-se da organização essencialmente na época do carnaval e alega que está tudo ‘entupido’, não havendo espaço para colocar materiais, ‘materiais mais brutos’ e mais ‘refinados’ e as ferramentas. Contudo ele afirma que consegue detetar quando falta algo: *“- mas eu sei onde está cada coisa, embora aqui esteja como um navio naufragado, mas eu sei onde fica cada coisa e se me faltar algo, sei logo que ele está faltando”*.

F. Morais dá também formação a jovens que colaboram na criação dos ‘andores’ carnavalescos, tal como se pode confirmar neste relato: - *“Quando eu tenho muito trabalho,*

como em alturas de carnaval, recorro ao auxílio duns rapazes que eu tenho vindo a dar-lhes algumas luzes artísticas, embora em termos de dom não sei, mas eu ando a esforçar-me, como uma rosca que vais apertando, apertando, então eu os pôr à minha maneira, para quando precisar de os requisitar, mas é claro que eu lhes pago... são pessoas de família e perto. Sim, às vezes vêm filhos de pessoas amigas ou rapazes assim de 12/13 anos que, por curiosidade, vêm nos fins-de-semana, quando a escola lhes permite e coloco-os aqui brincando com as ferramentas, porque eu não tive a possibilidade de ter ferramentas e materiais à minha disposição, quando eu fazia carros de lata e de pau - era só com pedra e com pedaços de arco, e fartei-me de pisar os dedos. Mas agora eu invisto tudo, não compro uma roupa, não vou à uma festa, eu invisto-o em ferramentas e materiais. Dou-lhes a possibilidade, mas muitos vêm dois dias, três dias, depois somem e pronto. Eu não tenho problemas em trabalhar com qualquer pessoa, desde que ela me satisfaça minimamente, desde que me satisfaça, porque sou muito exigente em termos de criações e criatividade. Desde que não junte a vulgaridade, eu sou aberto, sou democrático nesse aspecto aqui. Embora eu é que faça as minhas criações, porque as pessoas deixam sempre para mim a última palavra, mesmo que tenham uma ideia! Mas sempre querem que a última palavra seja minha. Mas se me trouxerem uma ideia totalmente delas, eu sou totalmente aberto também”.

Um desses ajudantes manteve-se com o artista três anos, mas depois acabou por ir para a Itália, casou com um italiano, acabou por ir fazer a sua vida na Itália, mas ainda falam ao telefone, e acabam sempre por falar muito da arte e curiosamente ela trabalha numa loja de arte, e conclui que aprendeu muitas coisas graças a F. Morais que lhe deu muita ajuda. Lá fazem brinquedos de madeira, brinquedos diversos e ela diz:- *“olha estou no meu mundo, devias estar aqui” e eu digo: -“de facto eu gostaria de estar num lugar assim”, mas pronto, eu hei-de fazer o quê?*

A entrevista permite verificar que F.Morais é reconhecido como um especialista na arte do carnaval, ele é a única pessoa em Cruz que trabalha no carnaval, em termos de projectos. É só chegar lá e qualquer pessoa o descobre. Em instituições culturais, tais como Centro Cultural do Mindelo, Casa Senador Vera Cruz, ou qualquer outro ponto cultural, qualquer pessoa diz: *“Vai a Cruz e lá o encontras”*. Muitas vezes, as informações passam de pessoa para pessoa. Uma pessoa vai a casa de outra, vê um trabalho e diz: *“quem fez esse trabalho?”*, a outra diz: *“fulano*

tal ou sicrano, cá está o seu número para lhe ligares”, e assim F.Morais recebe vários telefonemas, sendo essencialmente por telefone que faz os primeiros contactos com essas pessoas.

Ele deixa totalmente nas mãos do capricho o seu horário de trabalho, ao contrário de Albertino Silva: *“-...se me der vontade de trabalhar, trabalho, se me der vontade de ir passear, eu vou. Embora se der a alguém a minha palavra para um trabalho eu dou-lhe em “X” prazo, mas o meu tempo eu é que o faço, eu não me organizo assim rigidamente, em termos de tempo. É a parte que eu mais aprecio nesta área artística, é a liberdade total, porque eu sempre gostei de liberdade, sou uma pessoa muito livre. Se eu não fosse livre eu tinha de o ser de qualquer forma, eu não sabia trabalhar, por isso nunca trabalhei com ninguém assim, em termos de patronato, eu sinto que não o conseguiria fazer com ninguém”*.

4.2.2.3 Joana Pinto

Joana veio de Santo Antão. Fez o ensino primário em São Vicente, iniciou em Santo Antão e continuou em São Vicente:

Viajávamos para Santo Antão todos os anos, durante as férias. Quando iniciava as aulas regressávamos para São Vicente. Tínhamos duas casas. Estudei aqui no Liceu, quando estava no quarto ano... pronto esta estória que se costuma dizer que o bichinho nasce com a gente, a vocação, tinha atracção mais para as coisas artísticas. Então nessa altura vivia com a minha cunhada que era professora no Centro Nacional de Artesanato, Clementina, mulher do Pedro, que era professora na Escola Técnica e neste momento se encontra reformada. Então Clementina sempre dizia, *"- Acho que tens de mudar de Liceu para escola Técnica, porque é essa a tua vocação, Liceu não te diz muita coisa"*. Porque Liceu tiravas o sétimo e ficas no ar. E lá tinha o curso de Formação Feminina e quem tivesse vocação artística podia desenvolver alguma coisa. Mas isso não aconteceu porque o tempo foi andando, estudava eu quarto ano, continuava a atracção, sempre com Clementina, e iniciou na altura a Cooperativa Resistência. Clementina, Manuel Figueira, Luísa e Bela iniciaram o trabalho na Cooperativa Resistência aí nesse alto onde o Tito trabalha neste momento.

Começou a ir juntamente com Clementina, mais como curiosidade. As tantas, era aquilo que gostava, às tantas meteu-se naquilo, abandonou a escola, o que foi um grande erro que fez, segundo referiu na entrevista. No quarto de liceu acabou por ficar só na Cooperativa Resistência, que ainda não era Centro. Então em setenta e oito, dezembro de setenta e oito, já não queria continuar a estudar, concorreu para professora e foi nomeada para Santo Antão, Manta Velha, zona da Garça. Já tinha inclusive as malas prontas, ia seguir viagem para Santo Antão com o

peso de que largava algo que gostava, arte, onde se encontrava. Mas na altura Manuel Figueira era chefe da Cooperativa Resistência e mais tarde Director do Centro de Artesanato. Havia entrado na Cooperativa em setenta e sete, mais tarde a cooperativa transformou-se no Centro Nacional de Artesanato, que esteve ligado ao Ministério de Turismo, pois o Centro passou por vários ministérios. A cooperativa ficou ligada ao estado com o nome de Centro Nacional de Artesanato. Isso já no princípio de setenta e oito. Joana tinha então cerca de dezoito-dezanove anos.

Então Manuel Figueira, ficou preocupado porque lhe disse que ia sair, que havia concorrido e que se encontrava nomeada para professora. Aliás antes disso, concorrera para professora e meteu papéis para entrar no quadro do Centro Nacional de Artesanato. Só que esta nomeação demorava para sair e concorreu para professor. Manuel Figueira ligou para Praia, Osvaldo Sequeira era Secretário de Estado da Cultura ou de Turismo e disse-lhe que iam perder um grande elemento e que não iam encontrar outro. E que apesar de saberem que ninguém é insubstituível, que iriam ter dificuldades em encontrar alguém com vocação, que fizesse as coisas por gosto, e que tivesse aprendido tanto.

Não desejavam perdê-la mas, isso ia acontecer porque ia para Santo Antão nomeada como professora e a outra nomeação demorava em sair. Osvaldo Sequeira disse, *"diga-lhe que não vá para professor porque nós assumimos, nós responsabilizamos. Trataremos disso o mais urgente possível, para que esta nomeação saia rápido. Ela pode desistir de professor que garantimos a sua estadia no Centro, a sua nomeação"*. Tiraram-lhe então um peso de consciência, desistiu e não foi para professora, tendo-se mantido no Centro de Artesanato. Tempos depois saiu a sua nomeação.

Mudaram-se de seguida para Praça. Todo o grupo, era um grupo muito coeso, como se de uma família se tratasse. Aí não era uma local de trabalho como outro qualquer. Havia os mais velhos, era como um grupo de pais e filhos, uma convivência, algo extraordinário que não acontecia noutra lugar. Manuel Figueira lutou bastante para que tivesse um quadro especial para artistas. Por todos os Ministérios pelos quais passaram mantiveram essa luta. Isso desmotivou Joana e outros colegas, que assim como ela haviam abandonado o Liceu, para continuar a estudar no Centro, porque ali tinham feito a sua formação artística. Todas as quartas tinham aulas de desenho. Saíam para vários sítios para recolha de motivos em diversos locais, como o cais

acostável, a Casa de Criança. Tinham aulas de desenho, de panaria cabo-verdiana, fizeram ainda formação nas áreas de batik, tingidura e tapeçaria. Saíam para fora para fazer exposições. Houve conversas, até certa altura alguém disse, um ministro, *“esses meninos já têm formação suficiente e não vejo necessidade de saírem para fazer formação fora”*, já que Manuel andava a tentar que fizessem formação fora, mas não viam necessidade, devido às necessidades do Centro e ao quadro de artistas que havia, não viam necessidade de saírem para fora. Sobre isso Joana refere: *“- Mas essas coisas são erradas, porque acho que eramos nessa altura tão jovens, deviam- nos ter motivado porque “escola” é sempre bom. Podes saber fazer de tudo, aparece alguém com diploma e ficas para trás. Então larguei escola nesta altura e fiquei apenas a trabalhar no Centro Nacional de Artesanato.”*

Isso tudo no quarto ano. Mas depois houve mudanças no Centro, uma boa parte do grupo saiu, mudança do director, mudança de gestão. E pronto, nessa altura então resolvi ainda tentar o estudo. Regressei para o liceu, já nocturno, onde fiz o “sétimo ano antigo”, ainda não havia o décimo segundo, inclusive do “sétimo” ficou a faltar-me Latim e Inglês. Porque fui primeiro para área do quinto grupo que era o mais difícil onde havia Matemática, Física, Química, porque se quisesse fazer algum curso na minha área teria de ter Desenho obrigatório, e o único grupo onde havia Desenho era o quinto grupo. Estudei-o um ano, fui para exame, fiz algumas disciplinas reprovei noutras e no ano seguinte mudei de grupo, porque vi que Matemática e Física me iria atormentar um bocado. Preferi então mudar de grupo, conseguindo fazer o meu sétimo e como referi antes, ficaram a faltar-me algumas disciplinas.

Depois com toda reviravolta que se deu então no Centro Nacional de Artesanato, começamos a ouvir conversas que o Centro iria ser extinto. Aquilo foi desmotivando as pessoas de tal maneira, um lugar que ajudamos a criar e a construir, com tantas dificuldades, com tudo que a gente tinha passado, tínhamos já ultrapassado várias barreiras, quando as coisas estavam armadas para caminhar, uma pessoa começa a ouvir falar na extinção. Aquilo tudo nos desmotivou a todos. Errei porque deveria ter ido para universidade naquela altura. Mas também tem uma coisa, tem altura que você é obrigado a fazer escolhas, entre estudar, não havia universidade de noite, teria de ser de dia, não poderia largar trabalho para ir estudar de dia, estás a ver? E dinheiro fazia-me falta, tenho três filhos e dei-lhes prioridade, nessa altura fiz uma escolha: ou mim ou os meus filhos. Porque se fosse fazer curso na universidade, dinheiro diminuía em casa, o que deixava falta aos meus filhos. Então considerei que a minha vida estaria um bocado andado, agora queria fazer a deles andar. Então não fui nada fazer curso e continuei a lutar por dinheiro. A trabalhar por dinheiro, mas graças a deus não me sinto arrependida de nada que fiz, tenho três filhos, dois deles se encontram formados já a trabalhar, o terceiro anda a estudar o terceiro ano do curso no Brasil neste momento, e pronto.

O Centro veio entretanto a extinguir-se. Depois de vinte e dois anos de quadro no Ministério da Cultura, na altura que se começa a pensar na estabilidade e a pensar um dia na reforma, de repente Centro foi extinto. Isso provocou a instabilidade total. A esse propósito Joana desabafa o seguinte: *-“ Disse o que é que eu vou fazer sem trabalho, e nunca estive sem*

trabalho? Comecei tão cedo, meti-me nesta área tão cedo, tão jovem, que isto faz parte da minha vida. Desorientei-me, estive um mês e tal, ali fechou tudo em Dezembro, saímos...”

O processo artístico independente de Joana é resumido por ela assim: *“-Sempre tive vocação. Gostava de actividades criativas, de fazer com as mãos, de renda e costura. Tinha vocação para área artística. Mas depois fui para o liceu, não havia ali nenhuma área próxima. Devia ter ido para Escola Técnica que tinha Formação Feminina, assim dizia minha cunhada, o que ela via realmente como minha vocação. No quarto do liceu apaixonei mais por isto. Nesta altura morava com essa minha cunhada Clementina, que era professora formada na arte dos tecidos, na Cooperativa Resistência. Foi através dela que comecei a frequentar a Cooperativa Resistência, apenas para ver. Andava ela a preparar uma exposição, ofereci para apoiar, às tantas quando dei por mim tinha largado escola. Foi um erro gravíssimo que cometi...”*

A sua irmã mais velha era profissional de costura. Mas desde pequena quando brincavam Joana era a costureira e costurava roupas das bonecas, apoiada pela cunhada, com quem morara e que era professora na arte dos tecidos e uma pessoa muito criativa. Mais tarde, no liceu, os professores, embora tivessem formação superior, não dominavam determinadas técnicas como tapeçaria e tingidura. Assim trouxeram para S. Vicente os mestres Nhô Damásio e Nhô Griga, que vieram de Santiago e de Santo Antão e lhes transmitiu os conhecimentos. E por sua vez eles transmitiram à geração da Joana esses conhecimentos. Através desse processo toda gente ia se desenvolvendo. Tinham um tema anual. Cada um com o seu bloco. Manuel Figueira, Bela, Clementina, Luísa, e a segunda geração, eu, Marcelino e João. Depois entraram outros mais novos. Eram uma equipa. Um grupo coeso, um grupo amigo, não era um lugar público como outro qualquer.

Comecei este ateliê em Março de dois mil e um. Procurei um espaço, não encontrava espaço, pedi e fartei de pedir ao longo desses anos esses Ministérios, para ver se o espaço na parte trás do Centro, que esteve durante todo esses anos desocupado, nunca tive respostas, nunca deram resposta, então neste lugarzinho que coloquei meu ateliê e até essa estou aqui. A escola primária foi começada em Santo Antão. Comecei escola primária até a terceira classe em Santo Antão, já quarta classe vim estudar em São Vicente, reprovei, meu pai levou-me volta para Santo Antão, fiz quarta classe em Santo Antão, e depois vim iniciar o primeiro ano aqui em São Vicente outra vez. Tenho aquelas lembranças de princípio de escola que nunca se apagam, pronto minha professora

era D. Isabel Jardim. Familiar do meu pai também, minha tia, lá em Ribeira das Patas, aquele tempo, com as condições desse tempo, que nem carteira direito para todos os alunos tinha, e pronto, as recordações são boas, não tenho nenhuma mágoa, nem ressentimentos nenhuns... depois estudei quarta classe na escola Camões e fui fazê-lo no ano seguinte em Santo Antão.

Ali no Centro de Artesanato, aquilo era uma formação de uma forma organizado até certo ponto porque tinha horários, tinha aulas estruturadas, como disse tinha aulas de desenho, aulas de panaria cabo-verdiana, lembro-me de nós a estudar Bauhaus, num livro que Manuel Figueira traduziu, e ele é que dava a aula, as vezes Clementina ou Bela dava batik, etc. Então foram estudos de uma formação intensiva, durante os anos que aí estivemos, embora depois como funcionário, era uma constante formação, de uma forma diria, mais ou menos empírico digamos, porque recebemos tantos anos de formação, formação, formação, mas naquele tempo não havia formação profissional em Cabo Verde, e não havia outro lugar com essa tradição, era só ai que haviam começado este sistema de formação profissional. Num certo momento, Manuel Figueira esteve a tratar de uma equivalência, de um diploma, não-sei-quê... mas o Centro ficava a dar num Ministério, a dar noutro, imagine que até no Ministério de Defesa estivemos. Dava num Ministério dava noutro, foi andando, foi andado, até que o Centro foi extinto, ficamos sem uma equivalência, sem um diploma, depois de tantos anos. Porque eles eram professores, a categoria deles era de professor de mesma categoria de professores do estado, e quem eram os alunos éramos nós, eu, o João, Marcelino, e outros que vieram. Porque tinha Manuel Figueira, Luísa e Bela e Clementina que foram a primeira geração, depois tinha eu, Marcelino e João que eram da segunda geração, e outros que foram entrando e foram formando outras gerações, de alunos que iam entrando. Se iam formando, é porque eram professores e claro, nós é que éramos alunos. Mas éramos alunos e funcionários simultaneamente, estás a ver, fazíamos aquilo em simultâneo. Hoje, é diferente. Qualquer formaçozinha que faças, a primeira coisa que preparam é um diploma. Enquanto nós, passámos por uma formação de anos e com uma disciplina muito rígida. Com o Manuel Figueira, era quase que um quartel.

4.2.2.4 Nild

O percurso artístico de Nild é aqui resumidamente descrito por ele:

Estive em muitas zonas... Naturalmente quando trasladamos de zonas diferentes sempre deixas raízes naquela zona onde nasceste ou na zona onde vais, é profícuo porque vais adquirindo amizades, mas nunca esqueces daquela base.

Claro que a oficina era em casa. Mas havia outra oficina onde eu trabalhava com outros colaboradores. Qualquer indivíduo que tem um profissional em casa, principalmente o seu pai, naturalmente tem que trazer alguma coisa dessa profissão. Meu pai era marceneiro, tenho muito orgulho em dizer que ele era o único marceneiro diplomado no Mindelo. Não sei se em Cabo Verde em geral. Depois é que surgiu o Sr. Cláudio Freitas também diplomado. O meu irmão fez arquitectura. Tenho outros irmãos que também enveredaram pela construção e comércio, mas não foi em vão. Eu trouxe comigo muita coisa inclusive estou a trabalhar na área da construção.

A minha formação na Escola Técnica foi no curso de Comércio. É extremamente importante principalmente no orçamento de uma obra, não tenho dificuldades porque fiz o terceiro ano geral de Administração e Comércio e isso dá para tudo, pois tinhas contabilidade, direito comercial, matemática, enfim tudo isso ajuda muito. Por acaso, aquilo foi imposição dos pais, na minha família somos da construção civil...

A minha primeira experiência escolar foi nos Salesianos. Depois fui fazer terceira e quarta classe no Liceu Velho. Seguidamente fui para a Escola Técnica onde fiz o terceiro ano incompleto do Curso de Administração e Comércio, devido a incorporação militar. As referências que estou a lembrar dos Salesianos, precisamente do Padre Simões, que era o professor que dava aulas de expressão musical e nessa altura Paulino Vieira era um dos monitores para crianças, ou seja, pessoas da minha idade.

No liceu o que me marcou mais pela negativa foi o facto de termos tido um professor vindo de Angola que nos batia muito com “chicote”. Passando pela Escola Técnica tenho muitas referências, “Nhô Roque” o meu professor de história, Leonel Madeira como professor de Artes Manuais e Desenho e tenho boas memórias. E o Tói Firmino que foi meu professor de Francês e um dos meus orientadores visuais.

Eu auto-formei-me em desenho de construção civil e depois fui convidado pelo Ateliermar, pelo Leão Lopes para fazer parte do seu staff. Estive cerca de doze anos onde tive formação em muitas áreas, como por exemplo: formação de cerâmica, mais precisamente em modelação e técnicas de gesso, com técnicos chineses; impressão e serigrafia; uma pequena formação a nível de design ministrada por mestres portugueses; desenho um pouco empírico; alguma formação na área de batik. aproveitava todas as formações que aconteciam no Ateliermar, a nível de formação artística. De resto foi auto-formação.

Leonel Madeira, Toi Firmino, Leão Lopes são alguns dos vectores importantes na minha formação artística, sobretudo o primeiro, porque sempre me aconselhou e apostou em mim. Éramos um grupo de alunos, tais como: Miguel Levi, eu, Luís Couto... os professores preocupavam-se connosco, no sentido de continuarmos.

Também tenho uma referência senegalesa, um grande escultor que tem feito várias exposições pela Europa, muito conhecido e que neste momento vive em França —é o Assamé Só. Posso referenciar clássicos como Frederic Assler, Edgar Degas e Henry Moore, sem deixar de lado um dos máximos, Picasso. Também é natural que tenha mais referências aqui de Cabo Verde.

Leão Lopes e Domingos Luísa, que já expusemos juntos. O Leão não desliga porque durante a minha formação me influenciou muito. Tive cerca de doze anos em funcionamento, sempre com ele. (...) Há os mais jovens que estão a fazer um trabalho interessante que são o Manú Cabral e o Nóia (F Morais).

Artistas que me têm inspirado são, por exemplo, Djoí de Concha que é um ceramista que transmite uma certa poética nos seus bonecos de terracota. Eramos um núcleo, éramos amigos onde ajudávamos um ao outro. Mas antes disso, anteriormente, quando estava no ciclo preparatório tinha grandes amigos, onde trabalhávamos juntos, ou seja nós auto-formamo-nos, Levi Lima, Luís Couto e muitos mais.

Bom, inicialmente tinha orientação, pelo menos, de Lineu Madeira, que foi um dos bons incentivador. Ele era daqueles professores que nos transmitia muita técnica principalmente de modelação de paus de fósforo e outros. Tenho o meu colega que funcionamos muitas vezes juntos que é o Rô, onde trocamos muitas impressões que originam sempre alguma coisa boa dessa colaboração. Tem também Leão Lopes, que me influenciou bastante, sem dúvida, tendo passado nove anos com ele (...).

As primeiras referências são a Picasso, gosto muito do El Grego porque é espectacular no preto e branco. Na escultura tenho um senegalês que não estou a lembrar o seu nome! Vi-o fazer uma exposição em Paris! Ele usa uma mistura de barro, palha e faz umas figuras gigantescas. Tem também um Brasileiro, o Carlos Botelho, que sempre trabalha umas figuras gordas, mas a nível expressivo é muito forte. Também gosto muito dos escultores Willem Kooning e Karen Appel. A nível de Cabo Verde respeito muito o Tchalê Figueira a nível cromático, é um homem extremamente inteligente; Leão Lopes que foi o meu mestre; Domingos Luísa que é

extremamente interessante no processo de desenvolvimento do seu trabalho; Na Praia um rapaz que se chama Tutu e que em termos de pintura é uma pessoa extremamente importante e ainda Irnea. Tenho um grande respeito por Bets (Albertino Silva) que é um jovem, principalmente no seu trabalho escultórico de pedra, porque é extremamente aplicado.

O máximo que já passei fora de São Vicente foi sete, oito meses, em serviço na Praia, Sal, geralmente em serviço sem tirar aquele que o cabo-verdiano tem de desempenhar, que é a vida militar, porque já passei mais de dois anos no Tarrafal de Santiago a prestar serviço militar.

Passei praticamente um ano e sete meses nas Canárias, mas já me desloquei para outros países, como Portugal, Brasil. Nas Canárias foi onde passei mais tempo - era meio trabalho, meio aventura, meio formação também. Foi uma boa temporada em Las Palmas, mais precisamente. Em relação a Portugal e ao Brasil, participei como cenógrafo em peças da coreógrafa Conceição Nunes, peça essa que foi apresentada nos teatros Vila Velha, D. Maria II e na Comuna.

4.2.3 Artista e Obra

4.2.3.1 Albertino Silva

O seu dia, normalmente começa às oito horas. Enquanto tem sol ele trabalha. Muitas vezes trabalho à noite: “(...) *Depois se tenho um tempinho tomo um vento na cabeça, vejo um amigo... Antes das seis já estou acordado. Sempre que posso levanto-me e vou nadar no mar. Começo a trabalhar às oito com a minha equipa, depois tenho os meus compromissos*”.

Ao longo da entrevista vamo-nos apercebendo que tudo é programado de véspera: “*Não é de manhã quando chegarmos que vamos programar. Já sabemos o que fazer. Se algo ficou iniciado continuamo-lo, se tem alguma coisa para iniciar, cada um inicia com a sua tarefa. Fazemos as pausas para refeição, depois temos as nossas conversas descontraídas e quando é para trabalhar, trabalhamos*”. Quando interrogado se possui um lugar para trabalhar ele responde:

Sim, tenho um espaço de trabalho em minha casa. Não me refiro a equipamentos porque não são necessários grandes equipamentos. Com cobre, marreta e maceta consegue-se muita coisa.

Quando trabalhamos em casa, por exemplo em sapatos, não há problemas, mas quando se trata de pedra é mais complicado porque temos a poluição sonora, poeira e isso limita. Neste espaço, se eu quiser fazer uma escultura de dimensão considerável serão várias horas de poeira, ruído. Eu não me sinto bem incomodando os vizinhos. Às vezes, sinto-me limitado. Poderia ter algumas peças para exposição, (...).No meu ateliê na Ribeira Bote o que mais trabalho é a pedra. Tenho feito algumas esculturas, embora não sejam de grandes dimensões. Faço o que é possível aqui. Faço reciclagem, trabalho com papel, transformo sapatos, reaproveitando-os para os meus trabalhos. Resumindo é pedra, papel, sapatos e metal também. Quanto a ferramentas utilizo rebarbadora, broca, mas utilizo mais ferramentas manuais, fabricados artesanalmente por forjadores.

Trabalha com dois ajudantes e refere que gosta de ter companheiros no trabalho, sobretudo para compartilhar, dialogar nas pausas, mesmo sem ser de assuntos de trabalho, nem que sejam apenas cinco minutos para repor energias. Os ajudantes são formados por ele e informa-nos que nestes últimos anos tem também trabalhado como formador, sentindo-se, por essa razão preparado e alega que sabe lidar com pessoas de menor idade do que a dele, pelo que a sua relação com os colegas de oficina é muito boa. Pensa, no entanto, que poderia fazer mais para integrá-los, mas coloca novamente a questão do espaço. O espaço não é tão pequeno, mas gostaria de fazer algo maior para que eles pudessem participar também. Confidencia que foi surpreendido pela forma como o ajudante mais novo assimila as coisas e explica-nos:

Sim, por querer experimentar, podem ficar alguns dias num momento depois querer mudar. Se calhar não esperou até uma próxima fase para aperceber as coisas. Desde o início ele é o meu companheiro. O mais velho chegou depois dele e constituímos uma boa equipa.

A propósito de projectos futuros ele diz que tem algumas ideias no papel, que vai desenvolvendo, mas explica que ainda não chegou à fase da maqueta :

Tenho algumas ideias que vou desenvolvendo. Tenho-os no papel, ainda não cheguei na fase da maqueta. Algo que quero e que não sossego enquanto não o fizer - é uma exposição de esculturas em pedra, mas não quero que seja dentro de uma sala. Quero que seja na rua, por exemplo na Avenida Marginal. Esta é uma das coisas que quero, que desejo mesmo.

Neste momento, participa em feiras e há lojas que lhe fazem encomendas na cidade da Praia, no Sal. Para ilha do Sal envio com muita frequência as minhas peças para algumas lojas. Em São Vicente tenho quem cuida da venda das peças, embora há quem compra algumas peças no ateliê.

Albertino fala da importância de ter um manager, alguém que esteja na área da gestão artística, alguém que conheça o sector e diz que tem alguém que o tem ajudado neste aspeto:

Não, por acaso, a ideia é ele vir a criar a sua galeria. Trata-se de alguém que está dentro dessa área, alguém que já conhece a área. Temos trabalhado juntos, mas segundo sei, ele ficará a exercer essa actividade, não só comigo, mas com outras pessoas que trabalham nessa área.

Relativamente aos materiais que usa nas suas obras, ele explica:

Em sapatos utilizo linhas, tinta, acrílico (utilizo mais), perfuradores, lixas. No metal utilizo martelo, punção, talhadeiras, máquina de solda para soldadura electrogénio, craves em substituição da solda e parafina para proteger. No papel utilizo mais o liquidificador eléctrico, mas quando estiver a trabalhar o papel no meu ateliê seguindo as minhas ideias, vou trabalha-lo no pilão. Quero utilizar o pilão para triturar o papel artesanalmente, sem ter que passar por máquina.

Muitas vezes, já foi entrevistado pela rádio e pela televisão. Sempre foi entrevistado sobre o seu trabalho e recorda-se do seu primeiro nervosismo. Tinha feito exposição no Interart, com os seus sapatos. Deu entrevistas para jornais, rádio, televisão. Não tem razões de queixa e considera que o tratamento que lhe dão é igual ao que dão às outras pessoas. Aliás, mesmo depois das gravações mostram interesse a nível pessoal.

O Centro Cultural Francês da Praia, praticamente, foi o seu trampolim, pois sempre demonstrou interesse em expor o seu trabalho. Participou também na feira do ambiente promovida pela Direcção Geral do Ambiente três anos consecutivos na Praia e em São Vicente. Convidam-no porque trabalha com reciclagem do papel e de sapatos. Tenta fazer as aves endémicas de Cabo verde para ficar mais coerente. Com o trabalho dos sapatos já participou duas vezes e também com reciclagem de papel. Também a Associação Zé Moniz tem-no convidado todos os anos e agora convidam-no para dar formações.

A Associação Jovens de Safendé é um espaço aberto onde passa a sua experiencia na área de reciclagem. A feira de Artesanato Associação Zé Moniz envolve rendas, pinturas, escultura. Já trabalhou também com o Centro de Juventude em São Nicolau. Depois do Centro de São Nicolau os outros demonstraram interesse para que trabalhe com eles nas outras ilhas. Todo o trabalho tem sido feito com os seus recursos. Explica, no entanto, como é difícil preparar uma exposição com várias peças. É muito difícil juntar um número de peças para uma exposição, pois tem de pensar no seu sustento diário. Neste sentido a lei pode ajudar. Sobre o mecenato pouco ou nada sabe.

Quando foi para São Nicolau dar formação a convite das escolas, lançaram-lhe um desafio para fazer uma demonstração. Alguns professores já o contactaram e ele mostrou-se sempre disponível, cabendo-lhe a eles organizarem-se. Durante uma feira de artesanato no Terrafal de Santiago, trabalhou com crianças, embora sem formalidades. Também trabalhou com alguns adolescentes na Ribeira Bote.

Quando arranjou o seu espaço comunicou a algumas pessoas em São Vicente e na Praia, para dar conhecimento. Trabalha nos seus projectos mas se alguém de outra área quer uma peça em pedra pode fazê-la em conjunto, ou seja, a pessoa traz o projecto e ele executa-o na pedra. Faz questão de divulgar isso e não tem problemas em trabalhar em projectos de outras pessoas ou envolver outros nos seus projectos. Mesmo em São Vicente há um artista que está interessado em fazer esse tipo de trabalho. Mas não mencionou o seu nome, por razões éticas. Ele trabalha em pintura, esculturas e noutros materiais. Dá a conhecer que aceita trabalhar com outras pessoas, em projectos colaborativos.

Na Fig. 27 observamos tabuleiro do jogo Uril tradicionalmente feito em madeira, e que é praticado em diferentes ilhas, cujo o raciocínio matemático é exigido aos praticantes. Neste a execução feita é rocha basalto, permitindo assim uma elevação da peça tanto a nível do material como da sua dimensão estética. Mesmo com a proposta não temos informação que se tenha adotado uma prática do jogo em tabuleiro em pedra pelos praticantes. Na segunda imagem a "rainha Ablá Pokou" Fig. 28 resulta da participação do artista num projecto da artista Misá, na aldeia de Porto Madeira, interior da ilha de Santiago. Venerada por muitos povos africanos, conta a lenda que a rainha Ablá Pokou sacrificou o seu filho para salvar o povo baule na fuga de Gana para Costa de Marfim. Desafiado pela Misá, Albertino Silva desenhou e executou esta peça em basalto. Curiosamente a Ablá Pokou de Silva apresenta o filho ainda nos braços, embora o espaço vazio precipita o momento do penoso sacrifício. É verdade que a história de Cabo Verde é povoada de vários sacrifícios tendo a mulher como protagonista, mas não tão dramático. Por outro o desafio da Misá ao imaginário do continente, o qual não se encontra tão presente no arquipélago, deve-se a sua vivência na Costa de Marfim, onde residiu por algum tempo. Na Fig. 29, vemos "Odisseia" uma várias peças que o Albertino Silva apresenta em sapatos, algo tem explorado a todos os limites. Interessante observar que para o público esta ficou conhecida como *Piroga*, embarcação artesanal e simplória com que as pessoas fugiam do continente em direcção

à Europa, muitas vezes passando por Cabo Verde, um sacrifício bastante actual, a que o artista não ficou indiferente.



Figs. 27, 28 & 29 Tabuleiro uril; escultura Abla Pokou; Odisseia © cortesia Albertino Silva

4.2.3.2 F. Morais

F. Morais viveu no Fogo, na Praia na infância e na tropa também esteve na Praia. No Fogo, quando era criança, porque o meu pai como já foi dito previamente, trabalhava nas construções técnicas e como estavam a construir o cais da Praia e do Fogo ao mesmo tempo, transferiam-no sistematicamente de lugar para lugar e onde ele fosse levava a família. Assim, segundo relatou na entrevista, conheceu parte do Fogo também: *“disseram-me que foi no Fogo que bebi a primeira água... quando fui eu não sabia nem falar ainda, quanto mais. Eu não me lembro nada. Lembro-me de mim ali, mas agora.... O resto não me lembro, só por ouvir falar.”*

Viveu em Portugal e já estive noutros lugares, mas não para viver... ainda não teve essa felicidade. Ele afirma que gostaria de ter ficado, por acaso, na Europa. Se fosse por ele viveria na Europa e não em Cabo Verde, pois sentir-se-ia mais útil aí. Afirma ter vontade de trabalhar, de fazer qualquer coisa, mas lamenta não o deixarem e acrescenta:

Quando digo não me deixam, refiro-me a instituições, ao meio cultural que não existe, não há incentivo, não há reconhecimento e lá fora eu sinto que há tudo isso. Qualquer material que precisas? Aqui está! Precisas contactar uma galeria para exposição? Aqui está! Tendo dinheiro tem-se tudo. E as pessoas reconhecem o teu trabalho. Basicamente é isso. Assim eu sinto- útil, gostaria de viver num país onde eu me sentisse útil a esse país. Se vissem coisas que eu tenho dentro da cabeça, sairiam a correr, diriam que eu sou doido. Até aqui em Cabo Verde, em São Vicente, uma altura eu levei um projecto para a Câmara, uma das dezenas de ideias que tenho dentro da cabeça, levei ao presidente da Câmara, ele viu e disse: -“muito interessante, muito interessante, ponha isso no papel!” e eu disse: “não, para pôr isso no papel, você tem de dar-me a garantia que eu tenho de contribuir para a sua execução e tenho de ganhar com isso”. Ele disse: “vamos estudar, vamos estudar”. E nada, não passou daquilo, mas no seu tempo ainda consegui falar com ele, mas com outros presidentes de Câmara nunca consegui falar. Nunca consegui falar com um vereador de cultura de São Vicente! Se eu disser isso a alguém, dizem-me que é mentira! Mas o que me dizem quando lá vou é sempre o mesmo:- “Não ele não está”; “ele está numa reunião”; “Vai e volta outro dia” e é tudo assim!

Um dos projectos que levou à Câmara era o do “Miradouro de São Vicente” - um miradouro numa parte virada para a cidade, que necessita ser embelezado, enriquecido com umas escadarias, uns quiosques onde os turistas possam parar e tomar qualquer coisa fresca, comprar *souvenirs*. Aí em cima, o artista colocaria uma escultura de São Vicente ou Nossa Senhora da Luz, iluminada, grande, para que as pessoas que lá fossem, estivessem como numa varanda, pois trata-se de um local estratégico da cidade, colocando e dando ênfase a São Vicente num miradouro, onde os jardins substituiriam a lixeira que existe á volta das casas clandestinas. Desanimado o artista refere:

Nada aconteceu... viram o projeto como uma coisa impossível, que não dava para fazer... uma coisa de doidos! Eu vi-o como uma coisa dum país sério. Às vezes uso o termo e muitas pessoas retorcem a cara. Mas um país a sério não desperdiçaria um local daqueles, não tinha hipótese! Os turistas que vêm a São Vicente onde é que vão? Subir no Fortim, subir a assomada de Cruz e descer, pronto.

F. Morais não tem espaço de trabalho. Vive na casa dos seus pais e trabalha num espaço improvisado, que não considera seu, pois pertence também aos vários irmãos e isso limita a execução de qualquer obra aí: -“ *somos vários irmãos, os meus pais são vivos, também não posso aventurar em fazer nenhuma obra, porque não fica bem. Embora eu tenha um terreno, mas não consigo construí-lo, porque tem essa coisa de “arte em São Vicente não dá dinheiro”, de modo que estou neste impasse. Qualquer oportunidade que surja para fugir de Cabo Verde, sou dos*

primeiros a fugir, porque é a tal coisa “fuga do cérebro”, se é que posso considerar-me um cérebro, mas saio e aconselho outras pessoas que estão nessa mesma situação a sair de Cabo Verde.”

Apesar de se ter dedicado durante algum tempo à pintura, resolveu parar porque apareceu muita gente a pintar e sente que se perdeu um pouco o respeito pela pintura e acrescenta: - *“Às vezes ouço na comunicação social falar nos grupos de deficientes que estão a fazer uma exposição de pintura, ou instituições viradas para doenças mentais que têm pessoas a pintar quadros, ou ainda os “rabelados” que estão a pintar quadros ou a fazer exposições”*.

O artista confessa-se chocado com tais notícias e afirma que essas manifestações artísticas não deveriam ser todas caracterizadas da mesma forma, nem colocadas no mesmo plano de análise crítica: -*“Não, no dia que pintura tiver a sua posição como uma arte nobre, eu posso pegar nela sem ser unicamente por encomenda”, agora para exposição a pintura fica esquecida”*.

Por essa razão F. Morais nada tem feito, a não ser na época do carnaval, onde é sempre contactado para fazer projectos de um ou outro grupo de carnaval. Em tempos ele fazia também decorações de festas e outros trabalhos que iam surgindo. Quando alguém lhe pedia, ou pede para fazer uma obra, ele aceita. Vai pesquisando e escrevendo e, por essa razão sente-se como numa ‘panela de pressão’, porque não está a conseguir dar saída a tudo aquilo que gostaria de fazer:

Não estou bem, alguém pode pensar que estou bem, há muitas pessoas que dizem: -“ah tu tens dinheiro!” e eu digo:- “vocês andam a dar-me algum dinheiro? Andam a dar-me trabalho?” Tenho vontade de trabalhar e às vezes digo isso às pessoas, mas elas dizem que é mentira. Tenho vontade de trabalhar e as pessoas não me deixam trabalhar.

Mas lido com todos os materiais, desde ferro, madeira, plástico, esferovite, cimento, lido com todos. Para mim todos os materiais são materiais, tudo que é matéria é fazível, eu gostaria de transformá-las todas em arte, uma arte positiva. Também, porque faço escultura também.

Os seus trabalhos são vendidos facilmente, pois tem muitas pessoas amigas, que pedem a outras para o contactarem. Trata-se de pessoas que o conhecem. Note-se que ele tem irmãos que vivem no estrangeiro também. De vez enquanto eles escrevem-lhe e perguntam: -*“o que tens aí?”*, e ele responde: - *“Eu tenho umas coisas novas”*. Os irmãos pedem-lhe que as mande e ele

aguarda que eles lhe enviem o dinheiro. Vivem na Holanda, são os mais velhos que cresceram com o seu pai e que foram para lá pequenos, mas que mantiveram contacto frequente e também o amigo de infância que foi colega de tropa e que vive no Luxemburgo. Para esse, ele envia de vez em quando trabalhos. O amigo responde:- *“olha vieram umas pessoas aqui e aqueles trabalhos já venderam todos, depois mando-te o dinheiro...”*.

Segundo F. Morais São Vicente não tem uma vida cultural como se faz constar. Ele argumenta: *“- Gabámos que somos a capital de cultura, mas é mentira. Se eu quiser ir agora á cidade para visitar uma galeria e analisar tendências artísticas, eu não encontro, a não ser que vá visitar uma pessoa que eu sei que tem o seu ateliê! Se alguém me liga do estrangeiro e me pergunta : -“São Vicente tem uma galeria para irmos visitar?” eu digo: “não”. Tenho pessoas que são conhecedores de arte, apreciadores de arte que compram, estrangeiros ou nacionais. Têm muitos nacionais que têm as minhas obras aqui em Cabo Verde, por exemplo na Praia. Tenho obras espalhadas à vontade, mesmo no Palácio do Governo, o quadro maior que tem ali é meu, fala do descobrimento de Cabo Verde. Há pessoas que têm colecções minhas na Praia. Às vezes chego ali e dizem-me:- “vou levar-te a casa de tal fulano para veres uma coisa”, chego lá e encontro vários quadros meus, como é o caso do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Sim, porque cidadãos comuns não compram arte, porque não têm aquela educação para a arte. Tanto um quadro de chinês ou um quadro de um outro teor, para eles é um quadro e pronto e acabou-se, aquele quadro tem umas cores que combinam com o meu sofá, ...ora então deixa-me comprá-lo porque combina com o meu sofá e a minha cortina e pronto! O valor intrínseco daquele quadro, o cidadão comum não o vê. Só as pessoas que têm uma cultura visual é que vêem isso! Só as pessoas que têm uma vivência fora do país...”*

Para este artista, neste momento só existe o carnaval! Ele costuma prestar serviços para dois grupos: Escola de Samba Tropical e Cruzeiros do Norte. Trata da confecção de algumas peças, as peças mais difíceis e que normalmente os grupos têm mais dificuldades em fazê-las, porque não têm aquele suporte artístico necessário. Segundo este artista, não há muitas pessoas a trabalhar no carnaval, nas partes mais fundamentais, que são as partes mais criativas, onde entra a técnica e alguma tecnologia. Para ele carnaval significa magia e tem de surpreender as pessoas e os grupos.

Muitas vezes os professores da área contactam-no para aparecer nas suas aulas e falar sobre um tema específico, mas são os professores que o contactam, não as instituições. A Escola Jorge Barbosa, através do seu director, tem-no já abordado, embora F. Morais não tenha tido tempo de os apoiar, porque o tempo é um pouco limitado. Já apoiou, no entanto várias escolas primárias na Boavista e deu aos alunos algum conhecimento básico sobre cores, e desenho, de uma forma informal. Ele comenta que o currículo deveria abordar essas questões:

Devia haver um currículo escolar com qualquer coisa ligada a esse propósito, contactar pessoas da área, que têm experiência, porque se ganha experiência com muitos anos, não se ganha com livros, ganha-se com calos; criam-se calos usando sapatos, como dizem: “cachimbo é que faz a boca torta”. Devia ter qualquer coisa sobre isso, não digo para pagarem, embora o Estado tenha dinheiro para pagar outras coisas, porque não haveria de pagar pessoas que trabalham na arte? Ou então teria outra forma de compensar também e todo o mundo sairia a ganhar, porque criaria um público consumidor e crítico também. As pessoas não ficariam com a mente obtusa, apercebendo só de outras coisas que não têm valor, porque já está mais do que na hora das autoridades pensarem que um povo tem de ser educado pela cultura, pela arte também. Em São Vicente não, é como dizem: “ninguém é profeta na sua terra”, não sei porquê, mas em São Vicente não faço coisas que devia ser normal eu fazer. Mas no Fogo, Boavista e Sal, já dei muitas formações! Por exemplo no Fogo já dei formações de teatro, já dei formações de pintura no Sal e na Boavista também e vou brevemente para a Boavista dar outra formação, agora a nível de teatro também.

O artista refere que cada um puxa para o seu lado, ‘cultura, cultura, cultura, cultura’, mas por exemplo, chega uma pessoa de fora que nunca esteve em Cabo Verde, um turista por exemplo, da Europa, e se quer alguma coisa representativa das artes e ofícios de Cabo Verde, acabam por comprar artefactos vindos da África. F. Morais alerta para o facto de os turistas comprarem o artesanato de cidadãos da Costa Ocidental da África, e lamenta que essas pessoas vendam sem uma devida licença, por exemplo. Ele sugere que se deveria apostar na fotografia, no documentarismo que evidencie o trabalho dos diversos artesãos das muitas áreas que caracterizam as artes de Cabo Verde. Esses registos audiovisuais deveriam mostrar os artistas e artesãos a trabalharem, costurarem, soldarem.

Basicamente é isso que eu vejo com muita mágoa, que não deixam São Vicente ser pretensamente uma ilha cultural, capital de cultura, mas de cultura tem só nome, não tem nada. Por exemplo, festa de São João, as festas que chamam juninas, eu via-o numa outra forma, que não é ir só no dia de São João, por as coisas, colocar as moreias fritando, as pessoas com tambor dum dum dum, as pessoas colando no meio daquela poeira depois vir para a cidade. Não eu via-o uma coisa turística, mas não era feita assim, eu via-o uma coisa refinada, mas eu gostaria de vê-lo um produto mesmo consumível em qualquer parte do mundo. Qualquer pessoa que chegasse para consumi-lo, como São João, fazem-no no Porto e é uma grande actividade cultural que mete muito dinheiro ali. Santo António em Lisboa também, fazem grandes desfiles nessa época e essa

festa nem é dali, aliás Santo António nem era português, então porque nós não o fazemos, ficamos sempre no sistema arcaico e vai estragando, estragando até descaracterizar totalmente.

A Fig. 30 com o título "Emigrantes na Pesca da Baleia", representa um dos momentos mais marcantes da história de Cabo Verde, marcado por uma forte comunidade emigrada, que se inicia precisamente com recrutamento de caboverdianos por parte de baleeiros americanos que no sec. XVII paravam nas ilhas para se abastecerem e levavam consigo esta gente conhecida por serem bons marinheiros. Este trabalho apresentado ao estilo dos murais que consagram as grandes epopeias, fez parte da última exposição de pintura de F. Morais e aproxima neste caso dos resultados alcançados nas expressões literárias e musicais por outros criadores. Na mesma exposição foi apresentado um outro quadro com o título "Morna" como que a querer exaltar este tal canto que atravessa toda a exposição. Entretanto, nesta mesma exposição há um quadro, nem tão figurativo com o título "O Encontro" Fig. 31 que se destaca pelos demais pela abordagem mais abstrato com que Morais abordou o tema. O nascimento do crioulo parece emergir de dois seres, masculino e feminino, e podemos identificar questões dos fenómenos pós-descolonização, várias vezes levantados pelo artista durante as entrevistas para este estudo. As fronteiras e as relações entre África e Europa, que a actualidade ainda não resolveu. Na Fig. 32 observamos o andor do grupo carnavalesco Cruzeiros do Norte (2013), tendo sido sagrado tricampeão neste ano com o enredo "História da Escrita", tendo Morais desenhado os três projectos titulados. De realçar que num contexto onde rareiam as oportunidades do grande público confrontar com a arte o Carnaval de Mindelo é o momento maior. O julgamento público é decretado em plena rua e ali de facto tem-se destacado os principais nomes das artes plásticas em Cabo Verde, que aproveitam esta arte efémera para mostrar o que valem. Três dos quatro artistas referenciam este espaço como uma escola do seu percurso criativo. Morais despontou nos anos noventa com o carnavalesco Djô Borja que como afirma nas entrevistas lhe dava todas as condições para realizar os seus projectos.



Figs. 30 Emigrantes na Pesca da Baleia de F. Morais



Fig. 31 O Encontro de F. Morais © cortesia F. Morais



Fig.32 - Andor carnaval 2013 concepção F. Morais © cortesia F. Morais

4.2.3.3 Joana Pinto

A obra de Joana começa a ser divulgada após um grande investimento seu em termos de gestão artística e cultural, tal como se constata neste seu relato:

Fiz uma visita de estudo ao Brasil, a convite da Morabi, há alguns anos atrás. Fiz algumas formações de curta duração, na Sebrae, de criação e gestão de empresas. Também estive em Moçambique, em formação, também sobre gestão de pequenos negócios. Se bem que foram formações direccionadas a pessoas com menos formação académica do que eu. Mas sempre procurei colocar estes conhecimentos em prática no meu trabalho. Sempre geri o meu ateliê, caso contrário não o teria mantido estes anos todos, com um trabalhador e toda a responsabilidade do aluguer do espaço. Frequentei também algumas acções de formação aqui em Cabo Verde.

Joana tem saído só de férias ou em trabalho. Já estive na Áustria, por exemplo, a fazer uma exposição e a participar em workshops. Mas, viveu sempre em Cabo Verde, isto é, em São Vicente. Mesmo Santo Antão, só vou de férias. No seu ateliê ela desenvolve atividades várias:

Aqui no Ateliê de Arte Joana Pinto, faço pintura, tapeçaria e batik, sendo que a pintura é a principal porque as outras derivam da pintura. A criatividade inicia-se na pintura, para depois se desenvolver a tapeçaria, batik, teares tradicionais e, dos materiais, uso fibras de vários tipos que mando vir de fora. Quanto ao batik, as fibras por exemplo, quando o Centro foi extinto, o material que ficou eu comprei-o quase todo. E como aqui a produção não é grande, ainda uso esse material que eu comprei, até hoje. É que não há grande produção. Não há poder de compra e nem tenho o número de trabalhadores que permita uma produção em série, porque aqui no ateliê nós damos valor à qualidade, rejo-me pela qualidade. Nós não corremos atrás da quantidade, embora saiba que deve haver um equilíbrio entre as duas coisas. De maneira que ainda vou usando esse material. Sempre que sinto falta de algum material, encomendo de fora. Quando viajo, também procuro trazer.

A propósito da realização de exposições e promoção do seu trabalho ela comenta:

Fiz mais colectivas do que individuais. Porque organizar uma exposição individual, implica produzir e guardar peças por meses, um ano. E eu não me posso dar ao luxo de o fazer, de parar de vender. Como pagar as contas, os impostos? Eu não saio á procura de patrocínios, porque posso não encontrar. E não paro de vender para expor, porque tenho responsabilidades todos os meses, com renda, salário, importação de materiais, impostos para pagar. É por isso que tenho feito poucas exposições individuais. Sei que são importantes, porque projectam o nome do artista. Não posso produzir e ficar sem mostrar o meu trabalho, porque assim ninguém sabe o que estou a fazer.

(...)Nunca pedi apoio a ninguém. Sou eu quem financio os meus próprios trabalhos e exposições. Às vezes, e já o disse ao meu funcionário, quando não vendo, tiro dinheiro do orçamento da minha casa e pago a renda do ateliê. Eu não vivo totalmente da minha arte. Faço outras coisas. Tenho minha casa, minha família, minha vida está organizada. E tento conciliar as duas coisas. Se falta dinheiro aqui, tiro de lá e meto aqui, é assim que eu faço. Nunca pedi nada a ninguém, porque não gosto de pedir nem ao Governo e nem a ninguém. Se me compram um quadro, considero-o um apoio. Mas, pedir dinheiro e recebê-lo do Estado, para mim não é apoio nenhum.

Sobre os estímulos e motivações que influenciam as suas criações ela confessa o seguinte:

Quando faço uma obra, o que me influencia é o quotidiano do cabo-verdiano, mais São Vicente, por viver aqui. É Cabo Verde, de uma forma geral, mas São Vicente tem maior peso por ser a ilha da minha residência. É o natural, o cais acostável, o mercado de peixe, a casa da criança, há todos aqueles locais estratégicos onde vou buscar elementos para fazer o meu trabalho.

Então, todas as minhas obras têm o seu projecto e a maquete. Primeiro, faço o estudo, tal como fazia no Centro Nacional de Artesanato. Aliás, mantive a metodologia que apreendi no Centro. Lá, por exemplo, as saídas para o terreno eram às quartas-feiras, para vários locais, conforme o plano de acção mensal e anual. Às vezes, saíamos para recolher material, depois de recolher

motivos naturais na rua, eram levados para o Centro, onde eram organizados, tratados e pintados. E eu mantenho este hábito de assim tratar os temas. Só que não saio muito para o terreno, porque trabalho sozinha e não disponho de muito tempo para o fazer. Quando se tem uma equipa, é diferente. Eu tive dificuldades, quando abri este ateliê sozinha, porque fui educada para trabalhar em equipa. E no Centro, éramos um grupo coeso. Para um artista, o trabalho torna-se mais fácil, em todos os aspectos, quando se produz em equipa, porque trocamos impressões, aprendemos a todo o momento com os outros. Lembro que, por diversas vezes, o Manuel Figueira ia ao local de trabalho dos alunos, eu ou outro colega, e dizia “vim aprender convosco”. Era um aprendizado constante, entre nós todos. De repente, passo a trabalhar sozinha. A princípio, custa. Mas graças a Deus, consegui chegar até aqui, fazendo o que eu faço. E não é para me gabar, mas depois da extinção do Centro, consegui fazer trazer para este pequeno ateliê uma miniatura do que fazíamos no Centro de Artesanato.

O Centro fechou e não havia outro espaço que os turistas pudessem visitar em São Vicente. Então, em todos estes anos, recebi aqui turistas de manhã á noite. Paro de trabalhar, recebo-os, respondo às perguntas, ficam aqui durante horas a fio. E nem sempre compram. Embora, a compra em si não seja meu único interesse. Quem compra também divulga o meu trabalho e isso é importante para mim. Os elogios que recebo dos turistas, alguns pessoas entendidas em arte, acabam sempre por dissipar as dúvidas, se é que alguma vez as tive, sobre o valor do meu trabalho para mim. Então, durante anos, era aqui que vinham os turistas. O Museu de Arte abriu há pouco tempo. Então, era aqui no meu espaço, que vinham, conhecer um tear tradicional, eu mostro-lhes um pano tradicional e explico como é tecido o nosso pano-de-terra. E saem daqui com um encanto, uma alegria no rosto e mostram-me uma felicidade por terem conseguido dar com este ateliê. É que para muitos passa despercebido, porque está mal localizado. É perto da Praça, mas às vezes os turistas andam às voltas até chegar aqui. Por isso, acabei por fazer cartazes, que foram de grande ajuda na divulgação. Há dias, um casal dizia-me que se perderam antes de conseguir cá chegar. Mas os cartazes ajudam a localizar o ateliê. Então, tenho consciência que fiz um bom trabalho para mim, para São Vicente, para Cabo Verde.

Joana faz referências a outros artistas que trabalham a mesma tecnologia da Tapeçaria:

Como te disse, não produzo em grande quantidade. Somos apenas dois a produzir no ateliê. Anteriormente, meu ateliê era dos poucos espaços de produção em São Vicente. O Manuel (Figueira) e a Luísa (Queirós), por exemplo, têm ateliês, mas há muito deixaram de produzir tapeçarias. Bela (Duarte) também produzia, ma esteve doente... então, como não produzo em grande quantidade, vendo directamente aqui. Antes, Dona Rosália Vasconcelos, comprava meus trabalhos para vender em sua loja. Há outros locais também... como no espaço de Dona Zenaida no mercado municipal. Ela não compra, ela coloca em seu espaço e vende. Temos uma forma especial de negociação. Porque se ela vende mais caro que eu, ninguém compra, valerá mais a pena comprar directamente aqui. Eu não quero isso, quero é que vendam também. Às vezes também reclamam que vendo a mesmo preço que nas outras lojas, que eu deveria vender mais barato. Mas, não concordo. Se eu lhe fizer concorrência, não vendem. Essas lojas estão localizadas em pontos estratégicos, interessa-me ter minhas peças lá. Mesmo que eu não ganhe muito, mas estão melhor situadas do que meu ateliê, as pessoas vêem o meu trabalho e, depois, vêm ter comigo. Mesmo que não ganhe dinheiro, directamente, ganho em publicidade. Eu tive também uma pessoa que me apoiou muito, numa loja no Free Shop do Sal, onde colocava muitas peças, sobretudo as de pequena dimensão, tapeçarias e batiks, fizemos negócio durante alguns anos mas, aquele aeroporto do Sal foi um bocado abaixo, depois da abertura dos aeroportos internacionais noutras ilhas. Essa loja, acho, acabou até por fechar as portas. Então, as coisas têm-se tornado mais difíceis, mas é assim que agora vendo aqui no ateliê. Tantos anos de trabalho e a qualidade do que faço, as pessoas procuram-me, compram, divulgam. De maneira que, a toda

hora, tenho gente a entrar aqui. É gente que vive no estrangeiro, quando chegam os parentes e familiares falam-lhes de mim, e procuram-me. E é assim que, após esses anos todos, tenho conseguido trabalhar.

Todo o tipo e qualidade de pessoa. De todos os que compram, são turistas, pessoas com certa formação, todos compram. Os nacionais também compram. Mesmo, pronto, entidades para fazer oferta, também pessoas singulares, às vezes precisam comprar um presente. Mas não tenho tido muitas razões de queixa até esta. Não produzo muito, mas o que faço, não fica guardado. Embora, neste momento, as coisas estejam muito difíceis. É esta crise. Estou a senti-la na pele, de forma considerável. Está mau. Se as coisas não mudarem, nem sei.

A Fig. 33 é uma maquete em guache para projecto em tapeçaria da artista Joana Pinto, que mantém a metodologia do antigo Centro Nacional de Artesanato, então sob a direcção do pintor Manuel Figueira. A temática rural, está exaltada por um elemento característico da paisagem rural caboverdiana, sobretudo em S. Vicente, onde se destaca na paisagem desértica, a bomba de vento, utilizada para extração de água no subsolo. As tamareiras também são uma marca das ribeiras onde se desenvolve as plantações. Fica claro a ideia de recolha de temas directamente no lugar, facto várias vezes referenciado nas entrevistas, como sendo o início da metodologia. A Fig. 34 é uma peça em batik com título "Máscara de Carnaval". Embora Pinto não se tenha referenciado como uma adepta do carnaval, e nem tão pouco mencionado que este tenha feito parte da sua aprendizagem, diferente dos restantes artistas, não ignora esta temática, tal a importância que esta assume no quotidiano mindelense. Esta peça algumas vezes repetida pela artista, tornou-se uma espécie de estampa do seu trabalho, tal a forma como o público a associa à sua produção. A Fig.35 é uma tapeçaria cuja a temática está directamente ligada à metodologia utilizado neste trabalho. Trata-se de um momento de contação de história, uma prática de convívio e formação intergerações que pouco a pouco foi substituída por momentos mais individuais de distanciamento do, que desenvolvimento tecnológico proporciona, mas que entretanto poderá se constituir numa ferramenta didáctica válida dentro do contexto educativo.



Figs. - 33, 34 & 35 Maqueta em guache; Máscara em batik; tecelagem *Contador de Histórias* de Joana Pinto © Tambla Almeida

4.2.3.4 Nild

Nild explica onde trabalha e o que faz desta forma:

Em princípio o meu local de trabalho é na minha casa, que é o meu ateliê, para além disso tenho um colega quando somos solicitados e como já temos uma linha de execução a nível de escultórico, trabalhamos juntos no ateliê do meu colega Ró, no espaço Interart do qual sou co-fundador. Claro que eu e o Rô funcionamos na Interart quando temos obras específicas, mas geralmente a minha intervenção é directamente nos espaços públicos. (...) porque tenho outras vertentes a nível de projectos, sou eu que desenvolvo os projectos, enquanto Rô preocupa mais com a parte de execução. Desenho projectos de arquitectura, de vez em quando sou solicitado geralmente por pessoas de fora porque aqui já está um pouco fechado porque o desenhador praticamente deixou de existir, isso porque muitas pessoas preferem as novas tecnologias.

A minha solicitação é mais a nível de escultura. Altos e baixos relevos em cimento ou pedra, tenho um pouco de conhecimento a nível de metalurgia que me facilita no trabalho com o ferro, também já uso pedra, mas o usar pedra é muito dispendioso devido às ferramentas e acessórios que são caros. É extremamente caro, então prefiro a técnica mais usada no momento que é a técnica de betão. É mais barato e o seu custo é menor para quem solicita alguma obra. Escopos, pincéis, rebarbadoras... ou seja o tipo de material que é necessário para que uma pessoa possa desenvolver um produto com alguma qualidade. Trabalho mais em escultura, pintura em telas e murais. Mais é escultura, pintor esporadicamente, possivelmente devo fazer algumas exposições encomendadas pelo Centro Cultural do Mindelo, na pessoa da sua directora. Vou fazer o possível para que no princípio do próximo ano apresente a minha exposição ao público.

Ultimamente estivemos a fazer trabalhos didácticos com os painéis pictóricos que estão a cidade do Mindelo, em Fonte de Meio. Foi uma solicitação da Câmara Municipal. Também intervimos nos muros da ENAPOR, no sentido de chamar as crianças da pré-primária atenção para o mundo da criação artística. Essas pinturas foram trabalho dessas crianças, foi apenas uma ampliação dos seus trabalhos, não é uma coisa nossa.

Todos os anos temos esse “sapa testa” de estar envolvido no carnaval. Já é um bichinho que esta dentro de nós, e já não conseguimos fugir. Mesmo que nos falcatruem todos os anos, acabas sempre por regressar porque carnaval é mais importante do que o dinheiro, aquelas falcatruas que acontecem em qualquer evento.

A nível da intervenção de decoração de espaços interiores tenho actuado em alguns locais, tais como Jazzibird, Experience, Saturno em algumas zonas. Não temos problemas, por exemplo, quando sou solicitado para qualquer movimento pictórico ou escultórico, não existe nenhum ciúme, nenhuma clivagem entre mim e o Rô. Um assunto directamente para mim às vezes é uma obra pequena. Não é justificável que duas pessoas estejam a executar o mesmo, ou seja, por exemplo um busto é descabido duas pessoas estarem numa obra de reduzida dimensão, não temos nenhum problema desse tipo. Quando tenho obras de grande volume nós os dois sempre pensamos juntos, pomos no papel, apresentamos ao patronato ou à pessoa que está interessada naquela obra e se ele aceitar, executamos, e assim por diante. (...) sentamos, discutimos, rectificámos! Às vezes passamos dias a fazer isso, até chegarmos a um consenso.

(...)toda a solicitação, para além da parte escrita, fazemos uma pequena maquete onde a ideia é apresentada mais concreta. Nesse momento estamos a executar o emblema da judiciária, para fixar na sua nova sede. E o próximo trabalho de escultura é uma proposta que foi encomendada da Praia, que é na casa de “Scapa”. Não é algo da linha tradicional, mas algo que já as pessoas não estão habituadas. Estou-me abstraindo um pouco do design a nível de conexão, porque ele não quer uma coisa fixa. Algo para alguém pensar. Naturalmente já aconteceu e tem vindo a acontecer.

Quando aparece uma solicitação de outra pessoa a ideia é sua, ele exige simplesmente a concessão. Já aconteceu que muitas vezes as pessoas dizerem-me: “- *Eu quero que você me faça isso*”, discutimos claro, porque há alguns impedimentos que tens de chamar a atenção da pessoa, porque não vê aquilo em toda a sua vertente, e assim dialogamos sobre as mudanças que possam ser feitas, e esses são pormenores do projecto. Não me traz nenhum problema, porque temos um país com muita carência e dificuldades então mais uma obra, uma escultura, uma pintura é sempre bem vinda, porque para além da parte financeira, tenho o prazer de estar a executar aquilo...

Os nossos clientes são a Câmara Municipal, Governo, particulares e também estrangeiros.

A divulgação e comunicação é feita através do seu e-mail, telefone e através de pessoas. Isso não se passa com a Câmara porque já o conhecem, e o mesmo acontece com o Governo de Cabo Verde, porque há pessoas indicadas para fazer esse tipo de intervenção. Os estrangeiros contactam o artista através dos seus amigos, ou de outro estrangeiro colega para quem Nild fez algum trabalho, então seguem e perguntam, tal fulano deu-me um número e depois solicitam o que pretendem.

"Zorra" Fig. 36 é tema do painel que se encontra na Praça Estrela, mesmo no centro de Mindelo. Uma imagem dos tempos antigos da cidade quando ali se encontravam instalados grandes depósitos de carvão das companhias inglesas. Zorra é o nome meio de transporte em madeira, espécie de trenó, que puxado por carregadores deslizava sobre as ruas da cidade quando ainda as

viaturas de transporte eram uma raridade. Nesta obra de Nild, assinada conjuntamente com o seu parceiro de trabalho Rô, tornou-se num ponto de referência para os guias turísticos, que têm assim mais facilidade de explicar o momento histórico aos visitantes. Ainda em fase de construção a Fig. 37 representa uma outra cena que se tornou uma raridade, mas que se constituiu num dos elementos mais profícuos de toda música caboverdiana, a Serenata. No caso, foi solicitado como ornamentação de um espaço privado, respondendo ao desejo de um lugar que se quer de música, ou mais especificamente de "Noite-caboverdiana". Em detalhe, vemos na Fig. 38 uma cantadeira de funaná, género musical marcadamente da ilha de Santiago e um dos traços mais marcantes da identidade e cultura caboverdiana. A música, arte de maior expressão em Cabo Verde parece ser uma inspiração constante para os seus artistas plásticos. No caso de Nild, não está tão distante assim dessa esfera. É percussionista, tendo pertencendo a diferentes grupos musicais, desenvolve actualmente um projecto experimental conjuntamente com outros músicos da cidade.



Figs. 36 & 37 *Zorra* alto relevo; alto relevo *Serenata* de Nild e Rô© cortesia Nild



Figs. 38 Detalhe *Funaná* alto relevo © cortesia Nild

4.2.4 Internacionalização

4.2.4.1 Albertino Silva

Albertino não consegue dizer o número certo de exposições colectivas em que já participou. A sua primeira participação numa exposição colectiva em São Vicente foi no *Interart* em 1996/97. Desde essa altura participou quase todos anos. Teve anos em que participou em mais do que uma exposição. Internacionalmente já participou em exposições, feiras. Em termos de feiras os mais importantes em que já participou foram a ARCO- Feira de Arte Contemporânea de Madrid, duas vezes, bienal do Porto Santo (Madeira), duas vezes e na Semana Cabo-verdiana de Paris e Canárias e outras em que no momento da entrevista não se lembrou.

Albertino explicou que para se preparar uma exposição, tem que enfrentar muitos constrangimentos, que podem provocar alteração de datas, pelo que não gosta de marcar datas e que por essa razão tem participado mais em exposições colectivas do que individuais.

Em termos nacionais tem feito exposições com mais frequência em São Vicente e na Praia. Às vezes pergunta-se porque não faz uma exposição na Brava ou na Boavista, mas tem consciência que às vezes têm falta de interesse nessas ilhas. No entanto sabe que se quiser uma exposição na Praia ou em São Vicente terá uma resposta positiva, mas nas outras ilhas não. Não sabe porque é que isso acontece, mas não tem sequer resposta. Para divulgar o seu trabalho usa um blogue, embora o direcione mais para o trabalho de sapatos. Mas através dele as pessoas acabam por contactá-lo. Utiliza outras formas simples de divulgação, tais como a distribuição de

cartões de contacto, ou quando participa numa exposição, a instituição promotora envia os seus convites e ele envia os seus. Ele considera que a estratégia de comunicação funciona, mas que se fosse uma empresa a fazer o trabalho seria melhor. O artista tem um amigo que lhe vende algumas peças e por vezes nem sabe quem os comprou. Quando se trata de esculturas de pedra, imagina que seja em Cabo Verde e afirma: “-*Embora através do Instituto das Comunidades, peças minhas já foram para Paris. Peças de 20/ 30 KG. Os sapatos, muitos vão para fora*”. Ele considera que alguns clientes são muito fiéis, dando o exemplo de um em São Nicolau que ainda na véspero o tinha procurado. Trata-se de um cliente que está a desenvolver um projecto de turismo rural e que lhe compra algumas peças. Segundo Albertino, muitos clientes compram para levar para América, pois os emigrantes compram muito. Há pessoas que conhecem o seu trabalho e então trazem pessoas que ele não conhece para fazerem compras. Já fez troféus, encomendados por algumas instituições, prendas para casamento e outras ocasiões.

Há ainda muitas instituições que adquirem as suas peças, nomeadamente o Instituto das Comunidades, do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Através deles e dos emigrantes Albertino tem peças que vão para vários lugares, fora de Cabo Verde. Fez também para a Direcção Geral de Ambiente, um troféu em pedra que foi entregue ao melhor stand da feira do ambiente em S. Vicente.

Tem trabalhado em pedra e sapato, mas há uma peça que fez com sapatos – *Odisseia* – inspirada nos emigrantes vindos da costa de África para Cabo Verde, pois como ele refere, os habitantes de Cabo Verde também já tiveram o seu tempo de odisseia. A peça foi adquirida por um representante do Ministério da Cultura de Portugal. Foi um encontro internacional realizado na Praia para falar sobre cultura. Nessa altura o representante estava a escolher algumas peças, então acabou por escolher aquela peça.

4.2.4.2 F. Morais

Relativamente à sua participação em exposições a nível internacional, T. Morais refere que a única exposição colectiva que se lembra foi com o Kiki Lima, Bitim de Nhose e também já participou na exposição dos jovens criadores de CPLP, nas bianuais que faziam, que infelizmente já terminaram. Fez também muitas exposições individuais, tanto em São Vicente

como na Praia e no Sal, já fiz muitas. Fez também na Holanda em 1998 uma exposição de pintura, embora não tenha estado presente, mas mandou uma coleção de trabalhos que estiveram lá a representar o seu nome.

Em São Vicente, durante a década de 90 fez muitas exposições e na década de 2000 também. Em 2002 e 2006 fez uma exposição na Praia, Sal e São Vicente. No ano 2003, fez em Lisboa e Porto. Já não pensa muito em fazer exposição de pintura, a não ser numa outra ilha onde ainda não tenha feito. Sempre que tem trabalhos guardados pensa divulga-los e vendê-los: “- (...) *porque eu sou assim, basta fazer um trabalho, enquanto este estiver nas minhas mãos não fico bem, tenho de mandá-lo embora, não gosto de guardar trabalhos*”.

O artista queixa-se que em Cabo Verde os artistas só são reconhecidos se saírem primeiro e fizerem o seu percurso no estrangeiro: “-*fulano de tal é...!. É como a Cesária Évora, deram-lhe uma casa quando ela já conseguia comprar uma casa (...) não há nada relacionada para pessoas que estão no anonimato (...). É o que mais lamento e no meu caso eu tenho a mania de não me considerar cabo-verdiano, enquanto eu não disser que a independência me serviu para alguma coisa, porque a independência não me serviu de nada, antes pelo contrário, mas cada um sabe onde lhe doem os calos. Mas para outras pessoas e mesmo para o sistema de educação não há uma preparação de base dos alunos, não há um currículo escolar, não há nada para sensibilizar, para criar um público consumidor e apreciador, não há. Por exemplo as escolas não levam os alunos para irem ver uma exposição. Tem uma exposição de tal artista, ok essa turma vai e no dia seguinte fazem uma dissertação sobre essa exposição ou mesmo ao teatro também. Não tem peças de teatro ou não há contacto com associações teatrais, ou sabe-se lá o quê, para darem formações nessas escolas, escolas do ensino básico, por exemplo, porque é ali que começa tudo! É assim como as coisas deveriam ser feitas para criarem um futuro público crítico e consumidor, porque daqui a pouco tempo não existe público consumidor. Neste momento quem vai ao teatro são só as pessoas que vão há muito tempo e a grande massa não vai ver um bom espectáculo, porque não tem paciência para um bom espectáculo. Preferem ver festivais e pronto, ou ir para uma discoteca! Agora para irem ver um espectáculo, uma exposição, obras clássicas ou quê, nada disso!*”

F. Morais lamenta não poder ter mantido a nacionalidade portuguesa:

Na minha cédula pessoal está escrito República Portuguesa e tem aquela estampilha portuguesa, mas com a independência lixaram todo o mundo, porque não salvaguardaram: “queres manter a tua nacionalidade europeia?” “Sim eu quero mantê-la, porque quando eu precisar ir para o estrangeiro buscar um material, por exemplo, não consigo ir. Tenho de pedir mil e um documentos para ir para o estrangeiro, enquanto há pessoas aqui, que praticamente eu vi nascer, têm o seu passaporte vermelho saem quando querem, chegam e passam-me à frente quando querem e somos todos cabo-verdianos, porquê? Porquê? Porque os governantes, uso sempre uma frase: têm todos a sua nacionalidade recuperada, os seus filhos têm tudo, vão para a América quando querem, vendem os seus materiais e eu continuo aqui, porquê essa injustiça?

Essa é uma coisa que eu não aceito, não aceito de nenhuma maneira. Então podiam dizer assim: - ok, és artista, já provaste que trabalhas em arte, ok damos-te um passaporte diplomático, pelo menos suaviza um pouco”. Se eu quiser ir para Portugal neste momento, tenho de levar documentos do banco, documentos de casa, tenho que tirar atestado médico, pagar ao Estado, tirar registo criminal, se não estou com o passaporte em activo tenho de o fazer, tudo isso, depois tenho que pedir favor as pessoas no estrangeiro: “vou ficar na tua casa, manda-me papel da tua casa, papel de vencimento, isso e aquele outro, para quê? Tudo isso podia ser evitado!! Na altura da independência salvaguardavam esses casos aqui, ok aceitamos a independência, mas isso é um caso já mais político, mas tinha que estar tudo no papel, assim e assado. Agora é preciso ter mil documentos para ir lá fora! A mim, por exemplo, talvez não possam recusar-me visto, mas a outras pessoas recusam. Tenho irmãos aqui que nunca usaram um visto, no entanto eles têm o seu trabalho. É só para ir passar 30 dias lá fora, mesmo em Portugal não proporcionam o visto. Porquê? No entanto nasceram em território português. São essas coisas que eu digo às pessoas e elas ficam revoltadas, dizem: “não, foi bom a independência”. Foi bom para alguns, mas para mim não foi bom, pronto! Não foi nada bom.

A propósito da divulgação da sua obra, F. Morais refere que várias vezes deu entrevistas em alturas de exposições de pintura, no carnaval e que são tantas que já nem se lembra de muita coisa. Em termos de associação também, associação de carnaval, associação de artistas plásticos, por exemplo quando vai para a cidade da Praia costuma dar entrevistas na televisão ou rádio. Nas ilhas do Sal, São Vicente, Fogo, costuma ser entrevistado pela Rádio Nova, pelo que não tem razões de queixa, porque sempre que foi entrevistado e o seu trabalho divulgado com profissionalismo. O artista diz que os jornalistas visitam sempre o espaço, apresentam um bom tratamento de imagens, na rádio e jornais. Constata, no entanto que os jornais não o procuram muito, a não ser porque conhece um ou outro jornal, e através desses contactos os jornalistas sempre aparecem, mas normalmente os jornais não chegam perto para conhecer.

A última exposição que eu fiz foi em 2008, não tenho feito...por motivos financeiros: primeiro porque eu sempre disse: “próxima exposição que eu fizer tem de ser algo totalmente diferente do que eu tenho apresentado”, já não quero apresentar pintura só por si. Quero apresentar outros tipos de trabalho que não seja nem pintura “cruamente” ou escultura “cruamente”. Quero apresentar trabalhos que surpreendam as pessoas, mas por motivos financeiros, porque fazer uma exposição em Cabo Verde, desse carácter que estou pensando, custa muito, por menos de 500

contos por exemplo. Não consigo fazer essa exposição que eu pretendo fazer. E quando se trata de sobrevivência, como dizem: “outros valores se levantam”.

Tenho ido mais para a ilha de Santiago. Sempre que faz exposições vai quase obrigatoriamente à ilha de Santiago, porque tem boas amizades ali, seus agentes, que gerem as exposições e vendas das suas obras e tratam da comunicação. Na ilha do Sal só foi uma vez , apesar de sentir todo o apoio da Câmara Municipal dessa ilha: “-... *tive um tratamento sete estrelas, posso dizer, tratamento máximo. Em termos de organização, só lhes telefonei e eles disseram: “traz que tomámos conta”, e de facto quando cheguei ali eles penduraram os quadros nas paredes, fizeram cartazes, fizeram tudo, divulgaram, foram aos hotéis marcaram exposições ali, levaram todos os trabalhos e expuseram-nos e praticamente não fiz nada, só dei a cara, vendi todos os trabalhos e a Câmara também adquiriu os meus trabalhos. A Câmara de São Vicente, curiosamente nunca me adquiriu um trabalho! A propósito disso, a última exposição que eu fiz, eu tinha dito: “eu vou oferecer esse trabalho aqui à Câmara de São Vicente, na mão do Presidente. Mande-lhe convite e até hoje estou à espera dele! Resultado, levei o quadro para a Praia e ofereci-o a uma entidade.*

Fez exposições em Roterdão e Portugal e diz que gostava de expor mais na Europa. No entanto, qualquer exposição na Europa custa muito dinheiro, principalmente em termos de transporte dos materiais: “- *uma vez por exemplo, eu mandei uns materiais para a Holanda, porque eu fui depois. Na alfândega criaram-me tantos problemas com aqueles trabalhos! A pessoa que ia recebê-los na Holanda, liderava várias associações ali, então ele era o presidente da federação dessas associações e foi tomar um documento em cada uma delas, que dizia que eu estava mandando os trabalhos para cada uma delas, foi assim que os trabalhos entraram. Então eu disse que da vez seguinte eu faria diferente, ou seja, embrulharia cada um deles, colocaria um nome e depois enviaria todos juntos, porque senão dizem que eu estou fazendo contrabando... e se eu fosse levá-los também iam custar-me os olhos da cara! Por isso fui enviando para pessoas que os levavam. Mas agora é mais fácil, porque fazes um volume e tem as linhas do TACV que vão directo. Mandas desde que seja cada volume como uma prenda, e assim já é mais fácil. Se os lewares como responsável, tens de pedir muitos documentos na embaixada, muita coisa, ... é complicado!”*

Os obstáculos apontados evidenciam os problemas com que a internacionalização se confronta, especificamente no que diz respeito à livre e fácil circulação de bens. A isso junta-se a evidente falta de motivação de alguns dos organismos estatais em termos de divulgação patrimonial. Note-se que a exposição de Roterdão não foi apoiada pelo Governo, apesar de ter contado com a presença da rainha da Holanda, à frente da Câmara Municipal, e de um milhão de pessoas que participou no Summer Carnival. A sua presença permitiu a divulgação do património de Cabo Verde e especificamente da ilha de São Vicente.

4.2.4.3 Joana Pinto

Para Joana expor implica armazenar trabalhos, embora tenha aqui trabalhos em número suficiente para expor, mas... outra razão para não fazer muitas exposições programadas é que aqui no ateliê, os seus trabalhos estão permanentemente em exposição. Ela explica:

Termino uma obra e penduro na parede. Recebo visitas diariamente, de turistas, alguns nacionais, e tudo. Então, considero-me em exposição permanente desde que abri este espaço. É por isso que não sinto tanta necessidade de fazer exposições programadas. É assim, que exponho aqui, os compradores vêm ter comigo, comprando ou não, saem daqui felizes. Também já me fizeram várias reportagens. O Rui Simões, esteve cá, também esteve cá o Francisco Manso, o português. E vários outros. Vêm cá, pedem-me entrevistas e tudo enquanto. Tenho procurado estar sempre disponível, na medida dos possíveis.

Já fiz tanta coisa em minha vida. Sinto-me um pouco cansada. Já fiz tanto, já corri tanto pela cultura cabo-verdiana! Já sofri... certa vez, fui a uma exposição em Portugal, eu e um colega da Praia. Era o delegado na Praia, porque o Centro Nacional de Artesanato tinha uma delegação na Praia. Era o único serviço que tinha sede em São Vicente. Então, fomos fazer a exposição em Portugal, eu de São Vicente e o delegado do Centro na Praia. Uma exposição-venda. O Centro comprava trabalhos de vários artesãos, em coco, bambu, renda, bordado, chifre, cerâmica, e vendia na loja. O Centro deu trabalho a muita gente, a quem comprávamos os trabalhos para colocar na loja. Os presos da cadeia de Ribeirinha viviam daquilo que ganhassem através das vendas no Centro. Quem soubesse produzir algo, tratava de o fazer. Lembro-me de uma senhora, de Ribeirinha, que fazia bonecas de pano. Já era um sustento, porque podia vender no Centro. Havia dias certos para comprar os trabalhos. Os reclusos vinham, acompanhados, com as suas peças, e nós escolhíamos as que seriam adquiridas, pela sua qualidade. Também dávamos conselhos sobre como poderiam melhorar o seu trabalho. E nós colocávamos esses trabalhos na loja com um acréscimo de dez por cento sobre o preço de aquisição. Então, fui à exposição, em Portugal, e levámos esse material da loja para vender lá.

Segundo Joana Pinto, algumas dessas exposições eram solicitações feitas de entidades na Praia, instituições como Palácio do Governo e outros para Centro Nacional de Artesanato. Sempre que havia algum evento governamental mandavam convites e algumas vezes era indigitada para fazer exposições como funcionária do Ministério da Cultura. Fez também exposições internacionais onde viajou para outros países e noutras vezes só enviou as peças, pois os custos eram elevados.

Chegou a negar alguns convites, já que as suas responsabilidades assim a obrigaram ali no ateliê. Mesmo tendo um colaborador, tem de estar sempre atenta para manter qualidade. Qualidade é que o mais valoriza para os meus trabalhos.

Já viajou a partir do Centro, mas também a partir do ateliê, através de convites directos, como por exemplo para São Paulo, com um grupo empresários em visita de estudos, a convite da Morabi e da Promex. Fez visitas a várias feiras de arte, sempre com interesse em visitar museus e tudo aquilo que diz respeito a arte. Numa dessas feiras, o cônsul de Cabo Verde disse "*Joana já entrou no seu mundo, deixem-na apreciar a vontade*". Joana confia o seguinte: "*- A própria embaixadora do Brasil aqui disse que uma das pessoas que ia adorar seria eu, e de facto foi maravilhoso. Fui também a Moçambique a convite de UNESCO, através da Morabi. Levei peças para mostrar e fiz formações. A cada viagem regresso mais enriquecido, porque sempre visito vários sítios artísticos, convivo com outros artistas para troca de impressões, e é sempre uma aprendizagem. Sempre viajei a convite de instituições. Quando me convidam fico contente porque é um reconhecimento do meu trabalho, segundo porque regresso com mais conhecimentos. Mas quando convidam outra pessoa fico feliz na mesma porque não devemos ser egoístas, normalmente são pessoas amigas que merecem também oportunidades.*"

Joana tem colaborado com Morabi, Promex, Câmara Municipal, escolas. Nunca recusou nenhuma solicitação que tenha chegado até si. Por vezes nega por causa do volume de trabalho, preferindo não colocar as coisas em risco e diz o seguinte: - "*Vou de acordo com as possibilidades. Mas trabalho com todos que chegam até mim. Com as escolas tem sido mais complicado ultimamente, porque é um espaço pequeno e fica difícil receber uma turma inteira. Por vezes divido-os em partes de dez. Assim tento sempre colaborar, e vou dando respostas as várias solicitações. Com isso tenho mantido amizade com muitas pessoas que vêm aqui desenvolver algum trabalho, como duas portuguesas que estiveram aqui a fazer recolha para um trabalho de fim de curso.*"

Ainda estava no Centro Nacional de Artesanato, quando o Papa João Paulo II veio a Cabo Verde, a Câmara solicitou uma peça para oferecer a uma entidade. O tema que escolheu foi o da preservação da natureza que é algo que toca qualquer ser humano. Sentiu-se muito feliz a fazer este trabalho. Uma tapeçaria com o tema ecologia. Existem outros trabalhos como os que estão expostos na Assembleia da República de Portugal. Existe um outro trabalho que fez para o Nhonho Hoffer Almada, das tapeçarias mais grandes que já fez, através de fotografia de um quadro. Não era criatividade sua, mas gostou muito de fazer. Os temas eram tabanka, funaná e batuque, três temas num. Teve uma certa liberdade, mas ele também queria que introduzisse o seu cunho pessoal. Foi ao seu estilo, à sua maneira. A esse propósito ela afirma o seguinte:

Na tapeçaria, da criatividade a produção existe muito trabalho. Repito as peças duas ou três vezes para poder dividir os custos. Não convém ter peças muito caras. Fico por um preço razoável, nem para ficarem muito caros, nem para não desvalorizarem-se. Raramente faço peças únicas, mas se alguém pede deixo claro que custo será outro.

O Rui Simões veio aqui comprou um quadro de pintura com o tema Colá Sanjon, mais tarde queria usá-lo como símbolo de uma associação com o qual em Cova da Moura. Pediu autorização mas hesitei, sabes fiquei em dúvida, já que seria reproduzido em vários suportes. Ele disse-me "Joana deixe-me trabalhar, vocês artistas cabo-verdianos não deixam trabalhar. Regista as obras e ganhe com os direitos autorais". Mas não tinha a obra registada. Passou um tempo, um ano e tal, ele telefonou a pedir autorização para usar o mesmo quadro como capa de CD que a associação estava a editar. Respondi que desde que fosse possível colocar o meu nome como autora da obra não havia problema nenhum, e claro que teria beneficiar dos direitos de autor. Mas até então não sei como as coisas andaram.

A propósito da divulgação da sua obra nas redes sociais, ela explica:

Já fui criticado porque não tenho um site e os turistas vêm aqui, querem comprar alguma obra e fica uma situação complicada, porque nem sempre estão preparados financeiramente. É nisso que site deixa falta. Normalmente as pessoas chegam até aqui através de indicação de uma outra pessoa que conheça os meus trabalhos.

Relativamente ao seu papel na formação neste setor, Joana alega que colabora sempre que pode:

A colaboração que faço com escolas é receber visitas de estudo que fazem ao ateliê. De resto tenho colaborado muito com estudantes do curso de turismo cedendo-lhes materiais para os seus trabalhos. Mas nunca realizei projectos com escolas. Aqui não faço por causa do espaço. Enquanto estive no Centro Nacional de Artesanato dávamos formações em conjunto. Mas eram formações de curta duração, coisas mais empíricas, com poucos estudos. Quando fui convidado pelo Centro de Emprego para dar uma formação não foi possível pois teria de passar muito tempo fora aqui do ateliê. Neste momento não tenho nenhuma relação com o antigo Centro Nacional de Artesanato. Depois de sair dali tentei que alugassem um espaço para trabalhar. Escrevi várias cartas e nenhuma resposta. Mesmo quando ali esteve completamente desactivado, não concederam lugar ali para trabalhar. Mas tenho estado a procurar um novo espaço por aqui é

muito pequeno, tem problemas de infiltração de água quando chove e é uma rua com pouco movimento de pessoas.

4.2.4.4 Nild

Quando se levanta a sua primeira função é arrumar o lugar de trabalho porque gosta de ter as suas coisas sempre arrumadas. Depois se tem algum projecto começa a executá-lo. Se tem algum assunto geralmente supervisiona, nalguns estabelecimentos de vez em quando tem que prestar esse serviço e regressa por volta do meio-dia cansado: “ *naturalmente o corpo pede um pouco de descanso. Quando temos trabalhos na rua, a nossa preferência é trabalhar na parte da tarde e pela noite dentro! Geralmente à noite é mais calmo e estás mais descontraído. Não se tem muito barulho e então eu prefiro assim a nível de trabalhos escultóricos, porque de dia tem muito azar, movimento*”.

Nild tem feito mais exposições colectivas e as suas exposições individuais são públicas e estão espalhadas por todo Cabo Verde. Na Praia cerca de quatro cinco exposições colectivas, e individual uns quatro ou cinco, no Palácio da Cultura, no Banco de Cabo Verde e na Biblioteca Nacional... Sim, muitas vezes na Praia. 2000 ou 2001. Sempre colectivo. As vezes com as seguintes pessoas: Nild, Domingos Luísa, Zé Leopardo, Severo, Rô e Tutu na Praia, no Banco de Cabo Verde. Em São Vicente já participou na altura da abertura do mercado municipal, no Centro Cultural do Mindelo, na Interarte. A maior parte das suas exposições estão expostas no centro da cidade e nas periferias, e estão permanentemente abertas ao público.

O artista na sua entrevista destacou a sua participação no 8º China Internacional Sculpture Syposim, em 2006, durante três meses:

Foi extremamente gratificante, onde éramos cerca de quarenta e três países representados, tivemos um contacto muito forte e em que maior parte dos artistas eram do terceiro mundo, então que o intercâmbio foi muito mais abrangente do que se tivesse mais escultores do dito primeiro ou segundo mundo. Talvez as coisas complicariam um pouco, mas a camada de artistas que estiveram presentes na China nesse nono simpósio houve um intercalar de mão onde tínhamos workshops, tinha *meeting*, tinha desenvolvimentos de assuntos em paralelo sobre o que fomos lá fazer que era participar nesse simpósio e deixar qualquer coisa na China. Exposição a nível internacional logo no princípio fiz uma formação na Espanha, Canárias, onde tenho uma representação naquele país, foi num centro de reabilitação em Las Palmas e tenho essa participação na China, onde no fim do simpósio houve uma grande exposição, que era as quarenta e cinco peças de todos os artistas mundiais que estavam presentes.

Galerias neste momento, aqui em São Vicente, são extremamente elitistas. Eu geralmente trabalho sob encomenda e maior parte do meu trabalho é para fora, principalmente a nível da pintura. Agora a nível escultórico o nosso maior apreciador ou comprador é nacional.

Faço parte e eu sou um dos membros fundadores da Associação Cabo-verdianos de Artistas Plásticos, onde sou o Vice-Presidente da Associação. Por acaso, o nosso processo de legalização foi muito penosa, mas já estamos legalizados. Temos uma promessa do Ministério da Cultura na cedência de um espaço nobre, já tivemos lá, já supervisionamos o local, agora é esperar. A associação está de pé, está funcionando. Desde que conheço o meu nome nunca fui beneficiado, só ouvimos falar da lei. Talvez ainda não tive essa oportunidade de usufruir ou solicitar essa instituição que funciona juntamente com essa lei.

Como um crioulo normal porque corpo não vive só do trabalho, tem que ter um bocadinho de lazer para descansar e elevar o nível espiritual porque só ficar em cima do trabalho o corpo fica uma “flassa”, temos que dar um pouco daquilo que o crioulo chama de paródia, para que no dia seguinte possas estar operacional. Um criador tem de estar em lugares e locais imprevisíveis para que consiga transmitir de maneira mais original a realidade das coisas da vida quotidiana.

A propósito da divulgação da sua obra, o artista explica o seguinte:

Tenho algumas entrevistas na Rádio Nacional e Estrangeiras, com a CNN, na China, na Televisão Chinesa, CCCV, Rádio Nova, Rádio Nacional, Rádio Morabeza, tenho entrevistas nos jornais. Bom sabemos que a situação dos jornalistas aqui em Cabo Verde é um pouco dificultoso, muitas vezes por falta de materiais da sua parte e também pela disponibilidade de tempo, me parece que os nossos jornais e televisão ou está faltando gente ou não está com gente com vontade. Porque se tivermos gente com vontade de trabalhar, o jornalista é que sai a procura da notícia, não é notícia que tem que ir atrás do jornalista. Mais correcto é termos um jornal onde o jornalista é profissional e sai a procura da notícia, não é estar sentado no escritório a espera dizendo, “você não aparecem aqui?”. Aquela não é a nossa função.

Sempre sentimos dificuldades, de vez enquanto os jornalistas chegam e dizem quero fazer uma entrevista contigo, eu digo, tu é que sabes, porque nós todos naturalmente temos interesse, porque a nível de publicação um artista sente protegido e também acarinhado, principalmente quando chegas de uma representação fora no país e ninguém sabe de nada, uma pessoa fica triste, não consegue engolir aquilo. Não é só para mim, é para todos os artistas plásticos reivindicam essa questão.

Nild sente-se honrado com os convites para formação e partilha a sua experiência a este nível:

Sim, já fui solicitado pela directora da escola de Monte Sossego para fazer pequenos workshops com crianças em de pintura e modelação, também já colaborei com o Instituto de Menores, fui solicitado pelo Hospital Baptista de Sousa na parte da Pediatria para criar um ambiente adequado para as crianças. Claro que uma pessoa sente honrado quando é solicitado para dar uma pequena formação, workshop na escola de crianças, todos nós somos pais, é com todo o prazer que recebo as solicitações. Já fui solicitado pela Escola Técnica para leccionar artes e ofícios, mas na altura estava com outros projectos e quando pensei já tinha outra pessoa, não é coisa de arrepender porque cada pessoa tem o seu lucro. Há professores, mas as escolas são um pouco fechadas principalmente da parte da directoria, muitas coisas dessas surgem de professores que gostam de tal matéria.

Desde início aquele é que é objectivo de um artista, que sempre que for solicitado tentar transmitir todo o seu conhecimento, não sou de opinião de certos artistas que dizem eu sacrifiquei para conseguir alguma coisa a nível artístico depois para dar. Sou de opinião de que quando queremos transmitir os nossos conhecimentos devemos ser liberais porque aquilo não é só para você, apoio os workshops, formações, ocupar o tempo de certas pessoas e alunos.

Penso que essa transmissão tem que ser leve, livre onde um jovem sente prazer em enveredar pela área que está interessado, porque há um grande défice de pessoas com formações em áreas específicas. A maior parte das pessoas estão a formar para o emprego, porque as pessoas não querem trabalho, é nessa vertente que o artista pode vir a funcionar tentando transmitir a essas crianças, indivíduos ou jovens um certo prazer de fazer o que gostariam de fazer.

Sumário

O capítulo IV apresenta as histórias de vida resultantes da condução de entrevistas a quatro artistas da ilha de São Vicente, cidade do Mindelo, Cabo Verde, que identificam alguns dos aspectos relevantes relacionados com o problema seleccionado no início deste estudo. Esta descrição foi levada a cabo, de acordo com as seguintes categorias específicas: (i) Identificação dos quatro artistas mindelenses; (ii) Percurso artístico; (iii) Artistas e obras; e (iv) Internacionalização. Os resultados apresentados permitiram responder às seguintes questões chave definidas no capítulo I:

- Que artistas existem atualmente na ilha de São Vicente?
- O que fazem e no que se inspiram as suas obras?
- Como divulgam as suas obras?
- Qual o impacto das Artes Plásticas, na educação e na cultura local, regional e nacional?

Verificou-se a necessidade de proceder a um mapeamento rigoroso de artistas e outros profissionais das artes de Cabo Verde, que andam na diáspora, ou que se encontram a estudar e trabalhar no estrangeiro. Os quatro artistas seleccionados, que colaboraram neste estudo, fazem referência a muitos outros, alguns já falecidos, outros que continuam a desenvolver actividade artística.

Todos os artistas passaram por processos de educação formal e não formal, tendo sido fundamental o seu contacto com artistas de outros contextos nacionais e internacionais. O desenvolvimento do percurso dos artistas em estudo, é marcado pela vocação, a tal veia artística,

que impulsionada por uma formação empírica e muito pessoal, em diferentes técnicas e tecnologias, lhes tem permitido desenvolver o seu discurso artístico.

Distantes da formação artística no sentido clássico, ou algumas vezes mais próxima, revelam diferenças e aproximações que neste estudo nos interessou particularmente para definição do percurso da sua identidade, infância, percurso escolar e a formação, os quais ainda acrescentamos a sua vivência na cidade/ilha. Verifica-se que a sua aprendizagem não foi somente com professores. Mencionaram também que aprenderam com artesãos que, por exemplo no caso de Albertino, o acompanharam desde criança:

São muitas pessoas. Lembro-me quando estudava no ciclo preparatório e de vez em quando não tínhamos aulas, eu ia ver os soldadores nos estaleiros de Estradas do Mar a trabalharem. Eu apreciava aqueles trabalhos ainda em estrutura.

F. Morais, por exemplo, alega que a sua passagem pela Escola Superior de Belas Artes do Porto não lhe ensinou nada, ao contrário de uma outra Escola de Formação Profissional na realização Plástica de Espectáculos:

foi no Porto, agora falha-me o nome dessa escola, descobri que não tinham nada para ensinar-me que eu já não sabia, pelo menos talvez ao nível de história da arte vá que não vá, eu descobri outras coisas mais, indirectamente. Entretanto eu tinha ido para uma Escola de Formação Profissional na área de Realização Plástica de Espectáculos e ali sim, existiam várias vertentes artísticas dentro daquela área e eu disse:- *“aqui é o meu mundo, é o que eu estava mesmo à procura”!*

Joana Pinto elogiou muito o a Escola Técnica, o Liceu, a Cooperativa Resistência e o Centro de Artesanato. Neste último ela refere *“...era uma formação de uma forma organizada”*. No entanto Nild alega que se auto-formou em desenho de construção civil e depois foi convidado pelo Ateliermar, onde trabalhou durante cerca de 12 anos e adquiriu formação em muitas áreas das Artes Plásticas

As entrevistas permitiram compreender a sua orientação conceptual, opções filosóficas e estéticas, temáticas, tecnologias utilizadas, motivos e estímulos de inspiração que resultou do seu percurso pessoal, das vivências em locais de várias ilhas, nos contactos interpessoais, na aprendizagem com especialistas que foram cruzando as suas vidas.

A sua acção não se resume à exposição e venda, mas também à formação. Todos manifestam um enorme prazer em colaborar na formação de crianças, jovens e todos aqueles que os procuram para com eles aprenderem determinadas tecnologias. Mas é clara a falta de ligação destes artistas ao universo académico e especificamente ao sector da Educação Artística. Os seus testemunhos relatam a falta de motivação em geral, pelo sector, alegando que existem poucos espectáculos, exposições, e conseqüente insuficiente valorização destes e outros artistas das Artes Plásticas.

Em termos de internacionalização, a análise das entrevistas permitiu verificar que, apesar dos enormes obstáculos resultantes do processo de autorização para saída do país, da obtenção de vistos, dos custos envolvidos na negociação de todo o processo, todos conseguiram expor os seus trabalhos além fronteiras.

Limitações do estudo

Uma das primeiras limitações deste estudo advém das características do próprio método que exigiu um longo período de tempo dedicado às entrevistas e ao seu tratamento. Uma outra limitação é a da impossibilidade de generalização do estudo para qualquer outro contexto, mesmo dentro do território de Cabo Verde, pois restringe -se apenas a uma das nove ilhas habitadas do arquipélago. Sendo realidades pequenas de regiões insulares, com características distintas uma das outras, o presente estudo terá uma relevância maior para estudos similares que venham a ser desenvolvidos.

Por outro lado existe uma grande escassez de bibliografia e de estudos sobre as artes em Cabo Verde. Neste caso o estudo teve muitas vezes de apoiar-se em matérias de áreas afins como o setor da música (Ferreira, 2015), a educação, a história e cultura ou a literatura.

CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Introdução

Finda a exposição e análise dos resultados possíveis, resta concluir/interpretar as opiniões recolhidas. Como finalidades este estudo visava identificar, documentar e analisar quatro histórias de vida de artistas mindelenses e refletir sobre as implicações deste estudo a nível da educação e da cultura.

Primeiramente no capítulo I delimitou-se geograficamente o contexto do estudo e descreveu-se brevemente o seu percurso histórico onde se explica como o desenvolvimento da cidade-porto de certa forma moldou a cultura local, bem como os seus artistas e criadores. Seguidamente definiu-se o problema do estudo a partir da constatação da falta de um circuito de divulgação e promoção das Artes Plásticas em Cabo Verde e tem criado assimetrias de acesso às condições de produção e divulgação entre os criadores; Constatou-se a fraca divulgação nacional e internacional das Artes Plásticas de Cabo Verde, assim como a situação do artista cabo-verdiano que se encontra extremamente comprometida, quando este pretende aceder ao mercado nacional e internacional. Porque a discriminação dos artistas do sector das Artes Plásticas é uma realidade em Cabo Verde, concluiu-se ser pertinente fazer algo a nível da investigação, no sentido de ajudar a compreender a importância do lugar dos artistas provenientes de um contexto arquipelágico, crioulo e de pequeno estado insular africano e reflectir sobre as consequências para a educação artística.

No capítulo II definiram-se alguns conceitos chave e apresentou-se uma breve reflexão sobre as políticas culturais e fenómenos das artes e da cultura na contemporaneidade do contexto da ilha de São Vicente - Cabo Verde, tendo-se enfatizado alguns dos nomes de artistas plásticos de Cabo Verde que são o reflexo de uma nossa construção identitária, que reflectem uma identidade múltipla, que se dilui num pós-exotismo, num segmento identidade e história explorando modos iconográficos de representação do lugar do ser humano, da importância das suas tradições orais para a sua referencialização sócio-cultural, através de desabafos criativos. Arte e Cultura são os dois conceitos que nos permitem definir a expressão desta identidade plural, "ambígua" ou até de certa forma intermitente. A relação entre Arte e Poder, é um campo que consideramos pertinente e que antecede o das Políticas Culturais, o qual se procura analisar, a partir das principais orientações do estado entre 1975 e 2016 no domínio do Património

cultural. Apresenta-se uma breve síntese das práticas artísticas contemporâneas em S. Vicente, das suas principais marcas e especificidades.

O capítulo III teve o propósito de descrever e fundamentar a escolha do método de investigação, explicar as suas características, o plano de acção, o contexto e amostra da pesquisa, a caracterização da amostra, assim como os instrumentos de recolha de dados e considerações éticas tidas em conta para que a investigação respeitasse o consentimento informado e a protecção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos, garantindo que a mesma seja íntegra e se mantenha fiel aos dados obtidos.

O capítulo IV apresenta as histórias de vida resultantes da condução de entrevistas a quatro artistas da ilha de São Vicente, cidade do Mindelo, Cabo Verde, que identificam alguns dos aspectos relevantes relacionados com o problema seleccionado no início deste estudo. Esta descrição foi levada a cabo, de acordo com as seguintes categorias específicas: (i) Identificação dos quatro artistas mindelenses; (ii) Percurso artístico; (iii) Artistas e obras; e (iv) Internacionalização. Os resultados apresentados permitiram responder às questões chave definidas no capítulo I e permitam chegar às conclusões que adiante se apresentam em termos de (i) Sistema institucional das Artes Plásticas e (ii) Papel da Educação Artística.

CONCLUSÕES

Sistema institucional das Artes Plásticas

Conclui-se ser fundamental (depois deste longo percurso de revisão de literatura, de reflexão sobre o actual cenário internacional da Arte Contemporânea em geral e do sistema institucional das Artes Plásticas, em particular) o mapeamento de artistas de Cabo Verde e da análise das suas obras e questionamento sobre a sua realidade socio-económico cultural que obrigam a (re) pensar problemas dentro de lógicas e consensos relativos a um sistema institucional das Artes Plásticas, que é urgente pensar um conjunto de medidas que permitam desenvolver as seguintes acções, que assentam em ideias de Mixinge (2009, p.117):

- (i) Englobar todas as instituições existentes, optando pela concentração de técnicos/especialistas existentes;
- (ii) Repor no organigrama do Ministério da Cultura, com a autonomia e os meios que lhe são devidos, a Direcção Nacional da Arte, que ajude a melhorar a legislação existente no

- domínio das Artes Plásticas, que apoie a criação/construção de novos centros/instituições e eventos culturais, com o apoio de curadores em todos eles;
- (iii) Valorizar a solidariedade, o diálogo construtivo dos artistas entre si e destes com as instituições e desenhar uma estratégia de internacionalização;
 - (iv) Desenhar uma estratégia global para superar os problemas existentes no momento atual e apoiar um programa regular e, se possível intensivo, de formação de quadros nas mais diversas manifestações das Artes Plásticas.

De acordo com as finalidades delineadas para este estudo concluiu-se que os quatro artistas entrevistados que trabalham no sector das Artes Visuais, se servem de elementos paradigmáticos da cultura visual do seu contexto, dando prioridade às suas preocupações estéticas e capacidades de transcenderem os obstáculos sócio - económico- culturais.

Os quatro artistas continuam a apostar na simbiose entre rentabilidade e responsabilidade social com o foco principal na cultura que os identifica e harmoniza.

Actualmente com a diversidade e velocidade dos meios de comunicação, conclui-se que se tornou um elemento de debate popular, verificando-se dentro e fora do país uma discussão ampla por parte dos cabo-verdianos sobre questões da sua cultura, das artes e da importância da educação artística, tentando-se alterar o que F. Morais referiu na entrevista: - *Em Cabo Verde nunca tive nenhum curso, nunca houve nada ligado à arte, em termos formativos, para ninguém. Simplesmente eu via aquelas pessoas credenciadas, chamadas credenciadas, a pintar.*” (F. Morais, entrevista 2015). Esta contextualização é confirmada pelos diversos documentos científicos que abordam a questão numa perspectiva académica e educacional.

Por outro lado, tendo como ponto de partida as questões abordadas das artes em Cabo Verde, especificamente na cidade do Mindelo e delimitado o campo de trabalho, as finalidades deste estudo foram concretizadas, tendo-se identificado, documentado e analisado o trabalho desenvolvido por quatro artistas e reflectido sobre as implicações deste estudo a nível da educação e da cultura, de forma a contribuir para chamar a atenção do mundo para as suas artes, para um mercado que tem todas as condições para ser bem sucedido de forma sustentável, tal é a potencialidade de um micro - espaço ilhéu, como é o da cidade do Mindelo, na ilha de S. Vicente.

Conclui-se também que todos os artistas encaram a possibilidade de projecção/internacionalização das suas carreiras, apesar de todos acharem que deveriam ter mais

apoio do Governo e mostraram uma compreensão, mais ou menos pacífica, desta condição do ilhéu, sem no entanto permitir, que esta atrapalhe a sua comunicação com o público e sobretudo o compromisso estabelecido com quem adquiriu a sua obra, deixando uma margem suficiente para este fenómeno crioulo, de ilha e a que ninguém escapa, como afirma Albertino Silva.

Concluí também que as Artes Plásticas estão apenas disponíveis para os mais ricos, como uma forma de investimento, contemplação, decoração ou estatuto, ficando reservada ao resto da população apenas a contemplação, sobretudo da população estudantil. Concluo igualmente que deve ser incentivada uma cultura democrática e de direitos de cidadania e explorada a tradição associativa, devendo-se criar estruturas de bases, uma associação de Artistas Plásticos, suficientemente estável para poder levar por diante projectos, com dirigentes especializados e com disponibilidade e capacidade para satisfazer as exigências locais, regionais, nacionais e internacionais. Não podemos ignorar que as políticas, a desenharem-se, terão muito mais sucesso se contarem com a colaboração crítica e responsável daqueles a quem se dirigem, por serem os seus directos destinatários. O desenvolvimento local tem de ser feito com as populações locais, concluindo-se a necessidade de procurar os meios e instrumentos de trabalho quer no interior da comunidade, quer no exterior, procurando parcerias, agentes públicos e privados, redes de Associações de Artistas e outras soluções.

Papel da Educação Artística

Conclui-se ser necessária uma publicação nacional sobre os artistas Plásticos. Sendo a escola um agente para a modernização das tradições e transmissão de experiências culturais dos povos e comunidades, espera-se que este estudo possa contribuir para criar instrumentos e mecanismos de pedagógicos, que contribuam para promover a inclusão, a participação e reconhecimento do Outro e o desenvolvimento de um currículo de arte, que valorize a compreensão da identidade nacional, na diversidade artística de Cabo Verde, que tem vindo a ser negligenciada.

A educação informal no domínio das artes deve merecer uma atenção cuidada num contexto como o de Cabo Verde e ser entendida como herança cultural e educacional. Além de

estar na base de formação da maioria dos artistas em Cabo Verde observamos que os grandes mestres tal como as suas práticas tendem a ser ignorados a nível dos responsáveis institucionais, pondo em causa o seu valor patrimonial. Assim, observamos que na actualidade, questões como limitação de espaço eliminam a possibilidade das suas oficinas agregarem a componente formativa, apesar de se apresentarem neste contexto como um património que já produziu resultados superiores ao investimento institucional e que não deve ser desperdiçado.

Sugere-se que estes fenómenos de educação informal no domínio das artes, constituam objectos de estudo, de tal forma que possam ser integrados/incorporados no desenho dos planos curriculares no âmbito das Artes Plásticas, em detrimento de modelos estanques importados de outras paragens, com destaque para estruturas clássicas eurocentristas.

Não podemos ignorar que tal como Arthur Efland (2005, p. 66) refere, se, por um lado, “a educação permite às culturas perdurar através da transmissão de conhecimentos e valores às novas gerações”, sendo que “se as culturas não conseguem transmitir o seu legado, desaparecem”, por outro lado, “uma cultura é uma entidade viva que necessita ter a capacidade de adaptar-se a novas situações e mudar”, para o que são essenciais “pessoas capazes de imaginar outras maneiras de viver e comportar-se”, pelo que no que respeita ao contributo educativo de tais artes, conclui-se também ser essencial fortalecer os contactos das escolas com estes e outros artistas;

Outra das conclusões relaciona-se com a necessidade de se pensar futuramente na criação de manuais que enfatizem estas e outras manifestações artísticas locais, regionais e nacionais, devendo ser criadas as condições necessárias para que estas actividades artísticas sejam mais um dos pilares do desenvolvimento cultural do país. Conclui-se ser necessário dar continuidade às contínuas batalhas, à renegociação de fronteiras, dos métodos e procedimentos de legitimação, canonização e mercado, das estratégias de criação e promoção de artistas junto da comunidade e especificamente nas escolas. O seu trabalho deveria ser divulgado em manuais a que todos os estudantes de todas as fases etárias pudessem ter direito, ou criando uma plataforma digital onde se divulgasse no arquipélago de Cabo Verde, na diáspora, no mundo, o trabalho artístico e pedagógico destes artistas e professores. Experiência idêntica foi realizada no âmbito do projeto *Creative Connections* (2011-2014), projeto internacional financiado pela Comunidade Europeia, no qual participaram alunos, professores e investigadores de seis países parceiros, tendo

envolvido seis instituições de ensino superior europeias (Universidade de Roehampton, Reino Unido; Universidade de Barcelona, Catalunha, Espanha; Universidade de Lapland, Finlândia; Universidade Charles, República Checa; National College of Art and Design, Irlanda e Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal) e vinte e cinco escolas de ensino básico da Inglaterra, Espanha, Finlândia, Irlanda, República Checa e Portugal. Este projeto surgiu na continuidade do projeto *Images & Identity: Improving Citizenship through Digital Art* (2008-2011), no qual se desenvolveram recursos para o ensino/aprendizagem sobre a identidade europeia <http://www.esse.ipv.c.pt/dc/> (Moura e Gonçalves, 2015). Segundo essas investigadoras e docentes no Mestrado de Educação Artística a decorrer na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (ESE-IPVC), “esse projeto visou a exploração, por parte de alunos do ensino básico e secundário, das questões da identidade nacional e europeia utilizando como meios a imagem e as tecnologias de informação e comunicação” (p. 65). O projeto concilia a educação artística com a arte contemporânea e a educação para a cidadania e envolveu cerca de 800 alunos no questionamento acerca do que significa “ser europeu”. Relativamente ao projeto anterior, o projecto CC teve um carácter inovador ao colocar no seu centro “a voz das crianças”, favorecendo as condições para uma expressão própria sobre a sua identidade nacional e europeia, através da arte, do texto e do digital (Moura, & Gonçalves, 2015, p. 65). Outro aspecto inovador desse projeto coordenado em Portugal por Anabela Moura, foi permitir a ligação entre as escolas dos diversos países participantes, colocando os alunos em interação com alunos de outros países, usando uma plataforma web, que foi criada para o efeito e uma ferramenta de *blogging* (www.creativeconnexions.eu). Estes dois exemplos provam que é possível avançarmos para acções idênticas que permitirão aproximar os estudantes das artes, dos artistas, dos professores, dos investigadores de diversas ilhas de Cabo Verde e posteriormente de diversos países de expressão Portuguesa, explorando questões de identidade, cultura e arte, as suas instituições e a forma como os seus mercados sobrevivem. E assim se reduzirá o problema diagnosticado pelo artista Nild:

(...) para o sistema de educação não há uma preparação de base dos alunos, não há um currículo escolar, não há nada para sensibilizar, para criar um público consumidor e apreciador, não há. Por exemplo as escolas não levam os alunos para irem ver uma exposição. Tem uma exposição de tal artista, ok essa turma vai e no dia seguinte fazem uma dissertação sobre essa exposição ou mesmo ao teatro também. Não tem peças de teatro ou não há contacto com associações teatrais, ou sabe-se lá o quê, para darem formações nessas escolas, escolas do ensino básico, por exemplo, porque é ali que começa tudo, como as coisas são feitas para criarem um

público crítico e consumidor mais tarde, porque daqui a pouco tempo não tem público consumidor.

Nesse momento quem vai ao teatro são só as pessoas que vão há muito tempo e a grande massa não vai, não ver um bom espectáculo porque não têm paciência para um bom espectáculo. É só ver festivais e pronto, ou ir para uma discoteca tudo bem, agora para ir ver um espectáculo, uma exposição, obras clássicas ou quê, nada disso, e é isso.

Outra importante conclusão da situação das Artes Plásticas em Cabo Verde relaciona-se com a afirmação que Adriano Mixinge (2009, 113-114) fez, relativamente ao universo das Artes Plásticas angolanas:

A arte de um continente que muito saudamos, pela natureza dos artistas e das obras apresentadas revelam:

1. O desconhecimento que se tem, no mundo, sobre a história, evolução e estágio atual das artes visuais e plásticas, em Angola. Não porque não haja textos que os sistematizem, mas pura e simplesmente porque estes textos não são o suficientemente conhecidos, como é o caso da tese de Victor Manuel Teixeira;
2. A falta de fortes e dos mais adequados processos de legitimação endógenos, que sejam próprios do sistema institucional angolano e que, catalizem, legitimações de artistas, principalmente de dentro para fora e não de fora para dentro como é aqui o caso;
3. A ausência, por exemplo, de obras de Francisco Van-Dúnem, Jorge Gumbe e Helga Gambôa nesta exposição (Mixinge refere-se a *África Remix*, mencionada no capítulo I) e a presença da obra de Fernando Alvim, N'dilo Mutima e Paulo Capela obedece mais a razões de ordem extraartísticas, do que propriamente por mérito dos artistas e do perfil das obras seleccionadas;
4. Ao aceitar ser um segmento acríptico do *reseau* de influência de Fernando Alvim, Simon N'djami coloca sob suspeita a objectividade da visão que pode ir se construindo sobre o actual cenário das Artes Plásticas Angolanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo é um contributo não só para as políticas educacionais do país, mas também uma forte motivação dos artistas para a implementação de projectos em áreas tecnológicas diversas, que criem emprego e receitas para a auto-sustentabilidade das comunidades. Isso implica, tal como Christine Semba (In Ferreira, 201, p.64) afirma no sector da música, que também no sector das Artes Plásticas urge “*pôr os artistas (...) e os restantes profissionais (...) em contacto com profissionais internacionais, apoiá-los no desenvolvimento de uma lista de*

contactos pessoal, (ou personalizada) assim como ajudá-los a aceder ao mercado internacional e a conseguir exposição na imprensa internacional...”.

Falta agora dar-se continuidade ao aprofundamento de muitas outras questões relacionadas com aspectos diversos, tais como a teoria, a crítica e o sistema de legitimação, o lugar, a formação e o perfil do criador, a sua estética, filosofia e postura ética, a importância dos museus, das galerias, dos centros de exposição e a conveniência, idoneidade e eficácia dos eventos que realizam e a definição de tendências e correntes artísticas. Tal como Mixinge afirmou (2009, p. 102), tudo isso irá ser essencial para o funcionamento bem sucedido de um sistema institucional das artes, que terá naturalmente impacto na educação artística.

Espera-se que este reconhecimento académico seja um incentivo que os quatro artistas artistas e os demais em situação semelhante, possam receber por tudo quanto modestamente têm feito em prol da cultura nacional, deixando-nos convictos de que estamos no caminho certo e que a aposta na educação e na investigação deve continuar e fortalecer-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, H. & Magalhães M. (2000). *Des-fiar as Vidas. Perspectivas Biográficas, Mulheres e Cidadania*. Lisboa: Comissão Para Igualdade de Direitos Das Mulheres.
- Araújo, H. (1995). *As Professoras Primárias e as suas Histórias de Vida: das Origens aos Primeiros Anos de Vida Profissional*, In *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 3, pp. 7-36.
- Barber, K. *As Artes Populares em África*. www.artafrica.pt. Disponível em <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/uploads/docs/2016/04/18/5714ded84c6d5.pdf>. Consultado em 22.06.2016
- Bernabé, J., Chamoiseau, P. & Confiant, R. (1993). *Éloge de la créolité*. Paris: Gallimard.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução de M. J. Alvarez, S. B. Santos & T. M. Baptista. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Boletim Oficial I Série nº17 de 3 de Maio de 2010. Constituição da República de Cabo Verde.
- Bourdieu, P. (1989). *O Poder Simbólico*, Lisboa: Difel.
- Cardoso, H. (1998) *O Erro de António Carreira*. In: Novo Jornal de Cabo Verde, Agosto de 1997/Revista Cultura N. 2.
- Catálogo. (2005). *Africa Remix: Contemporary Art of a Continent*. London: Hayward Gallery.
- CCDRN (2006). Norte 2015: Competitividade e Desenvolvimento – Uma Visão Estratégica. Disponível em <http://www.ccdr-n.pt/pt/regiao-do-norte/norte-2015/diagnostico-prospectivo/>. Consultado em 16.12.2015
- Conde, I. (2009) *Arte e poder*, Lisboa: CIES. Disponível em http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP62_Conde.pdf. Consultado em 07.02.2013
- Cruz, A.L. (2009). *Artes de Mulheres à Altura das suas Mãos- o Figurado de Galegos Revisitado*. Porto: Edições Afrontamento- Centro de Estudos Sociais.

- Denzin, N. (1997). *Interpretative Ethnography: Ethnographic Practices for the 21st Century*. Londres: Sage Publications.
- Efland, A. (2005). *Infancia y Cultura Visual*, in Belver, M. H., Acaso, M. e Merodio, (Eds).
- Fernandes, A.T. (2003). *Reflexividade social e regulação cultural. Públicos da Cultura*. Lisboa: OAC.
- Ferrarotti, F. (1983). *Histoire et Histoire de Vie*. Paris: Librairie des Méridiens.
- Ferreira, I. (2015). *Cabo Verde, Economias Criativas, que Benefícios para o País? O Caso, Atlantic Music Expo Cabo Verde*. Praia: Editora-Central Comum de Edições do Ministério da Cultura.
- Fleming, T. et al. (2008). *Creative Consultancy Report*, <https://serralves.pt/fotos/editor2/NCRIATIVO%2020080723.pdf>
- Fortes, M. (2011). *A Educação Artística no Ensino Básico em São Vicente. Olhar e Percepção dos Diferentes Intervenientes em Diferentes contextos*. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Hall, S. (1999). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Kasfir, S. *Arte Africana e Autenticidade: Um Texto Com uma Sombra*. Disponível em www.artafrica.pt
<http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/uploads/docs/2016/04/18/5714e3e244f01.pdf>. Consultado em 10.04.2015
- Lopes Filho J. (2003). *Introdução à Cultura Cabo-Verdiana*. Praia: ISE.
- Lopes, J. V. (2004). *A Explicação do Mundo*. Praia: Spleen Edições.
- Marçal, A. (2012). *A Tradição da Olaria em Fonte Lima*. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Mason, R. (2001). *Por Uma Arte-Educação Multicultural*. Tradução de Rosana Horio Monteiro. São Paulo: Mercado de Letras.

- Mixinge, A. (2009). *Artes Plásticas Angolanas e “Global Art” hoje: O Problema do Lugar e os Lugares do Problema*, In Moura Correia, A. & Coquet, E. (2009). *Diálogos com a Arte*. Braga: CESC, UM, pp.101-117.
- Moniz, E. (2009). *Africanidades versus Europeísmos: Pelejas culturais e educacionais em Cabo Verde*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Moura, A. & Gonçalves, T. (2015). Cidadania Ativa, Arte Contemporânea, e Educação Intercultural: um Estudo de Caso na Formação de Professores, In *Revista Saber & Educar 20.Perspectivas Didáticas e Metodológicasno Ensino Básico*.pp. 62-70.
- Moura, A. (2001). *Uma Perspectiva Global acerca da Arte, Cultura e Investigação*. In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO-EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E EDUCAÇÃO FÍSICA EM PORTUGAL, 2001. Braga. Seminário de Investigação-Expressões Artísticas e Educação Física em Portugal. Universidade do Minho, Instituto da Criança (IEC), Braga, 2001, p. 21-35.
- Moura, A.; Almeida, C. (2010).Contributos da Educação Artística para a Formação de Profissionais em Gestão Artística e Cultural. In *Diálogos Com a Arte- Revista de Arte, Cultura e Educação*, Vol.1, Braga /Viana do Castelo: Centro de Estudos da Criança do Instituto de Educação – UM & Escola Superior de Educação de Viana do Castelo – IPVC ISSN 1647-9890, pp. 99-108.
- Munari, B. (2015). *O Artista e o Designer*. Lisboa: Edições 70. 2ª edição.
- Oliveira, M. (2015). *A Arte Contemporânea para uma Pedagogia Crítica*. Porto: APECV
- Papini, B. (1984). *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*. Lisboa: Fundo de Desenvolvimento Nacional.
- Pinto dos Reis, J. (2012). *Gravura e Educação Artística Pós-moderna em Cabo Verde - Investigação-Ação numa turma do 11º ano, ilha de São Vicente*. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Ramos, M.N. (2003). *Mindelo d’Outrora*. Mindelo: Edição do Autor.
- Romano, L. (1973). *Negrume (Lzimparin)*. Rio de Janeiro: Editora Leitura S/A.

- Sampieri, R., Collado, C. & Lucio, P. (2006). *Metodologia de pesquisa*. S. Paulo: McGraw-Hill.
- Santos, M.L. (2001). *Políticas Culturais e Descentralização: Impactos do Programa. Difusão das Artes do Espectáculo*. Porto: Textype, Artes Gráficas, Lda.
- Silva, A. C. (1998), *Espaços Urbanos de Cabo Verde - O Tempo das Cidades-Porto*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Silva, A. S. (2004). *Como Classificar as Políticas Culturais? Uma nota de Pesquisa*. In Observatório das Actividades Culturais, nº 12.
- Silveira, O. (2004). *Africa ao Sul do Sahara: Sistemas de Partidos e Ideologias de Socialismo*. Lisboa: Associação Académica África Debate.
- Spencer, J. (2013). *A contribuição e a importância do teatro na educação integral da criança*, tese policopiada. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Stadnik, A., Cunha, A. & Pereira B. (2009). *Os Professores (também) São Pessoas: Quatro Histórias de Vida*. Viseu: Vislis Editores.
- Tolentino, A. (2007). *Universidade e Transformação Social nos Pequenos Estados em Desenvolvimento: O Caso de Cabo Verde*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tota, A. (2000). *A Sociologia da Arte – Do Museu Tradicional à Arte Multimédia*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Veiga, M. (2004). *A Construção do Bilinguismo*. Praia: IBNL.

ANEXOS

Anexo I

Lista de artistas caboverdianos no site artafrica do Centro de Estudos Comparatistas
Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa: <http://www.artafrica.info/>

| Nascidos em Cabo Verde | Residentes em Cabo Verde |
|----------------------------|---------------------------------------|
| › Abraão Vicente | › Albertino Silva |
| › Abraham Levy Lima | › Armando do Rosário |
| › Albertino Silva | › Armando Spencer Pinheiro |
| › Alberto Pereira | › Basa |
| › António Conceição | › Bela Duarte |
| › António Firmino | › Carlos Gomes |
| › Armando do Rosário | › Djim Graça |
| › Armando Spencer Pinheiro | › Djosa |
| › Aulill | › Domingos Luisa |
| › Basa | › Eurico Ramos |
| › Bela Duarte | › Hileno Barbosa |
| › Bitim D'Nhose | › Joana Pinto |
| › Carlos Gomes | › João da Graça |
| › David Levy Lima | › José Luis Jesus |
| › Djim Graça | › José Maria Barreto |
| › Djosa | › Joy |
| › Domingos Luisa | › Leopoldina Barreto |
| › Eurico Ramos | › Luisa Queirós |
| › Guenny Pires | › Manú Cabral |
| › Hileno Barbosa | › Manuel Figueira |
| › Irineu Rocha da Cruz | › Misá |
| › Jadro | › Nato Filarte |
| › Joana Pinto | › Nelson Lobo |
| › João da Graça | › Nenas |
| › João Lima | › Patrick Monteiro |
| › Jorge Miranda | › Paulo Cabral |
| › José Luis Jesus | › Paulo Rosa |
| › José Maria Barreto | › Ró |
| › Joy | › Sotero Lopes Monteiro |
| › Kiki Lima | › Tchalê Figueira - Exposição Virtual |
| › Leopoldina Barreto | › Tony Barbosa |
| › Lurdes Vieira | › Tutu |
| › Manú Cabral | |
| › Manuel Figueira | |
| › Maria Alice Fernandes | |
| › Matt Barros | |
| › Miguel Louro | |
| › MigueLevy | |
| › Misá | |
| › Mito Elias | |
| › Nato Filarte | |
| › Nelson Lobo | |
| › Nenas | |
| › Nobre de Mello | |

| | |
|---------------------------------------|--|
| › Paulo Rosa | |
| › Ramos Lopes | |
| › Ró | |
| › Sandro Brito | |
| › Sofia Alves | |
| › Sotero Lopes Monteiro | |
| › Tchalê Figueira - Exposição Virtual | |
| › Tony Barbosa | |
| › Tutu | |
| › Valdívia Tolentino | |

Anexo II

Obras de artistas citados pelos entrevistados



1. António Conceição



2. António Firmino



3. Armando do Rosário



4. Armando Spencer Pinheiro



5. Bela Duarte



6. Bitim D'Nhose



7. David Levy Lima



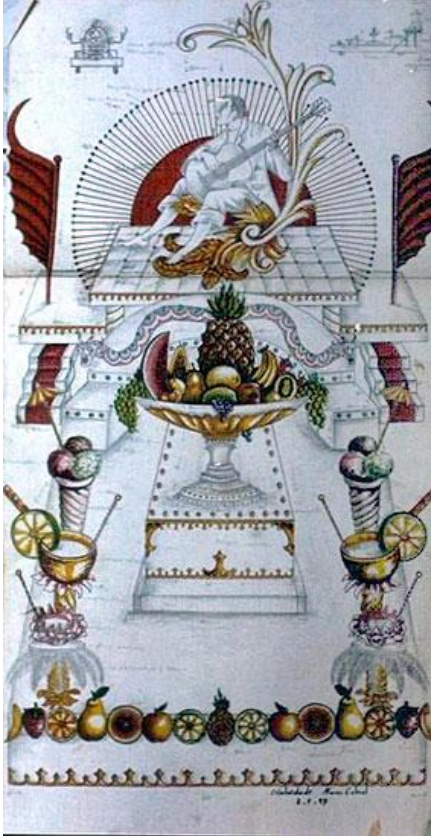
8. Domingos Luísa



9. João Fortes



10. Kiki Lima



11. Manú Cabral



12. Mit



13. Ró



14. Tchalê Figueira



15. Tutu

Anexo III

Entrevistas

Os Quatro artistas que deram Voz a este trabalho de investigação

Albertino Silva

Albertino Francisco Silva nasceu a 28 Novembro de 1967 na cidade do Mindelo, ilha de São Vicente. Filho de Francisco Borges Silva e Marcelina Antónia Silva cresce numa família de onze irmãos. É casado com Raquel Ferrer e pai de duas filhas.

Não queria inventar nada. É o meu nome. É simplesmente o nome que uso.

Como é Albertino Francisco Silva, optei por Albertino Silva.

Albertino Silva. Quando as pessoas me contactam para trabalhos é Albertino Silva. Mas se for um amigo chamam-me Albertino ou Bets.

A minha família é constituída por mim, minha esposa e duas filhas

Gosto de fazer caminhadas, pesca e outros, mas principalmente estes dois.

Com muito orgulho as brincadeiras.

Recordo com muito orgulho as brincadeiras, a cultura de criatividade que os nossos pais e avós nos transmitiram, os brinquedos que confeccionávamos em casa para depois trazer para as ruas. Com isso, apesar das carências da época, as crianças construía a sua felicidade desprendida do consumismo obsessivo. Gosto de recordar o recordai, o pião, o carrinho de lata ou arame, o carrinho de rolamento, “scuta”, “piques”, papagaios, jogo de “matas”...

Ao contrário dos meus irmãos

Ao contrário dos meus irmãos que estudaram na escola dos Salesianos, o ensino primário, estudei na Escola Nova em Ribeira Bote, da pré-primaria até a quarta classe. Depois o ciclo preparatório, primeiro e segundo ano, de seguida na escola técnica matriculei no curso de mecânica, mas não cheguei a concluí-lo.

Tenho uma professora de segunda classe, que fazia questão de organizar exposições. Quinta-feira era dia de trabalhos manuais. Era o dia que mais eu gostava. Ela foi minha professora de segunda a quarta classe, nisso algumas peças minhas ficaram na escola, na sala dos professores, até eu sair da escola.

Para mim o ciclo foi o seguinte... estudei o primeiro ano e o segundo já foi na Escola Igreja Baptista do Sr. Ramos. O segundo, por tê-lo estudado na escola do Sr. Ramos já praticamente não tinha trabalhos manuais. Da Escola Técnica tenho boas recordações, tanto dos professores como de colegas.

Começou em casa

Partiu primeiramente da minha curiosidade, ao observar o meu pai e irmãos mais velhos a trabalhar. A minha formação começou em casa, com o meu pai e os irmãos. Desde a minha infância eu tive essa sensibilidade para artes e ofícios, sem ter consciência de que posteriormente, a minha vida profissional estaria ligado a isso. Mas claro que depois passaram pessoas pela minha vida que me ajudaram muito. Mas depois a minha primeira formação, que tem a ver com o que exerço hoje, fi-lo no Ateliermar, uma formação na área de cantaria. Como fiquei ali em estágio e depois acabei por ficar no Atelier. Posso dizer que funcionou como se eu estivesse numa escola, porque encontrava com os professores e alunos que vinham para intercâmbios. Quase todos os anos eu participava em formações no Atelier em diferentes áreas. Por exemplo, no Ateliermar a minha especialidade era mesmo pedra. Entretanto fui para algumas oficinas de cerâmica, serigrafia, para ver como as coisas funcionavam. Noutra altura foi desenho, betão prensado, fibro-cimento e metais. Portanto foram técnicas/ formações que enriqueceram os meus conhecimentos.

Fiz algumas formações profissionais e depois participei em alguns intercâmbios artísticos. Entretanto durante oito anos que participei em pequenos cursos ministrados no verão, onde eu trocava experiência com artistas, alunos, alunos de outras paragens como Moçambique, Angola, Portugal e Brasil, basicamente... participei num intercâmbio em Belas Artes no Porto.

Nesses intercâmbios fizemos escultura em esferovite, escultura em pedra, escultura em metais, papel maché e reciclagem em materiais diversos. Já estive em outro intercâmbio onde esculpi em pedra. Foi em Santiago, Porto Madeira. Havia ali escultores do Madagáscar que trabalhavam em ferro. Havia também pintores do Togo, Senegal, Zimbabué. Foi muito interessante.

Mas ressalto que a minha aprendizagem não foi somente com professores. No que diz respeito ao trabalho com a pedra, Armando foi a primeira pessoa que eu vi a trabalhar a pedra, desconhecida até então outra pessoa que tivesse feito esse trabalho. Foi a primeira pessoa, isso no princípio dos anos noventa. O que me marcou foi o facto de utilizar disco para ferro para trabalhar pedra. São

pessoas que me marcaram. Eu vi-o a trabalhar no seu ateliê. Mas há outros artesãos que assisto desde criança e aprendia com eles. São muitas pessoas. Lembro-me quando estudava no ciclo preparatório e de vez em quando não tinha-mos aulas, eu ia ver os soldadores nos estaleiros de Estradas do Mar a trabalharem. Eu apreciava aqueles trabalhos ainda em estrutura. Embora as crianças da minha idade apreciam os trabalhos quando começam a aparecer cores. Mas eu, já apreciava a estrutura e apercebia o que viria em seguida. Ajudava naquilo que permitiam. Também tento ler qualquer documento que esteja ao meu alcance.

Lembro de ter feito a minha primeira exposição, ainda sem estar bem firme. Em 1997 eu fiz a minha primeira exposição, as informações eram um pouco escassas, não era como agora. Por volta de 2000, conheci alguém que sempre me refiro, Leão Lopes, que foi visitar o meu atelier. Foi uma pessoa muito interessante que eu conheci e através dele acabei por conhecer outros, como o Professor português, Carlos Marcos, que também é escultor, conheci o Carlos Barreira. Mas antes destes professores deveria ter mencionado a Alzira, mestra em cantaria da Escola da Batalha, Portugal, com quem fiz formação na área de cantaria. Daí em diante fui sempre cruzando com muitas pessoas, que é difícil mencionar nomes neste momento, são muitos para os quais tiro o chapéu. Não gostaria de citar nomes, mas posso dizer que tenho muita admiração pelas personagens na pintura de Tchalé. Essas figuras transmitem sensação de volume, mesmo na exposição que ele fez apenas com desenhos a branco e preto. Também gosto da pintura de Nelson Lobo, do Celestino de Santa Catarina, mais como escultor do que pintor, do Mito e do Manuel Figueira.

Tem uns quantos, mas... começo pela África. Aprecio a escultura do Zimbabué, eles têm basalto como o nosso. Fazem obras espectaculares. Gosto também de alguns artistas da Costa de Marfim tais como Koffi Donkor, Gegard Santoni, etc. Também há artistas moçambicanos de referência internacional. Saindo da África, cito o João Cutileiro e João Limpinho. Mas também aqueles que não pertencem ao mundo dos vivos mas que as obras serão eternamente referências, citando como exemplo o Miguel Ângelo.

Fora de São Vicente vivi, mas muito pouco. Ainda não digo que já regressei a São Vicente. Estou dividido entre duas ilhas: São Vicente e Santiago. Sou de São Vicente, mas fixei

residência durante três anos em Santiago Fora de Cabo Verde Viver não, já viajei algumas vezes, mas viver não...

O meu dia, normalmente começa as oito horas. Enquanto tem sol eu trabalho. Muitas vezes trabalho a noite. Depois tem um tempinho tomo um vento na cabeça, vejo um amigo... Antes das seis já estou acordado. Sempre que posso levanto-me e vou nadar no mar. Começo a trabalhar as oito com a minha equipa, depois tenho os meus compromissos.

Tudo é programado de véspera. Não é de manhã quando chegarmos que vamos programar. Já sabemos o que fazer. Se algo ficou iniciado continuamo-lo, se tem para iniciar, iniciamos cada um com a sua tarefa. Fazemos as pausas para refeição, depois temos as nossas conversas descontraídas e quando é para trabalhar, trabalhamos.

Sim, tenho um espaço de trabalho em minha casa. Não, não responde. Não me refiro a equipamentos porque não são necessários grandes equipamentos. Com cobre, marreta e maceta consegue-se muita coisa. Quando trabalhamos em casa, por exemplo em sapatos, não há problemas, mas quando se trata de pedra é mais complicado porque temos a poluição sonora, poeira, isso limita. Neste espaço, se eu quiser fazer uma escultura de dimensão considerável, serão várias horas de poeira, ruído. Eu não me sinto bem incomodando os vizinhos. Às vezes, sinto-me limitado. Poderia ter algumas peças para exposição, mas um espaço adequado deixa falta para trabalhar.

No meu ateliê na Ribeira Bote o que mais trabalho é a pedra. Tenho feito algumas esculturas, embora não sejam de grandes dimensões. Faço o que é possível aqui. Faço reciclagem, trabalho com papel, transformo sapatos, reaproveitando-os para os meus trabalhos. Resumindo é pedra, papel, sapatos e metal também. Quanto a ferramentas utilizo rebarbadora, broca, mas utilizo mais ferramentas manuais, fabricados artesanalmente por forjadores.

Trabalho com dois ajudantes. Gosto de ter companheiros no trabalho, sobretudo para partilhar. Porque tenho de prepara-lo para me ajudar. Ma também tendo companheiros no trabalho, dialogamos nas pausas, mesmo sem ser assuntos de trabalho. Podem ser cinco minutos mas servem para repor energias.

Nestes últimos anos trabalhei também como formador, por isso estou acostumado e sei lidar com pessoas de menos idade do que eu. A minha relação com os colegas de oficina é muito boa.

Penso que poderia fazer mais para integrá-los. Mas coloca-se novamente a questão do espaço. O espaço não é tão pequeno, mas gostaria de fazer algo maior para eles participarem também. Fui surpreendido pelo ajudante mais novo pela forma como assimila as coisas.

Sim, por querer experimentar, podem ficar alguns dias num momento depois querer mudar. Se calhar não esperou até uma próxima fase para aperceber as coisas. Desde o início ele é o meu companheiro. O mais velho chegou depois dele e constituímos uma boa equipa.

Tenho algumas ideias que vou desenvolvendo. Tenho-os no papel, ainda não cheguei na fase da maquete. Algo que quero e que não sossego em quanto não o fizer, é uma exposição de esculturas em pedra, mas não quero que seja dentro de uma sala. Quero que seja na rua, por exemplo na Avenida Marginal. Esta é uma das coisas que quero, que desejo mesmo.

Neste momento, participo em feiras e há lojas que me fazem encomendas na cidade da Praia, no Sal. Para ilha do Sal envio com muita frequência as minhas peças para algumas lojas. Em São Vicente tenho quem cuida da venda das peças, embora há quem compra algumas peças no ateliê. Não, por acaso, a ideia é ele vir a criar a sua galeria, mas é alguém que está dentro dessa área, alguém que já conhece a área. Temos trabalhado juntos, mas segundo sei ele ficará a exercer essa actividade, não só comigo, mas com outras pessoas que trabalham nessa área.

Em sapatos utilizo linhas, tinta, acrílico (utilizo mais), perfuradores, lixas. No metal utilizo martelo, punção, talhadeiras, máquina de solda para soldadura electrogénio, craves em substituição da solda e parafina para proteger. No papel utilizo mais o liquidificador eléctrico, mas quando estiver a trabalhar o papel no meu ateliê seguindo as minhas ideias, vou trabalha-lo no pilão. Quero utilizar o pilão para triturar o papel artesanalmente, sem ter que passar por máquina.

Não tenho isso decorado para poder dizer o número certo, mas posso dizer que exposições colectivas já perdi a conta. A minha primeira participação numa exposição colectiva em São Vicente no Interart em 1996/97. Desde essa altura participei quase todos anos. Teve anos em que participei em mais do que uma exposição. Internacionalmente já participei em exposições, feiras. Em termos de feiras os mais importantes que já participei foram a ARCO (Feira de Arte Contemporânea de Madrid), mas também na bienal do Porto Santo, Semana Cabo-verdiana de Paris e Canárias. Deve haver outra que neste momento não me lembro.

Próximo ano. Não arrisco a dizer datas agora porque tenho outras coisas. Tenho que organizar tudo. Para uma exposição tens que preparar para ela. Muitas vezes aparece constrangimentos, que podem provocar alteração de datas. Por isso não quero lançar datas. Tenho participado mais em exposições colectivas. Já há algum tempo que não fiz uma exposição individual. Tenho feito exposição com mais frequência em São Vicente e na Praia. Às vezes me pergunto porque não faço uma exposição na Brava ou na Boavista. Mas as vezes têm falta de interesse naquelas ilhas. Se eu quiser uma exposição na Praia ou em São Vicente terei uma resposta positiva, mas nas outras ilhas não. Não sei o que falta, mas não tenho sequer resposta. Já estive na Feira de Arte Contemporânea de Madrid, ARCO, duas vezes na bienal de Porto Santo na Madeira e nas Canárias.

Tento divulgar, mas tenho um o blogue, embora esteja voltada para o trabalho de sapatos. Mas através dele as pessoas me contactam.

De forma simples. Distribuindo cartões de contacto, ou quando participo numa exposição, aquela instituição organizadora envia os seus convites e eu envio os meus. Funciona, mas se fosse uma empresa a fazer o trabalho seria melhor.

Nacionais e estrangeiros. Neste momento tenho um amigo que me vende algumas peças e as vezes nem sei quem os comprou. Quando se trata de esculturas de pedra, imagino que seja cá dentro. Embora através do Instituto das Comunidades, peças minhas já foram para Paris. Peças de 20/ 30 KG. Os sapatos, muitos vão para fora.

Alguns clientes que são muito fiéis. Tenho um em São Nicolau que ainda ontem veio cá. Ele está a desenvolver um projecto de turismo rural, por isso, ele compra algumas peças. Compram para levar para América, os emigrantes compram muito. Há pessoas que conhecem o meu trabalho então trazem pessoas que eu não conheço para fazerem compras. Já fiz troféus, encomendada por algumas instituições, prenda para casamento e outras ocasiões.

Há muitas instituições que adquirem peças minhas como Instituto das Comunidades, do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Através deles e dos emigrantes tenho peças que vão para vários lugares para fora de Cabo Verde. Mas também a Direcção Geral de Ambiente, fiz o troféu em pedra que foi entregue ao melhor stand da feira do ambiente em S. Vicente.

Muitas vezes, já fui entrevistado pela rádio e pela televisão. Sempre fui entrevistado sobre o meu trabalho. Lembro-me do meu primeiro nervosismo. Tinha feito exposição no Interart, na altura foi um trabalho sobre sapatos. Dei entrevistas para jornais, rádio, televisão. Não tenho razões de queixa. O tratamento é igual a que dão às outras pessoas. Aliás, mesmo depois da gravação mostraram interesse ao nível pessoal.

O Centro Cultural Francês da Praia, praticamente, foi o meu trampolim. Sempre demonstraram interesse em expor o meu trabalho. Participei na feira do ambiente promovida pela Direcção Geral do Ambiente três anos consecutivos na Praia e em São Vicente. Convidam-me porque trabalho com reciclagem do papel, ou dos sapatos. Tento fazer as aves endémicas de Cabo verde para ficar mais coerente. Com o trabalho dos sapatos já participei duas vezes e também com reciclagem de papel. Também a Associação Zé Moniz tem-me convidado todos os anos e agora me convidaram para dar formações. A Associação Jovens de Safende é um espaço aberto onde vou passar minha experiencia na área de reciclagem. A feira de Artesanato Associação Zé Moniz envolve rendas, pinturas, escultura. Já trabalhei também com o Centro de Juventude em São Nicolau. Depois do Centro de São Nicolau os outros demonstraram interesse para que trabalhe com eles nas outras ilhas.

Não. O trabalho tem sido feito com os meus recursos. Mas de qualquer forma, já ouvi falar que não é assim tão simples como se quer mostrar, como um porto para resolver os seus problemas. Tenho colegas que já tentaram recorrer à esta lei, mas não é tão fácil. Necessidade tenho sim, porque há projectos que não tenho conseguido desenvolver. Como sabes posso querer preparar uma exposição com via ou mais peças, mas tenho de levar em conta o meu sustento, é difícil juntar um número de peças para uma exposição. Neste sentido a lei pode ajudar.

Acompanho de perto sempre que posso, mas não estou inscrito. Convidam-me para as reuniões.

Já participei da seguinte forma: quando fui para São Nicolau dar formação convidaram as escolas e lançaram-me um desafio para fazer uma demonstração. Imagine com 90 alunos não iria ensina-

los. Mas dei-lhes uma ideia. Alguns professores já me contactaram neste sentido e mostro sempre disponível. Cabe a eles organizarem. Eu estou sempre aberto.

Já, uns quantos. Por exemplo durante uma feira de artesanato no Tarrafal de Santiago, onde trabalhei com crianças, embora sem formalidades. Também trabalhei com alguns adolescentes aqui na Ribeira Bote.

Tenho trabalhado em pedra e sapato, mas há uma peça que fiz com sapatos – *Odisseia* – inspirado nos emigrantes vindos da costa de África para Cabo Verde. Porque nós também já tivemos o nosso tempo da nossa odisseia. A peça foi adquirida por um representante do Ministério da Cultura de Portugal. Foi um encontro internacional realizado na Praia para falar sobre cultura. Nessa altura o representante estava a escolher algumas peças, então acabou por escolher aquela peça.

Quando arranjei este espaço comuniquei a algumas pessoas em São Vicente e na Praia, para dar conhecimento. Trabalho nos meus projectos mas se alguém de outra área quiser uma peça em pedra podemos fazê-lo juntos. Trazes o projecto e eu executo-o na pedra. Dei isso a aperceber as pessoas. Não tenho problemas de trabalhar em projectos de outras pessoas ou se tiver o meu projecto pode entrar outras pessoas nele. Já não sei o que outras pessoas pensam disso. Mesmo em São Vicente há um artista que está interessado em fazer esse tipo de trabalho. Mas não vou mencionar o nome. Ele trabalha em pintura, escultura, mas em outros materiais. Estou aberto e dou a conhecer que aceito trabalhar com outras pessoas, em projectos que posso me encaixar.

F. Morais

Fernando Gabriel Lopes Morais nasceu na cidade do Mindelo em 27 de Dezembro de 1965. Filho de Teresa Morais e Gabriel Morais. De uma família de dez irmãos, 3 raparigas e 7 rapazes, tem como referência primeira, aquele que o levou a enveredar-se pela actividade artística, o falecido irmão Manuel. Mais conhecido por Nóia, assina sempre F. Morais

Esse é um autêntico mistério, que nem eu sei, não o chamo nome artístico, porque normalmente eu assino F. Morais. Agora como as pessoas chamam-me doutro modo, tenho é que aceitar, não é. Só que não o assumo na plenitude, assino sempre os meus trabalhos F. Morais, como já tenho 20 anos a fazer essa brincadeira, acho que já não posso voltar com outra marca, então tenho é que continuar assumindo-o assim. Aconteceu assim normalmente, sempre eu quis destacar o apelido Morais, que é um nome de família e sempre quis dar-lhe algum destaque, porque na minha família não tem ninguém com um carácter assim tão popular como eu, se é que eu tenho um carácter popular, então eu é que sou essa pessoa indicada para levar Morais adiante, por isso eu uso F. Morais. É um paradoxo, fazer o quê, não é? Há muitas pessoas, como muitos políticos, chamam-lhes uma alcunha, mas o seu nome é o seu nome. Extravasa os meus conhecimentos, nem eu nem os meus pais nunca souberam. Sim desde criança, mas nunca eu soube explicar. Assino sempre F. Morais, embora seja conhecido por outros nomes. Mas sempre assino todos os meus trabalhos F. Morais. Chamam-me vários nomes: Nóia, Chan... porque antigamente eu treinava artes marciais. Super, porque na tropa eu tinha uma mala desenhada um Super-homem, etc. Faço questão que seja sempre F. Morais, embora outras pessoas digam que não, mas eu prefiro sempre esse.

Nasci em São Vicente, no período antes da independência, o que quer dizer que não me considero ser cabo-verdiano, uma vez que nasci antes da independência de Cabo Verde. Portanto nunca considerei ser cabo-verdiano, considero ter nascido em território português, logo sou português, mas sou cabo-verdiano à força. Essa é uma polémica à parte.

Não, os mais velhos como são filhos de outro pai, foram muito cedo para o estrangeiro. Eu vim conhecê-los já grande, mas os outros sempre crescemos unidos aqui em Cruz.

Aquele que levou-me a enveredar pela vida artística, morreu cedo. Ele já tinha um verdadeiro talento e eu como para substituí-lo comecei na vida artística. Num primeiro período, eu posso dizer que era totalmente apagado, porque tradicionalmente não tenho ninguém na família que tem a vertente arte. Mas eu tinha esse irmão que faleceu quando eu era criança, ele levava-me uns pares de anos, ele tinha um talento natural, na escola ele era sempre referenciado, teve sempre prémios e tudo. Então eu admirava-o, eu e outras pessoas, os meus irmãos mais novos, todos admiravam o seu talento. Eu não conseguia desenhar nada que ele desenhava com muita facilidade, mesmo quando eu tinha idade que ele morreu. Eu me lembro que a primeira coisa que ele ensinou-me a desenhar foi um prato, e ele disse: “oh moço, dás um traço em cima, depois dás o traço do meio, ali dentro, o traço como uma meia-lua, etc”. Eu ficava sempre com aquilo na memória, mas depois ele morreu, e depois senti-me na obrigação de seguir o seu percurso, que ele infelizmente não conseguiu levar adiante. Entretanto com o passar do tempo, eu sempre fui curioso, sempre gostava de fazer coisas, mas não tinha ferramentas: martelo era uma pedra, pincel era pena de galinha. Tinha um senhor que era Armando Pinheiro, que vinha sempre para Cruz, tinha um estilo naif que ele pintava, mas eu sempre achei os seus trabalhos grandiosos. Quando ele vinha pintar em Cruz, era logo um acontecimento, um dia até deixei de ir para a escola para ir vê-lo a pintar. Ele vinha pintar nas paredes, ele vinha para Cruz e pintava umas dúzias de casas, ele vinha passava uns dias e depois voltava para Salamansa. Concretamente eu via com tanta curiosidade, mas mesmo assim ainda não enfrentava a pintura de um modo profissional, só depois de conhecer Bitim de Nhose que encarei a pintura de forma profissional, através do meu pai, porque ele era colega do meu pai. Eu andava numa oficina, que eu frequentava como curioso, que era na oficina do João de Auta, então ele ia fazer aqueles baguetes, as armações de madeira nessa oficina. Ele levava os quadros para fazermos logo as armações, então eu ficava com aquela curiosidade e ouvia as pessoas dizerem: “Moço esse senhor é muito bom” eu dizia para mim: “eu também seria capaz de fazer alguma coisa”, então fui arranjando tinta, restos de tinta, de construção civil, guache, etc.

Foram aparecendo.... Assim, as pessoas ofereciam-me e também sobras das coisas de materiais escolares, na escola usávamos ou guache ou aguarela, mas na escola não deixavam-nos fazer o que quiséssemos, só o que os professores diziam: “não, fazemos isso” e era só aquilo que fazíamos, normalmente os professores não davam muita liberdade de explorar, mas em casa eu explorava-o. Mas um belo dia, a paixão pela pintura apareceu-me de repente, assim “pá”, então

comecei a pintar e dali não parei mais, mas nesse momento considero que estou mais parado, porque senti que a pintura perdeu um certo respeito na sociedade cabo-verdiana, porque apareceram vários pintores e eu vejo a pintura como algo nobre, uma arte nobre e a pintura não deve ser vulgarizada como está sendo vulgarizada. Nesse momento toda a gente é pintor, fazem pintores em workshops de uma semana, como é possível? Para concorrerem em exposições com uma pessoa que já tem um longo percurso, de modo que fui apanhando a pintura e colocando num canto, faço pintura só por encomenda.

A minha escola primária foi na escola Praça Nova, perto da estação policial e perto da Fábrica de Tabacos... altamente desagradável, porque essa escola praticamente marcou o meu futuro, porque tinham a palmatória e todo o aluno tinha terror à palmatória. Eu considerava-me um aluno, em termos de produtividade exemplar. Um belo dia tive um problema com um colega de escola, então duas professoras deram-me 24 palmatoadas e isso marcou-me para sempre e então teve um descalabro que veio marcando o meu percurso. A partir dali não fui um aluno brilhante. Estive ali na pré-primária e primeira classe. Eu era da 1ª classe quando recebi as célebres 24 palmatoadas. Depois dali as coisas continuaram, tivemos que ausentar porque o meu pai trabalhava nas construções técnicas, uma empresa portuguesa que depois revelou-se muito desastrosa, então transferiram-no para a Praia, onde estavam construindo o cais da Praia. Ali estive na escola durante dois anos... eu e mais os meus irmãos quase dois anos. Na escola de Meio-di-Tchada, em Achada Santo António.

Eu tinha um professor que era da ilha do Fogo, não era bom professor. Ele preocupava-se mais em dar com a palmatória do que ensinar e eu já tinha terror à palmatória. Constatei isso quando vim para São Vicente, o nível de ensino já estava mais alto, porque eu vim transferido no meio do ano, de modo que reprovei imediatamente. Não tive sorte com professores na primária, o professor que encontrei em São Vicente a primeira coisa que perguntou-me foi: “A”, e ele já tinha perguntado aos outros colegas “A”, que era artigo definido, feminino, e isso era novidade para mim. Ele perguntou a um outro colega e este respondeu. Ele voltou-se para mim e disse: “tu és um grande burro, vai sentar-te no fim da turma”... isso já era na escola Jorge Barbosa (Liceu Velho)... Terceira classe, ele colocou-me no fim da turma, deixou-me ali e até o ano lectivo terminar eu reprovei. No ano seguinte entrei outra vez na escola, mas agora tive uma

professora que era uma santa, bom em ensinar, bom em tudo, atenciosa. Graças aquela professora, consegui apanhar o ritmo... O seu nome era Isaura, infelizmente nunca mais a vi. Vieram outros e outros. Sim, agora segui sempre na escola Jorge Barbosa. Gostaria muito de encontrar todos esses professores... tanto os que me prejudicaram como os que me favoreceram. Depois fomos outra vez para a Praia e tive no Liceu da Praia, com um percurso regular, não teve nada de extraordinário, até altura que fui para a tropa. Ali encontrei os superiores hierárquicos muito compreensivos, consegui estudar ali até o 10º ano e depois fui para Portugal.

... Não, teve, aliás tem um colega que sempre fomos da escola primária, tivemos um tempo sem nos ver e reencontramos já crescidos. Trabalhamos muito tempo juntos em publicidade, no tempo que apareceu publicidade em São Vicente, aquela onda de publicidade, que antes não existia, porque a lei não favorecia. Nós tínhamos uma simbiose tão perfeita que praticamente nem falávamos. Falávamos de outras coisas, menos do trabalho que estávamos fazendo. Aquilo que eu estava pensando ele já dava logo seguimento e ele também a mesma coisa. Ele é daqueles indivíduos que... E fomos colegas de tropa também.

Só que quando fomos para tropa, puseram-me na polícia. Estava tendo em Cabo Verde alguma delinquência, então para reforçar a polícia, mandaram tropas irem prestar serviço na polícia. Eu fui um daqueles que foram e eu disse-lhe assim “estão tomando nome para a polícia, vai inscrever-te”, era ali no Morro Branco. Ele disse “não eu não gosto de polícia, moço” e eu disse-lhe “não é uma questão de gostar, moço. Polícia deve ser mais “descontra” do que tropa e estar a andar com aquelas armas “lá pá tchada”. Nunca gostei de ser tropa e digo que puseram-me na tropa à força, eles do governo. Então ele não quis ir e fui sozinho para a Praia, outra vez, Praia sempre foi meu destino. Na Praia agora, reconheceram o talento que eu tinha e fiquei fazendo serviço só no quartel e afins. Praticamente eu não fazia nada e quando estava passeando via-o com o seu pelotão e companhia, indo com as armas na mão, para os lados da Cidade Velha. Eu dizia-lhe: “já viste” e as vezes encontrávamos nos fins-de-semana e ele dizia “moço, ah se eu soubesse” e eu dizia-lhe “já viu”. Ele também é talentoso, mas não souberam aproveitá-lo. Mas agora ele está no estrangeiro. Manuel, Naiss de Goga. Ele era do Madeiralzinho. Ele é muito talentoso e trabalhou muito no carnaval. Muito bom, muito educado também... já era nos anos 90, depois da abertura política.

Não teve, porque como eu já disse sempre fomos uma família numerosa e não tinha nem tempo nem materiais para dedicar a essas coisas assim. Não tinha tradição, arte só se ouvia falar, eu

ouvia falar em Armando Pinheiro, porque ele vinha fazer uns trabalhos em Cruz. Eu ouvia falar em Bitim de Nhose, porque ele e o meu pai eram colegas de trabalho, e pronto. Um ou outro é que fazia aquelas exposições, as pessoas iam ver. Ficava a ver os quadros admirado e dizia: “Mas um dia vou conseguir fazer um trabalho daquele, etc?” Mas agora estou aqui fazendo-os.

Não porque ele morreu cedo... Quando morreu estudava 4ª classe. Mas ele nasceu um verdadeiro talento, porque na escola era um fenómeno. Mandavam-lhe até prémios de Portugal, porque ainda era no período colonial, antes de independência. Só que não davam-lhes os prémios, porque naquele tempo favoreciam os meninos mais, como dizíamos... “cupim-de-lête”. Entregavam essas prendas a esses meninos e não davam-lhe nada. Mas chamavam-lhe sempre para participar em exposições, fazer todos aqueles trabalhos. Ele tinha muito louvor, mas infelizmente ele morreu... Não me lembro bem, porque as pessoas mais velhas não falavam perto das crianças.

Não em Cabo Verde nunca tive nenhum curso, nunca houve nada ligado à arte, em termos formativos, para ninguém. Simplesmente eu via aquelas pessoas credenciadas, chamadas credenciadas, a pintar. Aqui em Cabo Verde não tive, mas lembro-me quando fiz a minha primeira exposição, as pessoas em que participei em exposições com eles, já eram artistas conceituados, formados em escolas de Belas Artes em Portugal ou noutros países, então senti necessidade teoricamente de seguir em frente. Assim fui para Portugal, estive numa escola de Belas Artes, mas muito pouco tempo, muito pouco tempo. Cheguei à conclusão que não ia aprender nada ali, foi no Porto, agora falha-me o nome dessa escola, descobri que não tinham nada para ensinar-me que eu já não sabia, pelo menos talvez ao nível de história da arte vá que não vá, eu descobri outras coisas mais, indirectamente. Entretanto eu tinha ido para uma Escola de Formação Profissional na área de Realização Plástica de Espectáculos, ali sim, tinham várias vertentes artísticas dentro daquela área, eu disse: “aqui é o meu mundo, é o que eu estava mesmo à procura, tinha dois meses de teórica, um mês de prática, dois meses de teórica, um mês de prática, assim quando eu estava na teórica já estava ansioso para os dois meses terminarem, e vice-versa, quando estava na prática era também tanta coisa tanta coisa, que eu dizia: quando é que as aulas teóricas chegam, para descansarmos de toda essa prática? Ali agora, indirectamente fui descobrindo coisas porque as escolas de Arte não ensinam ninguém a ser artista, isso foi uma coisa que vim a descobrir, embora tardiamente, mas é uma grande verdade, escola não faz

nenhum artista, até dizem assim quando a escola abre: “nessa escola matriculam-se as vezes centenas de pessoas, duzentos e tal, e um, dois ou três, é que seguem verdadeiramente o curso artístico os outros vão desistindo, porque descobrem que não têm vocação. Assim foi mais uma experiência da minha parte, porque escola para mim é simplesmente um pretexto para descobrir paralelamente outros caminhos e ainda estou descobrindo-os. Em Cabo Verde não, mas em Portugal sim. Em Portugal estudei numa escola que é a Academia Contemporânea de Espectáculos. Por acaso tem muitas pessoas aqui em São Vicente que estudou ali, como Sílvia Lima do Centro Cultural Português, Jota que agora está na ASA, que é director de Marketing. Por acaso foram eles que deram-me expediente para ir... assim fui para o Porto. Ela disse-me assim: “porque não vais para o Porto estudar onde estamos? Ali é uma boa escola, eles têm muitos contactos internacionais”. Eu disse-lhe: “mas eu não tenho contactos” ela disse-me: “eu tenho, eu te arranjo”. Então deu-me todos os expedientes, mandou-me todos os documentos, arranjei financiamento e fui. Por acaso ali abriu-se-me muitas portas, estive ali um tempo e em Lisboa, fiz contactos também com algumas escolas de Arte, até encontrei um colega também daqui de São Vicente, também dessa andança, que é o Toi de Conceição. Por coincidência, quando eu estava ali, esse amigo meu de infância que trabalhámos em publicidade também estava em Portugal só que estava trabalhando em construção civil e ele disse-me: “quase vou largar construção civil e fazer aquela coisa que sempre sonhámos, fazer um ateliê aqui fora”. Eu disse-lhe: “Moço era bom, mas falta o mais importante, o lançamento, aquela rampa de lançamento”. Assim não teve essa rampa de lançamento, depois o dinheiro faltou-me e tive de vir para Cabo Verde, porque estava às minhas custas. Trabalhava e estudava. Isso era mais em Lisboa, eu trabalhava em Lisboa e ia para o Porto. Mas ainda no Porto eu tive umas pessoas amigas, mesmo portuguesas, que ajudaram-me, mas não conseguiam ajudar-me em tudo, assim tive de vir para Cabo Verde, era para ir de novo, mas quando vim as coisas ficaram-me mais negras e já não consegui aquele financiamento e ainda estou aqui. Era muito generalista, era mais virado para realização plástica de espectáculo... englobava todas as áreas dentro de espectáculo, desde pintura, escultura, e mesmo construção civil e também tinha noção de luzes e técnicas de luzes, som e trabalho de actores. Tudo que dizia respeito a espectáculo, tudo ele tinha... tinha e ainda tem, porque ainda estão funcionando. Tive dois anos, cerca de dois anos e meio ali, entre Porto e Lisboa.

Já vivi no Fogo, na infância, na Praia também na infância, na tropa também estive na Praia. No Fogo, ainda eu era criança, porque o meu pai como já disse trabalhava nas construções técnicas e como estavam construindo o cais da Praia e do Fogo ao mesmo tempo, ficavam só a mudá-lo e onde ele fosse ele tinha de levar a família. Assim conheci parte do Fogo também, disseram que foi no Fogo que bebi a primeira água... quando fui eu não sabia nem falar ainda, quanto mais. Eu não me lembro nada. Lembro-me de mim ali, mas agora... O resto não me lembro, só por ouvir falar.

Vivi em Portugal, já estive em outros lugares, mas não para viver... ainda não tive essa felicidade. Eu gostaria de ter ficado, por acaso, na Europa. Se fosse por mim eu vivia na Europa e não em Cabo Verde. Me sinto mais útil ali. Tenho vontade de trabalhar, de fazer qualquer coisa, mas não me deixam. Quando digo não me deixam, digo: instituições, o meio cultural que não existe, não há incentivo, não há reconhecimento e lá fora eu sinto que há tudo isso. Qualquer material que precisas? Aqui está! Precisas contactar uma galeria para exposição? Aqui está! Tendo dinheiro tem-se tudo. E as pessoas reconhecem o teu trabalho. Basicamente é isso, assim eu me sinto útil, gostaria de viver num país onde eu me sentiria útil àquele país. Se vissem coisas que eu tenho dentro da cabeça, sairiam a correr, diriam que eu sou doido. Até aqui em Cabo Verde, em São Vicente, uma altura eu levei um projecto para a Câmara, uma das dezenas que tenho dentro da cabeça, levei ao presidente da Câmara, ele viu e disse: “muito interessante, muito interessante, ponha isso no papel”, eu disse: “não, para pôr isso no papel, você tem de dar-me a garantia que se ele for para o papel eu tenho de contribuir na sua execução e tenho de ganhar com isso”. Ele disse: “vamos estudar, vamos estudar”. E nada, não passou daquilo, mas no seu tempo ainda consegui falar com ele, mas com outro presidente de Câmara nunca consegui falar com eles. Nunca consegui falar com um vereador de cultura de São Vicente, se eu disser para alguém dizem que é mentira. “Não ele não está”; “ele está numa reunião”; “Vai e volta outro dia”, é tudo assim.

Digo a qualquer pessoa: “ queres tirar a prova, vamos agora na Câmara marcar uma audiência com um vereador de cultura”. A primeira coisa que me perguntam é: “Para quê que o queres, é para quê?” Mesmo se eu levar o meu cartão e dizer que eu preciso falar com tal pessoa. “ah então depois vemos, deixa o teu número de telefone e chamamos-te depois” e nada. Voltando um pouco para trás, esse projecto que eu tinha levado para a Câmara era um “miradouro de São

Vicente”, um miradouro que eu tinha pensado onde têm as antenas no Monte Gud, nessa parte virada para a cidade, para embelezá-la, colocá-la umas escadarias, que fosse de baixo para cima, uns quiosques onde os turistas podiam ficar, tomar qualquer coisa fresca, comprar souvenirs. Aí em cima com São Vicente ou Nossa Senhora da Luz, feita em estátua e eu o executaria, iluminado, grande, para que as pessoas que fossem aí em cima, tivessem como uma varanda, porque ali tem uma boa vista, não sei se já estiveste ali. Que fosse para ver São Vicente, um miradouro. Com jardins, plantas para não ter aquela lixeira que existe ali com as casas clandestinas. Nada, viram como uma coisa impossível que não dava para fazer, uma coisa de doidos. Eu vi-o como uma coisa dum país sério, às vezes uso o termo e muitas pessoas retorcem a cara. Mas um país a sério não tinha hipóteses de desperdiçar um ponto daquele, não tinha hipóteses. Os turistas que vêm em São Vicente onde é que vão? Subir no Fortim, subir a assomada de Cruz e descer, pronto.

O meu agregado familiar nunca mudou muita coisa. Simplesmente cada um foi seguindo o seu destino normal, foi casando, foi saindo e nesse momento eu é que fiquei. Nesse momento só eu que estou aqui. Só eu, entretanto o meu pai reformou-se, já são pessoas idosas, portanto não dá para abandoná-los. Mas a casa é sempre cheia de gente... sim a casa está sempre cheia de gente, porque causa do núcleo familiar. Esse núcleo nunca rompeu, mesmo que estejam moradas nas suas casas, continuam sempre aqui em casa.

Faço várias coisas, normalmente pratico artes marciais, faço caminhadas, gosto de andar montanhas e campos, sou um leitor, deixa-me dizer, compulsivo, leio muito; é basicamente isso. Agora outras coisas como discotecas, digo que não foram feitas para mim. Mas gosto também de bons espectáculos, não tem espectáculos aqui de nenhuma espécie, nem musical nem teatral, porque já não me lembro quando é que fui ver uma peça teatral, tirando o Mindelact que é uma coisa sazonal. São essas basicamente.

Posso dizer que não tenho um espaço de trabalho. Eu gostaria de ter um espaço de trabalho a sério. Nesse momento estou na casa dos meus pais e este espaço é improvisado, aqui não é meu,

somos vários irmãos, os meus pais são vivos, também não posso aventurar em fazer nenhuma obra, porque não fica bem. Embora eu tenho um terreno, mas não consigo construí-lo, porque tem essa coisa de “arte em São Vicente não dá dinheiro”, de modo que estou nesse impasse. Qualquer oportunidade que encontrar para fugir de Cabo Verde, sou dos primeiros a fugir, porque é a tal coisa “fuga do cérebro”, se é que posso considerar-me um cérebro, mas saio e aconselho outras pessoas que estão nessa mesma situação a sair de Cabo Verde.

Há uns tempos atrás eu andava a dedicar muito à pintura, mas depois fiz uma paragem na pintura por dois principais motivos: 1º porque apareceu muita gente a pintar, embora cada um tenha o seu espaço e o seu estilo e não tenho um estilo tão definido assim, mas apareceu muita gente a pintar, então eu perdi o gosto pela pintura porque é como se pintura perdeu o respeito. Às vezes ouço na comunicação social: “grupos de deficientes estão fazendo exposição de pintura, ou nas instituições viradas para doenças mentais têm pessoas fazendo quadros ou “rabelados” estão fazendo quadros ou fazendo exposições”. Isso faz-me um choque, porque colocam tudo no mesmo paralelo, de modo que eu disse: “Não, no dia que pintura tiver a sua posição como uma ciência, uma arte nobre, eu posso pegar nela a não ser por encomenda”, agora para exposição a pintura fica esquecida.

Digamos assim que não tenho feito nada assim marcadamente artístico, a não ser na época do carnaval que sou contactado para fazer projectos de um ou outro grupo de carnaval. Noutros tempos eu fazia outras coisas que nada têm a ver com a arte. Muitas vezes, ou era a decoração de festas... Sim, decoração de espaços, mas não o considero algo contínuo, porque não tem uma sequência, não é algo normal, aparece uma vez ou outra. E várias outras coisas que nada têm a ver com a arte, fica muito difícil enumerá-las nesse momento.

Nesse momento é muito difícil, por exemplo se há alguém precisando de uma pessoa para tomar-lhe conta duma obra, eu vou sem problema. Ou então se estou fazendo alguma pesquisa ou se estou escrevendo, é assim. É por isso que estou numa afronta, estou numa “panela de pressão”, porque não estou conseguindo dar saída aquilo que eu gostaria de fazer. Não estou bem, alguém pode pensar que estou bem, há muitas pessoas que dizem: “ah tu tens dinheiro” eu digo: “vocês andam a dar-me algum dinheiro? Andam a dar-me trabalho?” Tenho vontade de trabalhar, as vezes digo isso às pessoas e elas dizem que é mentira. Tenho vontade de trabalhar e as pessoas não me deixam trabalhar. Mas lido com todos os materiais, desde ferro, madeira, plástico, esferovite, cimento, lido com todos. Para mim todos os materiais são materiais, tudo que é

matéria é fazível, eu gostaria de transformá-las todas em arte, uma arte positiva. Também, porque faço escultura também.

Bom, única exposição colectiva que eu me lembro foi com o Kiki Lima, Bitim de Nhose, também já participei nos jovens criadores de CPLP, nos bianuais que faziam, infelizmente acabaram com eles, não sei porquê. Agora exposição individual já fiz muitas, tanto em São Vicente como na Praia, no Sal, já fiz muitas. Não as tenho enumerado no tempo, mas já fiz também na Holanda com os meus trabalhos, embora eu não estava presente, mas mandei uma colecção de trabalhos que estiveram ali a representar o meu nome. Em São Vicente, durante a década de 90 fiz muitas exposições e na década de 2000 também. Em 2002 fiz na Praia, Sal e São Vicente, em 2006 também a mesma coisa. No ano 2003, em Lisboa e Porto. Na Holanda foi em 1998. Só pintura sim. Já não penso muito em fazer exposição de pintura, a não ser numa outra ilha onde ainda não fiz, Boavista por exemplo, ali estou pensando fazer uma exposição de pintura em 2011. Tenho uns trabalhos guardados estou pensando dar-lhes saída, porque eu sou assim, basta fazer um trabalho, enquanto este estiver nas minhas mãos não fico bom, tenho de mandar-lhe, não gosto de guardar trabalhos.

Bom normalmente, qualquer artista que tenha um trabalho marcante no mundo ou em Cabo Verde, sempre me diz qualquer coisa que eu tento saber do seu percurso. Por exemplo, os clássicos, não posso esquecer deles. Nesse momento tenho uns...como posso chamá-los, deixame chamá-los artistas, porque são mais que uns pintores, que fazem muitas obras fantásticas, obras criativas, que têm muitas edições lançadas. Como Bóris Valero, por exemplo, admiro muito o seu trabalho. Também uma outra pessoa que eu admirava muito o seu trabalho, embora ele já morreu, é o Michael Jackson, eu admirava muito a sua criatividade nas suas obras que ele fazia, tanto na música como na expressão corporal e mesmo as suas ideias também. Ele foi uma daquelas pessoas que indirectamente influenciou-me muito, por causa da força criativa que ele tinha, ele era um indivíduo muito cheio de ideias.

Não, dentro de Cabo Verde não, mas tinha um senhor que era pai de Zeca de sindicato, a quem lhe chamavam Ti Fefa, que era mestre de construção naval, aprendi muita coisa com ele,

influenciou-me em muita coisa. Aquele senhor, em vida, era das pessoas que aprendeu com mestres e fez questão de passar a sua sabedoria para outras pessoas. Eu conheci-o porque o meu pai e um senhor que é o Sr. João de Auta, eram muito amigos e esse senhor que era Sr. Fefa trabalhava com o João de Auta. Então como eu frequentava muito a sua casa e tinham oficina, então eu aparecia ali e o Zeca andava sempre metido no carnaval e ele levava ao seu pai trabalhos de carnaval para fazer nas horas extras, então eu tinha uma curiosidade de estar ali com ele. Via-lhe a trabalhar no torno, a esculpir, a fazer aquelas coisas, ele foi a primeira pessoa que vi a trabalhar em esferovite em Cabo Verde, aliás em São Vicente. Ele era um senhor muito hábil, tocava clarinete também bem, ele era muito criativo também, foi uma pessoa que me inspirou muito.

Os meus trabalhos saem naturalmente, como tenho muitos contactos de pessoas amigas, mandam pessoas para verem, pessoas que me conhecem, tenho uns irmãos que vivem fora também. De vez enquanto eu mando para eles, dizem: “o quê que tens aí”, eu digo “eu tenho umas coisas novas”, “então manda-me”, mando-lhes depois mandam-me o dinheiro. Vivem em Holanda, são os mais velhos que cresceram com o seu pai e que foram pequenos, mas temos contacto frequente e também esse amigo de infância que fomos colegas de tropa e que vive agora no Luxemburgo, de vez enquanto mando-lhe trabalhos, ponho no correio e mando-lhe. Ou ele precisa ou não, eu mando-lhe, depois ele diz-me: “olha vieram umas pessoas aqui ou fizemos uma actividade e aqueles trabalhos já venderam todos, depois mando-te o dinheiro”, é sempre assim.

Não, São Vicente até poderia ser, mas São Vicente não tem uma vida cultural como nós gabámos que temos. Gabámos que somos a capital de cultura, mas é mentira. Se eu quiser ir agora na cidade e dizer: “deixa-me ir para uma galeria ver várias correntes artísticas, eu não encontro”, a não ser uma pessoa que eu sei que tem o seu ateliê, pronto. Se alguém liga-me do estrangeiro e pergunta-me “São Vicente tem uma galeria para irmos visitar?” eu digo: “não”.

Tenho pessoas que são conhecedores de arte, apreciadores de arte que compram, estrangeiros ou nacionais. Têm muitos nacionais que têm as minhas obras aqui em Cabo Verde, por exemplo na Praia tenho obras espalhadas à vontade, mesmo no Palácio do Governo, o quadro mais grande que tem ali é meu, fala do descobrimento de Cabo Verde. Tem pessoas que têm colecções das

minhas obras na Praia. As vezes chego ali e dizem-me: “vou levar-te na casa de tal fulano para veres uma coisa”, chego ali e encontro vários quadros; no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Sim, porque cidadãos comuns não compram arte porque não têm aquela educação virada para a arte. Tanto um quadro de chinês ou um quadro de um outro teor, para eles é um quadro e pronto e acabou-se, aquele quadro tem umas cores que combinam com o meu sofá, deixa-me comprá-lo porque combina com o meu sofá e a minha cortina e pronto, o valor intrínseco daquele quadro, o cidadão comum não o vê. Só as pessoas que têm uma cultura mais elevada que vêem isso, só as pessoas que têm uma vivência fora do país.

Teoricamente faço parte dela, digo teoricamente, porque eu participei em várias reuniões, eu sublinho a palavra “vários”, porque foram mesmo vários e a criação dessa associação foi muito atribulada, talvez não por culpa dos associados, mas porque os associados também não estavam preparados tecnicamente ou juridicamente para dar seguimento à criação de uma associação e as instituições não estavam nem aí, deixa-me dizer assim, usando essa expressão brasileira, uma vez que ela estava sendo criada aqui em São Vicente, porque tenho a certeza que estava sendo criada na Praia, seria aprovada, mas ouvi dizer que felizmente ela já foi aprovada oficialmente, por ter saído no Boletim Oficial. Só que não participei nas reuniões subsequentes antes da sua criação oficial, porque eram tantas reuniões e as pessoas discutiam muitas coisas e muitas vezes não tinham nada, eu acabei por cansar, eu não sou de muita fala, sou de muita acção. Sinceramente, não é para deixar os associados pessimistas, mas eu não acredito no seu futuro. Não acredito no seu futuro porque durante algumas das reuniões, eu tive de sugerir ideias que uma associação desse cariz tinha de fazer actividades, essa associação nunca fez actividades, mesmo antes de ser oficializada tinha de fazer actividades. O quê? Um concurso de esculturas na areia para crianças de escola, por exemplo, um concurso de poemas, um concurso de banda desenhada mesmo para crianças de escola também, para irem ganhando base, coisas do género. Em alturas marcadamente nacionais, como o dia de São Vicente, é imperdoável no dia de São Vicente não temos nada, nem a criação de um monumento, eu disse nós juntamos e criamos um monumento à São Vicente, oferecíamos-lhe à Câmara, para o dia de São Vicente, ou um dia ou outro qualquer, para colocar num lugar e dizer essa coisa aqui é sobre São Vicente, nada, ninguém dá um parecer. É assim, não deram um parecer para se fazer actividades, eu disse bom, está aqui uma principal falha de uma associação dessas, logo não tem pernas para andar, podem até querer, mas

não têm aquela capacidade de levar o projecto para a frente, o projecto de uma associação como aquela, é muito exigente. Exige outro nível intelectual que não sei se as pessoas estão preparadas.

Nesse momento é só carnaval, estamos no período carnavalesco, já está quase entrando na velocidade de cruzeiro. Nesse momento estou prestando serviços para dois grupos: Escola de Samba Tropical e Cruzeiros do Norte, os projectos já estão todos prontos e em vias de execução. Sim, esse de Cruzeiros do Norte é todo o enredo, e já o tenho todo desenvolvido, talvez confecção de algumas peças, as peças mais difíceis e que normalmente os grupos têm mais dificuldades em fazê-los, porque não tem aquele suporte artístico necessário. Isso é outra coisa, não há muitas pessoas para trabalhar no carnaval nas partes mais fundamentais, que são as partes mais criativas, onde entra a técnica, entra alguma tecnologia, a parte mais, eu vejo no carnaval as partes que outras pessoas não vêem. Eu vejo que o carnaval tem de ter magia, tem de surpreender as pessoas e os grupos tem uma dificuldade ali, então estou fazendo essas coisas.

Não, talvez o que eu poderia falar mais é só ao nível das instituições viradas para artistas, relacionamento de instituições estatais, nesse caso, governamentais viradas para artistas, porque aqui em Cabo Verde, enquanto alguém não sair para o estrangeiro ir fazer um percurso, para vir e ser reconhecido no estrangeiro para alguém ali dizer: “fulano de tal é”. É como a Cesária Évora, deram-lhe uma casa quando ela já conseguia comprar uma casa, era mais ou menos isso que eu queria referir, não há nada relacionada para pessoas, deixa-me dizer, que estão no anonimato, vêem isso como: “deixa andar”. É o que mais lamento e no meu caso como tenho a mania de não me considerar cabo-verdiano, enquanto eu não disser que a independência serviu-me de alguma coisa, porque a independência não serviu-me de nada, antes pelo contrário, mas cada um sabe onde lhe doem os calos. Mas para outras pessoas e mesmo para o sistema de educação não há uma preparação de base dos alunos, não há um currículo escolar, não há nada para sensibilizar, para criar um público consumidor e apreciador, não há. Por exemplo as escolas não levam os alunos para irem ver uma exposição. Tem uma exposição de tal artista, ok essa turma vai e no dia seguinte fazem uma dissertação sobre essa exposição ou mesmo ao teatro também. Não tem peças de teatro ou não há contacto com associações teatrais, ou sabe-se lá o quê, para darem formações nessas escolas, escolas do ensino básico, por exemplo, porque é ali

que começa tudo, como as coisas são feitas para criarem um público crítico e consumidor mais tarde, porque daqui a pouco tempo não tem público consumidor. Nesse momento quem vai ao teatro são só as pessoas que vão há muito tempo e a grande massa não vai, não ver um bom espectáculo porque não têm paciência para um bom espectáculo. É só ver festivais e pronto, ou ir para uma discoteca tudo bem, agora para ir ver um espectáculo, uma exposição, obras clássicas ou quê, nada disso, e é isso.

Na minha cédula pessoal é escrita República Portuguesa e tem aquela estampilha portuguesa, mas com a independência lixaram todo o mundo, porque não salvaguardaram: “queres manter a tua nacionalidade europeia?” “Sim eu quero mantê-la, porque quando eu precisar ir para o estrangeiro buscar um material, por exemplo, não consigo ir. Tenho de pedir mil e um documentos para ir para o estrangeiro, enquanto há pessoas aqui, que praticamente eu vi nascer, têm o seu passaporte vermelho saem quando querem, chegam e passam-me à frente quando querem e somos todos cabo-verdianos, porquê? Porquê? Porque os governantes, uso sempre uma frase: têm todos a sua nacionalidade recuperada, os seus filhos têm tudo, vão para a América quando querem, vendem os seus materiais e eu continuo aqui, porquê essa injustiça? Essa é uma coisa que eu não aceito, não aceito de nenhuma maneira. Então podiam dizer assim: ok, és artista, já provaste que trabalhas em arte, ok damos-te um passaporte diplomático, pelo menos suaviza um pouco. Se eu quiser ir para Portugal nesse momento, tenho de levar documentos do banco, documentos de casa, tenho que tirar atestado médico, pagar ao Estado, tirar registo criminal, se não estou com o passaporte em activo tenho de o fazer, tudo isso, depois tenho que pedir favor as pessoas no estrangeiro: “vou ficar na tua casa, manda-me papel da tua casa, papel de vencimento, isso e aquele outro, para quê, quando tudo isso podia ser salvaguardado. Na altura da independência salvaguardavam esses casos aqui, ok aceitamos a independência, mas isso é um caso já mais político, mas tinha que estar tudo no papel, assim e assado. Agora é preciso ter mil documentos para ir lá fora, eu por exemplo talvez podem não recusar-me visto, mas outras pessoas recusam. Tenho irmãos aqui que nunca puseram um visto, no entanto eles têm o seu trabalho. É só para ir passar 30 dias lá fora, mesmo em Portugal não colocam o visto. Porquê? No entanto nasceram em território português. São essas coisas que eu digo às pessoas e elas ficam revoltadas, dizem: “não, foi bom a independência”. Foi bom para alguns, mas para mim não foi bom, pronto. Não foi nada bom.

Pois, essas pessoas, cada uma à sua maneira, serviram mais para fazer-me ver coisas que eu não estava vendo, não quer dizer que o trabalho deles tenham tido alguma relevância, por exemplo, Bitim de Nhose, como artista eu respeitava-o muito, os seus trabalhos, etc., mas eu não gostava dos trabalhos dele, porque eu achava que ele gastava muita tinta e a mesma coisa se passava com o Kiki Lima também, os seus trabalhos nunca seduziram-me, agora pior, que ele mudou o estilo, pior ainda. E curiosamente as pessoas estão mais apaixonadas pelo seu estilo, mas o seu estilo não me diz nada. Relativamente à impressão que possam ter-me causado ou influências, não é assim tanta. Outras pessoas não estou vendo, porque sempre fui um indivíduo muito reservado em relação a contactos com outras pessoas, do mundo artístico, pelo menos aqui em Cabo Verde, sempre procurei ver as coisas mais da minha maneira, ir ter com as coisas e não com as pessoas, sempre procurei mais factos e não pessoas ou trabalhos que as pessoas já fizeram e não as pessoas em si. São tantas personalidades que verdadeiramente não sei dizer-te, olha as vezes um escritor pode influenciar-me.

Por exemplo, em termos de carnaval, digamos assim, a maioria das pessoas conhecem-me pelo carnaval, mas carnaval é uma coisa que eu digo eu não percebo de carnaval, mas quem influenciou-me mais, embora não me tenha metido no carnaval, foi o Djô Borja, ele influenciou-me muito e fez-me meter profundamente no carnaval, porque ele tem uma característica com ele, que em termos materiais ele não deixa ninguém com falta de material se lhe disser: “eu preciso de tal material para fazer tal trabalho”, ele vai buscá-lo na hora, enquanto tem pessoas que dizem: “não, espera espera”. Ele foi uma das pessoas que me influenciou, agora outras pessoas como já te disse, nas suas categorias profissionais ou nas suas formas de aparecer na sociedade, vários escritores, por exemplo, Jules Vernes, é um deles. Jules Vernes foi um escritor que influenciou-me muito, por causa das suas fantasias, como o meu signo diz: “gosta de viajar”, eu sempre gostei de viagens, embora viajo pouco, mas sempre viajei através dele, como ele descreve muito bem, descreve cores, tonalidades, clima, ele é um escritor que sempre influenciou-me muito, muito. Eu tenho a colecção quase completa do Jules Vernes, adquirida ao longo dos tempos. Ele é um escritor que eu sempre apreciei, porque quando eu era criança um padrão do meu pai que é o Engenheiro Brigham da Silva, sempre que ele ia para Portugal ele trazia livros e ele oferecia ao meu pai livros para nos oferecer, e ele dizia: “brinquedo que dou é

só livros” e graças a Deus ainda temos todos os livros, bem conservados que ele ofereceu-nos, entre os quais Jules Vernes ilustrado, que um desenhador italiano que é Frank Capriolli, captava as essências, o visual de Jules Vernes muito bem, muito bem, muito bem. Ele foi uma das pessoas que criou-me fantasia, ninguém mais e também eu sempre fui um leitor compulsivo de banda desenhada.

Já li toda a espécie de banda desenhada. Não, não necessariamente um específico, mas quase todas as bandas desenhadas que já foram feitas em língua portuguesa ou noutras línguas já consumi. Eu consumia-as demais, até o meu pai proibia-me muitas vezes de consultar, tinha pessoas que vinham trocar livros, porque tinha a coisa de trocar livros, estás a ver, eu metia-os dentro da camisa eu saía com eles, ia trocá-los ou tinha pessoas que vinham trocar aqui em casa. As vezes fim-de-semana, encontravas-me a rodear São Vicente a trocar livros. As grandes colecções de Lucky Luke, Astérix, eu consumi-os muito, Bugs Bunny, todas as colecções de escritores franceses, etc. As grandes de cobiadas, também já consumi-os todos.

Cinema agora, eu comecei indo para o cinema muito tarde, porque o meu pai não me deixava. O meu pai proibia-me muita coisa, muita coisa, de facto eu poderia estar muito avançado se não fosse essa maneira à antiga de travar, não sei porquê. Talvez porque o mundo ganhou algum vício e como tinha pessoas viciavam em cinema, mas tomara agora os vícios fossem como os vícios que tinham antigamente. Então eu comecei indo escondido para o cinema, como não podia ser. Então quando comecei a ir escondido ao cinema, eu gostei e viciiei, mas viciar no bom sentido da palavra, quando via os cartazes ia logo, depois vim descobrir, por exemplo, os filmes de Sandokan, eu não perdia nenhum. Sandokan era dum escritor italiano muito vivaz, descrevia os combates marítimos, as lutas, as paixões na Índia e Pacífico, de modo que aquilo apaixonou-me muito. As grandes cobiadas também no cinema, etc, quando exibiam dois filmes então eu morava no cinema (risos). Eu vi grandes filmes, embora comecei a ir tarde, mas ainda vi grandes filmes antes do cinema acabar. Eu comecei a ir tarde, normalmente as pessoas iam para o cinema ainda crianças, mas eu não ia para o cinema em criança, eu fui já crescido.

Sim por aí, sim. Mais ou menos 15/16 anos que eu comecei a ir ao cinema, escondido. Como por exemplo, eu comecei a trabalhar no carnaval, escondido. Não, muito mais cedo, muito mais cedo, eu fugia da escola e ia vê-los a trabalhar nos “andores”. Então quando o meu pai descobriu, não é descobrir, veio uma pessoa aqui em casa e disse assim: “Armando Pinheiro não está

conseguindo fazer-me um desenho, vai desenhá-lo”, então assim eu meti no carnaval, mas não era para ir aos ensaios, mas o que me atraía mais eram os ensaios e as “tralhas”, porque ali é que tinha as raparigas, então depois de trabalhar nos andores eu vinha para casa eu deixava-os dormir e saía. Eu arranjei até uma chave falsa da porta que eu entrava quando vinha, porque senão era o fim do mundo.

O que eu posso dizer-te da organização que aqui tem é uma grande desorganização, porque estou cá tipo provisório, embora o provisório que dizemos não sabe até quando, mas conforme é o trabalho, como disseste, é assim que eu organizo o espaço. Por exemplo, nesse momento aqui está entupido, não há nem espaço para colocar nada, estou já pensando em anexar mais um espaço para a varanda, para colocar mais umas coisas, porque aqui está entupido. Normalmente nessa época do carnaval é sempre assim, no ano passado também foi a mesma coisa. Portanto tem sectores para materiais, materiais mais brutos e tem sectores para os materiais mais refinados e as ferramentas também nos seus sectores, mas eu sei onde está cada coisa, embora aqui está como um navio naufragado, mas eu sei onde fica cada coisa e se faltar-me algo sei logo que ele está faltando. Quando eu tenho muito trabalho, como em alturas de carnaval, recorro ao auxílio duns rapazes que eu tenho vindo a dar-lhes algumas luzes artísticas, embora em termos de dom não sei, mas eu ando a esforçar-me, como uma rosca que vais apertando, apertando, então eu coloco-os da minha maneira, para quando precisar para requisitá-los, mas é claro que eu os pago... são pessoas de família e perto. Sim, as vezes vem filhos de pessoas amigas ou rapazes assim de 12/13 anos que por curiosidade vêm nos fins-de-semana, quando a escola lhes permite e coloco-os aqui brincando com as ferramentas porque eu não tive a possibilidade de ter ferramentas e materiais à minha disposição, quando eu fazia carros de lata e de pau era só com pedra e com pedaços de arco, eu fartei-me de pisar os dedos. Mas agora eu invisto tudo, não compro uma roupa, não vou à uma festa, eu invisto-o em ferramentas e materiais. Dou-lhes a possibilidade, mas muitos vêm dois dias, três dias, depois somem e pronto. Eu não tenho problemas de trabalhar com qualquer pessoa, desde que ela me satisfaça minimamente, desde que me satisfaça, porque sou muito exigente em termos de criações e criatividade. Desde que não junta o vulgarismo, eu sou aberto, sou democrático nesse aspecto aqui. Embora eu é que faço as minhas criações porque as pessoas deixam sempre para eu ter a última palavra, mesmo que tenham uma ideia mas sempre querem que a última palavra seja minha. Mas se me trouxerem

uma ideia totalmente delas eu sou totalmente aberto também, agora só que nesse caso nós temos outro tipo de conversa.

Teve sim, mas é como uma nuvem passageira, muitas aparecem, algumas com um determinado talento, mas não têm a devida consideração e de uma hora para outra, outra coisa lhes seduz e acabam por sair. Mas tinha uma que esteve muito tempo comigo, uns três anos, mas depois acabou por ir para a Itália, casou com um italiano, acabou por ir fazer a sua vida na Itália, mas ainda falámos ao telefone, e acabámos sempre por falar muito da arte e curiosamente ela trabalha numa loja onde vendem arte, na Itália e ela aprendeu muitas coisas graças a mim que lhe dá muita ajuda. Fazem brinquedos de madeira, brinquedos diversos e ela diz: “olha estou no meu mundo, devias estar aqui” e eu digo: “de facto eu gostaria de estar num lugar assim”, mas pronto fazer o quê?

Deixo totalmente nas mãos do capricho, se me der vontade de trabalhar, trabalho, se me der vontade de ir passear, eu vou. Embora se der a alguém a minha palavra para um trabalho eu dou-lhe em “X” prazo, mas o meu tempo eu é que o faço, eu não me organizo assim rigidamente, em termos de tempo. É a parte que eu mais aprecio nesta área artística, é a liberdade total, porque eu sempre gostei de liberdade, sou uma pessoa muito livre. Se eu não fosse livre eu tinha de o ser de qualquer forma, eu não sabia trabalhar, por isso nunca trabalhei com ninguém assim, em termos de patronato, eu sinto que não o conseguiria fazer com ninguém.

Nesse momento quem mais aprecio é a Mizá, uma artista plástica que vive na ilha de Santiago, interior de Santiago, e que tem um projecto artístico no Porto/Madeira e que também trabalha com os rabelados. Nesse momento é a artista plástica que mais aprecio em Cabo Verde, pelo seu empenho, também pela sua capacidade artística, pela sua forma de lidar com a sociedade, por isso nesse momento, ela é para mim uma daquelas figuras de proa, em termos artísticos em Cabo Verde, que devia até ter mais destaque. Bom tem várias pessoas: tem João Fortes, por exemplo, que trabalha em artes plásticas aqui em São Vicente há muitos anos, no Centro Nacional de Artesanato, que agora tem outro nome, tem Marcelino Santos que trabalha em batik e tapeçaria e que faz também alguns trabalhos de escultura e pintura, embora ele é um indivíduo muito reservado, acho que ele deveria estar mais aberto, como é muito reservado ele não aparece e as pessoas assim não são vistas.

Nesse momento tem um leque variado de artistas que estão cada um na sua área, alguns em áreas que eu nem sabia que existia e que há pouco tempo eu vi um site na internet de um festival que fazem na América, num deserto na América, em que a condição primordial que exigem é que crie algo totalmente novo, em termos de criação tens de surpreendê-los para candidatares automaticamente. Dão-te todo o material e dizem: “vai”, passas ali 1 mês, 2 meses, 3 meses, fazem como uma cidade de criações várias, todas as espécies de esculturas, esculturas que nem imaginámos que existe, uns sonhos. Eles têm ali várias personalidades que têm uns nomes estapafúrdios que as pessoas nem imaginam. As pessoas conhecem aqueles que normalmente ouvimos falar por aqui, como Leonardo da Vinci que é o precursor, mas aquelas pessoas ali, para Cabo Verde estão no anonimato, para Cabo Verde, mas são tanta gente que...tem também uma rapariga chinesa que faz trabalhos em relevo, espectaculares. Eu via os trabalhos fiquei abismado e tenho que ir explorar mais profundamente os trabalhos dela, porque desde que os trabalhos há três meses, na casa duma pessoa que é minha amiga, desde que ela mostrou-me os trabalhos daquela rapariga eu fiquei altamente surpreendido como é possível uma pessoa tão jovem, acho que ela deve ter 19/20 anos com uma capacidade tão profunda assim, a nível artístico. São as pessoas assim que eu digo: “será que devo colocar outras pessoas a frente dela, em termos de espectacularidade, de referência.

Várias vezes já fiz entrevistas em alturas de exposições de pintura, já fiz no carnaval, são tantas que já nem me lembro de muita coisa. Em termos de associação também, associação de carnaval, associação de artistas plásticos, por exemplo quando vou para a Praia dou sempre entrevistas ali, na televisão ou na rádio. Na ilha do Sal também, em São Vicente, no carnaval no Fogo, fui fazer carnaval no Fogo, teatro também, fui entrevistado pela Rádio Nova. Nesse aspecto aqui não tenho razões de queixa, porque sempre que fui entrevistado o encaminhamento dado por aquele jornalista, tanto no convite formal que ele me fez, ou no convite informal, porque normalmente parte de um convite informal para passarmos depois para o estúdio ou não, ou em casa, mas sempre com acto profissionalismo. Nesse aspecto aqui não tenho razões de nenhuma crítica que não seja crítica boa, tenho sempre bem a dizer, principalmente da televisão, porque já fiz boas entrevistas para a televisão, em termos de pintura artística. Visitam sempre o espaço, deram bom tratamento de imagens, muito bom, na rádio também, formidável, jornais também, o único reparo que posso fazer talvez seja de jornais, porque não me procuram muito, a não ser porque tenho amizade com um ou outro jornal, e através dessas amizades os jornalistas sempre aparecem, mas

normalmente os jornais não chegam perto para conhecer. Por exemplo eu trabalho em projectos de carnaval, mas nunca um jornal chegou em mim e em termos de rádio também, as vezes aproximam mais nos últimos dias, mas eu gostaria que eles aproximassem agora, por exemplo, já estamos em 20 de Janeiro, por exemplo, carnaval é no dia 8 de Março, eu gostaria da televisão vir aqui, eu não me importava. Vinham aqui faziam uma recolha e ficavam com um trabalho, depois vinham mais tarde para ver como está o trabalho, faziam de novo uma recolha e apresentavam-no depois do carnaval como um trabalho feito desde o princípio. A mesma coisa para a rádio também, porque tem muitas sugestões que eu gostaria de dar a nível de carnaval, por exemplo as Câmaras que andam organizando carnaval não o levam ao pé da letra e isso anda prejudicando muito o carnaval. Eu gostaria de falar com a comunicação social, mas eu é que tenho de ir, porque senão não fica bem.

Última exposição que eu fiz foi em 2008, não tenho feito...por motivos financeiros: primeiro porque eu sempre disse: “próxima exposição que eu fizer tem de ser algo totalmente diferente do que eu tenho apresentado”, já não quero apresentar pintura só por si, quero apresentar outros tipos de trabalho que não seja nem pintura “cruamente” ou escultura “cruamente”, quero apresentar trabalhos que surpreendam as pessoas, mas por motivos financeiros, porque fazer uma exposição em Cabo Verde, desse carácter que estou pensando, custa muito, por menos de 500 contos por exemplo, não consigo fazer essa exposição que eu pretendo fazer. E quando se trata de sobrevivência, como dizem: “outros valores se levantam”.

Tenho ido mais para a ilha de Santiago. Sempre que faço exposições vou quase obrigatoriamente à ilha de Santiago, porque tenho boas amizades ali, pessoas que me fazem o “management”, então sempre que chego ali elas dizem: “deixa para a nossa conta”. Então eu telefono-lhes: “já estou com os trabalhos já prontos para ir” e eles: “é para quando?”; “pretendo ir no mês de Abril” se for o caso e eles dizem: “ok, então já vamos começar a fazer contactos” e quando chego encontro tudo preparado, tudo alinhado, é só chegar e fazer a exposição, não tenho razões de queixa na ilha de Santiago que já fui ali uns pares de vezes. Agora a ilha do Sal já fui uma vez só, infelizmente, mas ali também não tenho razões de queixa porque da parte da Câmara

Municipal dessa ilha tive um tratamento sete estrelas, posso dizer, tratamento máximo. Em termos de organização, só telefonei-lhes e eles disseram: “traz que tomámos conta”, e de facto quando cheguei ali eles penduraram os quadros nas paredes, fizeram cartazes, fizeram tudo, divulgaram, foram nos hotéis marcaram exposições ali, levaram todos os trabalhos e colocaram ali e praticamente não fiz nada, só dei a cara, vendi todos os trabalhos e a Câmara também adquiriu os meus trabalhos. A Câmara de São Vicente, curiosamente nunca adquiriu-me um trabalho, até a propósito disso, a última exposição que eu fiz, eu tinha dito: “eu vou oferecer esse trabalho aqui à Câmara de São Vicente, na mão do Presidente. Mandeí-lhes convite e até hoje estou à espera deles, resultado levei o quadro para a Praia e ofereci-o à uma entidade.

Fiz exposições em Roterdão e em Portugal também, mas a exposição que eu gostaria de fazer, ainda não a fiz, porque para uma pessoa fazer uma exposição na Europa, custa muito principalmente em termos de transportar, porque exposição ali não é difícil porque basta contactar uma galeria, desde que seja no princípio do ano vêm o seu programa e enquadram-na, mas tem de ser de vez em quando e se tiver uma pessoa ali, como tenho muitos amigos no estrangeiro eu digo-lhes: “olha vai em tal lugar e marca-me uma exposição”. Agora transportar os materiais, uma vez por exemplo, eu mandei uns materiais para a Holanda, porque eu fui depois, na alfândega criaram-me tantos problemas com aqueles trabalhos. A pessoa que ia recebê-los na Holanda, liderava várias associações ali, então ele era o presidente da federação dessas associações e foi tomar um documento em cada uma delas, que dizia que eu estava mandando os trabalhos para cada uma delas, foi assim que os trabalhos entraram. Então eu disse que da próxima vez eu faria diferente, eu embrulho cada um deles, coloco um nome, depois envio-os todos juntos, assim eles passam, porque senão dizem que eu estou fazendo contrabando... e se eu fosse levá-los também iam custar-me os olhos da cara, por isso fui enviando-os em pessoas que os levavam. Mas agora é mais fácil, porque fazes um volume e tem as linhas do TACV que vão directo, mandas desde que seja cada volume como uma prenda, não é, assim já é mais fácil. Porque se fores levar como responsável, tens de pedir muitos documentos na embaixada, muita coisa, é complicado.

Não, normalmente são pessoas, pessoas amigas, são amizades de vários projectos. Não vou citar os seus nomes porque não tenho a autorização deles para citar os seus nomes, mas são amizades

que valem, a não ser essa entidade na ilha do Sal, que é a Câmara Municipal, os outros são pessoas amigas.

Se disser-te uma coisa não acreditas, nunca fiz um trabalho que me satisfizesse. Já fiz trabalhos que satisfiz várias pessoas, que marcaram a sua época, mas vendo retrospectivamente, ainda não fiz um trabalho que me satisfizesse. E tem alguns que eu penso na altura que os fiz e digo, se fosse agora não tinha minimamente hipóteses de fazê-los, porque cada coisa tem a sua época, a sua forma de vê-lo, assim de modo que não tenho nenhum trabalho destacável, a não ser uma vez que fui representar São Vicente, em Roterdão, no carnaval. Mas esse aqui ninguém sabe, porque fui da minha alta recriação, a Câmara de São Vicente não me apoiou minimamente, fui e representei São Vicente ali. Quando chamaram-me a frente da rainha da Holanda, à frente da Câmara Municipal, onde colocam o palanque, fulano de tal que veio representar São Vicente, uma ilha de Cabo Verde, etc, etc, Cabo Verde ficou representado, mas ninguém sabe. Foi uma das coisas que marcou-me, agora em termos de trabalho... Não, fui só para o carnaval. Já fui rei de carnaval aqui em São Vicente então fui representar ali, em Roterdam. Tinha um milhão de pessoas, porque é o summer carnaval que fazem ali no verão, tinha um milhão de pessoas na rua, mas também andei até quase ficar aleijado, devo ter andado uns 30 e tal km a pé com aquela farda vestida, mas também tinha muita gente vestida, porque tinha uns 50 e tal grupos, entre individuais e colectivos.

Por acaso já ouvi falar nessa lei, mas nunca a usei e digo mais, não acredito nela, porque muitas pessoas com quem já falei já foram tentar sempre lhes deram... não é que não seja uma lei funcionável, funciona noutros países porque não haveria de funcionar aqui? Mas a mim parece-me que é um grande embuste que criaram para apoiar uns e outros não. Eu sei que há gente aqui que tem tirado proveito da lei do mecenato, porque se fosse uma coisa mesmo real e positiva, estava sendo aplicada, porque muita gente está reclamando. Por acaso eu nunca procurei nenhuma entidade sobre isso. Há tempos passou-me uma ideia pela cabeça, eu queria oferecer uns trabalhos a uma determinada instituição, não vou dizer qual instituição nesse momento, porque não vale a pena. Fui para uma empresa, que tira lucros directamente dessa outra instituição, depois digo-te em off é qual. Fui lá e disseram-me: “Não apoiamos esses tipos de coisas”, eu disse: “porquê? É uma coisa para o bem da sociedade, até vocês podem tirar proveito

dele”, disseram: “Não”, eu disse: “e lei do mecenato?”, disseram: “não, lei do mecenato é outra história”, eu disse: “outra história como?”, “não, lei do mecenato é preciso isso, é preciso aquele outro, temos saído prejudicados por causa da lei do mecenato”, eu disse: “então algo vai mal”. Em termos dessa suposta lei, eu não acredito nela, e é essa a conclusão que eu tiro.

É fácil, basta vir em Cruz João Évora, perguntar por mim e toda a gente dá conta de mim. Sou a única pessoa em Cruz que trabalha no carnaval, em termos de projectos. É só chegar em Cruz e qualquer pessoa dá conta de mim, mesmo no meio da cidade também nos pontos, por exemplo no Centro Cultural do Mindelo, na Casa Senador Vera Cruz, em qualquer ponto cultural, qualquer pessoa diz: “Vai em Cruz e o encontras”. Muitas vezes, as coisas foram passadas de pessoa para pessoa. Uma pessoa vai na casa de outra vê um trabalho, diz: “quem fez esse trabalho?”, a outra diz: “fulano tal ou sicrano tal, cá está o seu número para lhe ligares”, porque eu recebo as vezes vários telefonemas nesses assuntos aqui, então é mais por telefone que faço o contacto com essas pessoas, depois de contactarem-me.

De forma formal não, mas muitas vezes os professores da área contactam-me para aparecer nas suas aulas e fazer uma certa dissertação sobre qualquer tema na vertente artística, mas são os professores que me contactam, agora a instituição em si, por exemplo a Escola Jorge Barbosa, através do seu director que muitas vezes me tem abordado nesse aspecto aqui, eu é que não tenho tido tempo de, deixa-me dizer, satisfazê-lo, porque tempo é um pouco limitado. Por exemplo, na Boavista, várias escolas primárias já dei aos alunos algum conhecimento básico sobre cores, noção de cores e traço também. Em São Vicente ainda não fiz muito, mas talvez esse ano sou capaz de vir fazer qualquer coisa. Sim, sim, com os professores, é uma coisa informal. Não, não, infelizmente não é a nível de uma instituição, porque devia ter um currículo escolar com qualquer coisa ligada a esse propósito, contactar pessoas da área, que têm experiência, porque ganha-se experiência com muitos anos, não se ganha com livros, ganha-se com calos, cria-se calos usando sapatos, como dizem: “cachimbo é que faz a boca torta”. Devia ter qualquer coisa sobre isso, não digo para pagarem, embora o Estado tem dinheiro para pagar outras coisas, porque não haveria de pagar pessoas que trabalham na arte? Ou então teria outra forma de

compensar também e todo o mundo sairia a ganhar, porque criaria um público consumidor e crítico também, as pessoas não ficariam com a mente obtusa, apercebendo só de outras coisas que não têm um valor intrínseco nem nada, porque já está mais do que na hora das autoridades pensarem que um povo tem de ser educado pela cultura, pela arte também. Em São Vicente não, é como dizem: “ninguém é profeta na sua terra”, não sei porquê, mas em São Vicente não faço coisas que deviam ser normal eu fazer. Mas no Fogo, Boavista e Sal, já dei muitas formações, por exemplo no Fogo já dei formações de teatro, já dei formações de pintura no Sal e na Boavista também e vou brevemente para a Boavista dar outra formação, agora a nível de teatro também.

O que eu podia, não directamente ligada a mim, mas ligada mais para São Vicente e a sua política cultural. Porque cada um puxa para o seu lado, cultura, cultura, cultura, cultura, mas por exemplo, chega uma pessoa de fora que nunca esteve em Cabo Verde, um turista por exemplo da Europa, e quer alguma coisa sobre Cabo Verde, ou um grupo de turistas, normalmente não vêm com muito dinheiro disponível que para comprar. E o que compram são coisas vindas da África, o que os cidadãos da Costa Ocidental da África vende, e essas pessoas vendem sem uma devida licença, por exemplo. Eu não me desloco daqui para ir colocar uns quadros vendendo no centro da Roma por exemplo, trancavam-me dentro da cadeia e mandavam-me no dia seguinte, se não fosse no mesmo dia, mas as autoridades não veem essas coisas aqui, andam a sufocar o poder criativo e o poder de sobrevivência de quem está aqui, dando sangue e que paga impostos. Essas pessoas chegam depois vão-se embora e não deixam nada aqui, mas é um dos aspectos que devia ser visto e ninguém está a vê-lo. Outro aspecto também, são os lugares culturais, espaços culturais, fala-se que São Vicente é uma ilha do carnaval, novamente carnaval, mas se uma pessoa vier, por exemplo, no mês de Março, no mês de Maio e disser: “ah aqui é uma ilha do carnaval, quero ver qualquer coisa sobre o carnaval”, não vê nada, não há nenhum lugar que ele vai e vê as coisas ali expostas, vê fotografia, vê videos, quer vê-los projectados, não vê artesãos trabalhando ali, costurando, não vê ninguém ali soldando, não tem nada, nada, nada sobre isso, mas não é falta de dizê-los, não é falta de bater nessa tecla, mas não fazem nada sobre esse aspecto aqui. A nível de audiovisuais também, alguém quer ver alguma coisa sobre São Vicente, carnaval novamente, quero ver filmagens de carnaval, todo o seu percurso, como é feito em São Vicente, não tem. Não tem cinema, não tem uma política para incentivar as pessoas a fazer esse

trabalho, a fazer essas recolhas, gravar DVD's, para vender quando as pessoas vierem ou para por na internet ou sabe lá como. Mas pelo menos para ter aquele produto, mas não tem nada disso e se for levar uma proposta sobre isso para qualquer entidade, dizem: "ok, deixa o teu número na secretaria, depois entramos em contacto", no dia que fores ali dizem: "o que é que tu queres?", não é sobre a resposta, "não fulano de tal não está aqui, não sobre o assunto disseram depois será visto..." entra ano sai ano, é sempre a mesma história e assim vamos andando para a frente. Basicamente é isso que eu vejo com muita mágoa, que não deixam São Vicente ser pretensamente uma ilha cultural, capital de cultura, mas de cultura tem só nome, não tem nada. Por exemplo, festa de São João, as festas que chamam juninas, eu via-o numa outra forma, que não é ir só no dia de São João, por as coisas, colocar as moreias fritando, as pessoas com tambor dum dum dum, as pessoas colando no meio daquela poeira depois vir para a cidade. Não eu via-o uma coisa turística, mas não era feita assim, eu via-o uma coisa refinada, mas eu gostaria de vê-lo um produto mesmo consumível em qualquer parte do mundo. Qualquer pessoa que chegasse para consumi-lo, como São João, fazem-no no Porto e é uma grande actividade cultural que mete muito dinheiro ali. Santo António em Lisboa também, fazem grandes desfiles nessa época e essa festa nem é dali, aliás Santo António nem era português, então porque nós não o fazemos, ficamos sempre no sistema arcaico e vai estragando, estragando até descaracterizar totalmente.

Joana Pinto

Joana Baptista Delgado Santos Pinto. Nasceu na ilha Santo Antão, concelho de Porto Novo, 28 de Julho de 1957, na localidade Ribeira das Patas. Filha de Joaquim Leite Santos e Maria Francisca Delgado. Vinte e um irmãos. Somos cinco. Eu, meu marido e três filhos. Temos uma filha e dois filhos.

Tive vinte e um irmãos, só que um já faleceu e somos vinte neste momento. Tenho dezanove irmãos... espera. São tantos irmãos que uma esquece. Três irmãos só de mãe, mais vinte e um, tinha vinte e quatro, portanto faleceram dois. Tenho vinte e um irmãos, vinte e dois com a minha pessoa incluída. Neste momento somos vinte e dois irmãos.

O primeiro é o Pedro Santos, Georgina Santos, Jorge Santos, Noé Santos, Benvinda Santos, Noémia Santos, Daniel Santos, Francisca Santos, Arlinda Santos, Arlindo Santos já faleceu, Filomena Santos, Margarida Santos, Dilva Santos, Ângela Santos, Gracinda Santos, António Santos, Nilton Santos, Júlio Santos, somos duas Joanas Santos, João Santos. Acho que já disse tudo. Não sei se falhou algum, ah não tem mais. Tem o Ceríco, tem o João Damata e o outro João que já faleceu.

Pois, eram tantos filhos, como costume gozar, já não tinham nomes para colocar e começaram a repetir nomes.

Arlinda é professora, o João é veterinário, que tem uma loja de *pet-shop*. Pedro Santos é o dono do Mário Mimoso e do Mini-Santos em Monte Sossego e outro posto de venda perto do Liceu Novo. E pronto, vários são professores, outros tantos emigrados. Tem na Florida, tem na Holanda.

Vim de Santo Antão. Fiz o ensino primário aqui em São Vicente, iniciei em Santo Antão e continuei em São Vicente. Viajávamos para Santo Antão todos os anos, durante as férias. Quando iniciava as aulas regressávamos para São Vicente. Tínhamos duas casas. Estudei aqui no Liceu, quando estava no quarto ano... pronto esta estória que se costuma dizer que o bichinho nasce com a gente, a vocação, tinha atracção mais para as coisas artísticas. Então nessa altura

vivia com a minha cunhada que era professora no Centro Nacional de Artesanato, Clementina, mulher do Pedro, que era professora na Escola Técnica e neste momento se encontra reformada. Então Clementina sempre dizia, "Acho que tens de mudar de Liceu para escola Técnica, porque é essa a tua vocação, Liceu não te diz muita coisa". Porque Liceu tiravas o sétimo e ficas no ar. E lá tinha o curso de Formação Feminina e quem tivesse vocação artística podia desenvolver alguma coisa. Mas isso não aconteceu porque o tempo foi andando, estudava eu quarto ano, continuava a atracção, sempre com Clementina, e iniciou na altura a Cooperativa Resistência. Clementina, Manuel Figueira, Luísa e Bela iniciaram o trabalho na Cooperativa Resistência aí nesse alto onde o Tito trabalha neste momento. Comecei a ir juntamente com Clementina, mais como curiosidade. As tantas, era aquilo que gostava, as tantas meti naquilo, abandonei a escola, foi um grande erro que fiz, abandonar a escola.

No quarto ano. No quarto de liceu acabei por ficar só na Cooperativa Resistência, que ainda não era Centro. Então em setenta e oito, dezembro de setenta e oito, já não queria continuar a estudar, concorri para professora fui nomeada para Santo Antão, Manta Velha, zona da Garça. Já tinha inclusive as malas prontas, ia seguir viagem para Santo Antão com o peso de que largava algo que gostava, arte, onde me encontrava. Mas na altura Manuel Figueira era chefe da Cooperativa Resistência e mais tarde Director do Centro de Artesanato. Havia entrado na Cooperativa em setenta e sete, mais tarde a cooperativa transformou-se no Centro Nacional de Artesanato, que esteve ligado creio que a Ministério de Turismo, pois o Centro passou por vários ministérios. A cooperativa ficou ligada ao estado com o nome de Centro Nacional de Artesanato. Isso já no princípio de setenta e oito.

Já não lembro, mas devia estar pelos dezoito-dezanove anos. Então Manuel Figueira, ficou preocupado porque lhe disse que ia sair, que havia concorrido e que me encontrava nomeada para professor. Aliás antes disso, concorri para professor e meti papéis para entrar no quadro do Centro Nacional de Artesanato. Só que esta nomeação demorava para sair e concorri para professor. Manuel Figueira ligou para Praia, Osvaldo Sequeira era Secretário de Estado da Cultura ou de Turismo já não sei, e disse-lhe que iam perder um grande elemento e que não iam encontrar outro. Ninguém é insubstituível, mas que teriam dificuldades em encontrar alguém com vocação, que fazia as coisas por gosto, que havia aprendido tanto. Não desejavam me perder mas, isso ia acontecer porque ia para Santo Antão nomeada como professor e a outra nomeação

demorava em sair. Osvaldo Sequeira disse, "diga-lhe que não vá para professor porque nós assumimos, nós responsabilizamos. Trataremos disso o mais urgente possível, para que esta nomeação saia rápido. Ela pode desistir de professor que garantimos a sua estadia no Centro, a sua nomeação". Tiraram-me então um peso de consciência, desisti e não fui para professor, e não digo que arrependi, mantive no Centro de Artesanato, tempos depois a minha nomeação saiu, e pronto seguimos andando. Mudamos de seguida aqui para Praça. Todo o grupo, era um grupo muito coeso, como se de uma família se tratasse. Aquilo não era uma local de trabalho como outro qualquer. Havia os mais velhos, era como um grupo de pais e filhos, uma convivência, algo extraordinário que não aconteceu noutra lugar. Mas pronto, Manuel Figueira lutou bastante para que tivesse um quadro especial para artistas. Por todos os Ministérios pelos quais passamos manteve essa luta. Isso desmotivou a mim e a outros colegas, que assim como eu haviam abandonado o Liceu, para continuar a estudar no Centro, porque ali tínhamos feito a nossa formação artística. Todas as quartas tínhamos aulas de desenho. Saíamos para vários sítios para recolha de motivos. Íamos ao cais acostável, a Casa de Criança, ali havia horários mesmo. Tínhamos aulas de desenho, aulas de panaria cabo-verdiana, fizemos ainda formação nas áreas de batik, tingidura e tapeçaria. Saíamos para fora para fazer exposições e tudo enquanto. Houve conversas, até certa altura alguém disse, um ministro, "esses meninos já têm formação suficiente e não vejo necessidade de saírem para fazer formação fora", já que Manuel andava a tentar que fizéssemos formação fora, mas não viam necessidade, devido as necessidades do Centro e ao quadro de artistas que havia, não viam necessidade de sairmos para fora. Mas essas coisas são erradas, porque acho que éramos nessa altura tão jovens, deviam nos ter motivado porque "escola" é sempre bom. Podes saber fazer de tudo, aparece alguém com diploma e ficas para trás. Então larguei escola nesta altura e fiquei apenas a trabalhar no Centro Nacional de Artesanato.

Isso tudo no quarto ano. Mas depois houve mudanças no Centro, uma boa parte do grupo saiu, mudança do director, mudança de gestão. E pronto, nessa altura então resolvi ainda tentar o estudo. Regressei para o liceu, já nocturno, onde fiz o "sétimo ano antigo", ainda não havia o décimo segundo, inclusive do "sétimo" ficou a faltar-me Latim e Inglês. Porque fui primeiro para área do quinto grupo que era o mais difícil onde havia Matemática, Física, Química, porque se quisesse fazer algum curso na minha área teria de ter Desenho obrigatório, e o único grupo onde havia Desenho era o quinto grupo. Estudei-o um ano, fui para exame, fiz algumas disciplinas reprovei noutras e no ano seguinte mudei de grupo, porque vi que Matemática e Física iria me

atormentar um bocado, preferi então mudar de grupo, consegui fazer o meu sétimo e como referi antes ficou a faltar-me algumas disciplinas. Depois com toda reviravolta que se deu então no Centro Nacional de Artesanato, começamos a ouvir conversas que o Centro iria ser extinto. Aquilo foi desmotivando as pessoas de tal maneira, um lugar que ajudamos a criar e a construir, com tantas dificuldades, com tudo que a gente tinha passado, tínhamos já ultrapassado várias barreiras, quando as coisas estavam armadas para caminhar, uma pessoa começa a ouvir falar na extinção. Aquilo tudo nos desmotivou a todos. Errei porque deveria ter ido para universidade naquela altura. Mas também tem uma coisa, tem altura que você é obrigado a fazer escolhas, entre estudar, não havia universidade de noite, teria de ser de dia, não poderia largar trabalho para ir estudar de dia, estás a ver. E dinheiro fazia-me falta, tenho três filhos e dei-lhes prioridade, nessa altura fiz uma escolha: ou mim ou os meus filhos. Porque se fosse fazer curso na universidade, dinheiro diminuía em casa, o que deixava falta aos meus filhos. Então considerei que a minha vida estaria um bocado andado, agora queria fazer a deles andar. Então não fui nada fazer curso e continuei a lutar por dinheiro. A trabalhar por dinheiro, mas graças a deus não me sinto arrependida de nada que fiz, tenho três filhos, dois deles se encontram formados já a trabalhar, o terceiro anda a estudar o terceiro ano do curso no Brasil neste momento, e pronto.

É como lhe disse, depois o Centro veio a extinguir realmente. Extinguiu-se aí é que foi o pior. Depois de vinte e dois anos de quadro, já estarás com ideia de caminhar para a reforma. Depois de vinte e dois anos de quadro no Ministério da Cultura, já te consideras estável, não é? No princípio é que é mais instável, na altura que comesças a pensar na estabilidade e a pensar um dia na reforma, de repente Centro foi extinto. Aí ficas desorientado. Disse o que é que eu vou fazer sem trabalho, e nunca estive sem trabalho, comecei tão cedo, meti nesta área tão cedo, tão jovem, que isto faz parte da minha vida. Desorientei-me, estive um mês e tal, ali fechou tudo em Dezembro, saímos...

Ano dois mil, comecei este ateliê em Março de dois mil e um. Procurei um espaço, não encontrava espaço, pedi e fartei de pedir ao longo desses anos esses Ministérios, para ver se o espaço na parte trás do Centro, que estive durante todo esses anos desocupado, nunca tive respostas, nunca deram resposta, então neste lugarzinho que coloquei meu ateliê e até essa estou aqui.

A escola primária foi começada em Santo Antão. Comecei escola primária até a terceira classe em Santo Antão, já quarta classe vim estudar em São Vicente, reprovei, meu pai levou-me volta para Santo Antão, fiz quarta classe em Santo Antão, e depois vim iniciar o primeiro ano aqui em São Vicente outra vez.

Tenho aquelas lembranças de princípio de escola que nunca se apagam, pronto minha professora era D. Isabel Jardim.

Familiar do meu pai também, minha tia, lá em Ribeira das Patas, aquele tempo, com as condições desse tempo, que nem carteira direito para todos os alunos tinha, e pronto, as recordações são boas, não tenho nenhuma mágoa, nem ressentimentos nenhuns... depois estudei quarta classe na escola Camões e fui fazê-lo no ano seguinte em Santo Antão.

Ali no Centro de Artesanato, aquilo era uma formação de uma forma organizado até certo ponto porque tinha horários, tinha aulas estruturadas, como disse tinha aulas de desenho, aulas de panaria cabo-verdiana, lembro-me de nós a estudar Bauhaus, num livro que Manuel Figueira traduziu, e ele é que dava a aula, as vezes Clementina ou Bela dava batik, etc. Então foram estudos de uma formação intensiva, durante os anos que aí estivemos, embora depois como funcionário, era uma constante formação, de uma forma diria, mais ou menos empírico digamos, porque recebemos tantos anos de formação, formação, formação, mas naquele tempo não havia formação profissional em Cabo Verde, e não havia outro lugar com essa tradição, era só ai que haviam começado este sistema de formação profissional. Num certo momento, Manuel Figueira esteve a tratar de uma equivalência, de um diploma, não-sei-quê... mas o Centro ficava a dar num Ministério, a dar noutro, imagine que até no Ministério de Defesa estivemos. Dava num Ministério dava noutro, foi andando, foi andado, até que o Centro foi extinto, ficamos sem uma equivalência, sem um diploma, depois de tantos anos. Porque eles eram professores, a categoria deles era de professor de mesma categoria de professores do estado, e quem eram os alunos éramos nós, eu, o João, Marcelino, e outros que vieram. Porque tinha Manuel Figueira, Luísa e Bela e Clementina que foram a primeira geração, depois tinha eu, Marcelino e João que eram da segunda geração, e outros que foram entrando e foram formando outras gerações, de alunos que iam entrando. Se iam formando, é porque eram professores e claro, nós é que éramos alunos. Mas éramos alunos e funcionários simultaneamente, estás a ver, fazíamos aquilo em simultâneo. Hoje, é diferente. Qualquer formaçozinha que faças, a primeira coisa que preparam é um

diploma. Enquanto nós, passámos por uma formação de anos e com uma disciplina muito rígida. Com o Manuel Figueira, era quase que um quartel.

Fiz uma visita de estudo ao Brasil, a convite da Morabi, há alguns anos atrás. Fiz algumas formações de curta duração, na Sebrae, de criação e gestão de empresas. Também estive em Moçambique, em formação, também sobre gestão de pequenos negócios. Se bem que foram formações direccionadas a pessoas com menos formação académica do que eu. Mas sempre procurei colocar estes conhecimentos em prática no meu trabalho. Sempre geri o meu ateliê, caso contrário não o teria mantido estes anos todos, com um trabalhador e toda a responsabilidade do aluguer do espaço. Frequentei também algumas acções de formação aqui em Cabo Verde.

Tenho saído só de férias ou a trabalho. Já estive na Áustria, por exemplo, fazer uma exposição e participar em workshops. Mas, vivi sempre em Cabo Verde, isto é, em São Vicente. Mesmo Santo Antão, só vou de férias.

Aqui no Ateliê de Arte Joana Pinto, faço pintura, tapeçaria e batik, sendo que a pintura é a principal porque as outras derivam da pintura. A criatividade inicia-se na pintura, para depois se desenvolver a tapeçaria, batik, teares tradicionais e, dos materiais, uso fibras de vários tipos que mando vir de fora.

Quanto ao batik, as fibras por exemplo, quando o Centro foi extinto, o material que ficou eu comprei-o quase todo. E como aqui a produção não é grande, ainda uso esse material que eu comprei, até hoje. É que não há grande produção. Não há poder de compra e nem tenho o número de trabalhadores que permita uma produção em série, porque aqui no ateliê nós damos valor à qualidade, rejo-me pela qualidade. Nós não corremos atrás da quantidade, embora saiba que deve haver um equilíbrio entre as duas coisas. De maneira que ainda vou usando esse material. Sempre que sinto falta de algum material, encomendo de fora. Quando viajo, também procuro trazer.

Fiz mais colectivas do que individuais. Porque organizar uma exposição individual, implica produzir e guardar peças por meses, um ano. E eu não me posso dar ao luxo de o fazer, de parar de vender. Como pagar as contas, os impostos? Eu não saio á procura de patrocínios, porque posso não encontrar. E não paro de vender para expor, porque tenho responsabilidades todos os meses, com renda, salário, importação de materiais, impostos para pagar. É por isso que tenho

feito poucas exposições individuais. Sei que são importantes, porque projectam o nome do artista. Não posso produzir e ficar sem mostrar o meu trabalho, porque assim ninguém sabe o que estou a fazer.

Mas isso tem acontecido comigo. Nunca pedi apoio a ninguém. Sou eu quem financio os meus próprios trabalhos e exposições. Às vezes, e já o disse ao meu funcionário, quando não vendo, tiro dinheiro do orçamento da minha casa e pago a renda do ateliê. Eu não vivo totalmente da minha arte. Faço outras coisas. Tenho minha casa, minha família, minha vida está organizada. E tento conciliar as duas coisas. Se falta dinheiro aqui, tiro de lá e meto aqui, é assim que eu faço. Nunca pedi nada a ninguém, porque não gosto de pedir nem ao Governo e nem a ninguém. Se me compram um quadro, considero-o um apoio. Mas, pedir dinheiro e recebê-lo do Estado, para mim não é apoio nenhum.

Quando faço uma obra, o que me influencia é o quotidiano do cabo-verdiano, mais São Vicente, por viver aqui. É Cabo Verde, de uma forma geral, mas São Vicente tem maior peso por ser a ilha da minha residência. É o natural, o cais acostável, o mercado de peixe, a casa da criança, há todos aqueles locais estratégicos onde vou buscar elementos para fazer o meu trabalho.

Então, todas as minhas obras têm o seu projecto e a maquete. Primeiro, faço o estudo, tal como fazia no Centro Nacional de Artesanato. Aliás, mantive a metodologia que aprendi no Centro. Lá, por exemplo, as saídas para o terreno eram às quartas-feiras, para vários locais, conforme o plano de acção mensal e anual. Às vezes, saíamos para recolher material, depois de recolher motivos naturais na rua, eram levados para o Centro, onde eram organizados, tratados e pintados. E eu mantenho este hábito de assim tratar os temas. Só que não saio muito para o terreno, porque trabalho sozinha e não disponho de muito tempo para o fazer. Quando se tem uma equipa, é diferente. Eu tive dificuldades, quando abri este ateliê sozinha, porque fui educada para trabalhar em equipa. E no Centro, éramos um grupo coeso. Para um artista, o trabalho torna-se mais fácil, em todos os aspectos, quando se produz em equipa, porque trocamos impressões, aprendemos a todo o momento com os outros. Lembro que, por diversas vezes, o Manuel Figueira ia ao local de trabalho dos alunos, eu ou outro colega, e dizia “vim aprender convosco”. Era um aprendizado constante, entre nós todos. De repente, passo a trabalhar sozinha. A princípio, custa.

Mas graças a Deus, consegui chegar até aqui, fazendo o que eu faço. E não é para me gabar, mas depois da extinção do Centro, consegui fazer trazer para este pequeno ateliê uma miniatura do que fazíamos no Centro de Artesanato. O Centro fechou e não havia outro espaço que os turistas pudessem visitar em São Vicente. Então, em todos estes anos, recebi aqui turistas de manhã á noite. Paro de trabalhar, recebo-os, respondo às perguntas, ficam aqui durante horas a fio. E nem sempre compram. Embora, a compra em si não seja meu único interesse. Quem compra também divulga o meu trabalho e isso é importante para mim. Os elogios que recebo dos turistas, alguns pessoas entendidas em arte, acabam sempre por dissipar as dúvidas, se é que alguma vez as tive, sobre o valor do meu trabalho para mim. Então, durante anos, era aqui que vinham os turistas. O Museu de Arte abriu há pouco tempo. Então, era aqui no meu espaço, que vinham, conhecer um tear tradicional, eu mostro-lhes um pano tradicional e explico como é tecido o nosso pano-de-terra. E saem daqui com um encanto, uma alegria no rosto e mostram-me uma felicidade por terem conseguido dar com este ateliê. É que para muitos passa despercebido, porque está mal localizado. É perto da Praça, mas às vezes os turistas andam às voltas até chegar aqui. Por isso, acabei por fazer cartazes, que foram de grande ajuda na divulgação. Há dias, um casal dizia-me que se perderam antes de conseguir cá chegar. Mas os cartazes ajudam a localizar o ateliê. Então, tenho consciência que fiz um bom trabalho para mim, para São Vicente, para Cabo Verde.

Como te disse, não produzo em grande quantidade. Somos apenas dois a produzir no ateliê. Anteriormente, meu ateliê era dos poucos espaços de produção em São Vicente. O Manuel (Figueira) e a Luísa (Queirós), por exemplo, têm ateliês, mas há muito deixaram de produzir tapeçarias. Bela (Duarte) também produzia, ma esteve doente... então, como não produzo em grande quantidade, vendo directamente aqui. Antes, Dona Rosália Vasconcelos, comprava meus trabalhos para vender em sua loja. Há outros locais também... como no espaço de Dona Zenaida no mercado municipal.

Ela não compra, ela coloca em seu espaço e vende. Temos uma forma especial de negociação. Porque se ela vende mais caro que eu, ninguém compra, valerá mais a pena comprar directamente aqui. Eu não quero isso, quero é que vendam também. Às vezes também reclamam

que vendo a mesmo preço que nas outras lojas, que eu deveria vender mais barato. Mas, não concordo. Se eu lhe fizer concorrência, não vendem. Essas lojas estão localizadas em pontos estratégicos, interessa-me ter minhas peças lá. Mesmo que eu não ganhe muito, mas estão melhor situadas do que meu ateliê, as pessoas vêem o meu trabalho e, depois, vêm ter comigo. Mesmo que não ganhe dinheiro, directamente, ganho em publicidade. Eu tive também uma pessoa que me apoiou muito, numa loja no *Free Shop* do Sal, onde colocava muitas peças, sobretudo as de pequena dimensão, tapeçarias e batiks, fizemos negócio durante alguns anos mas, aquele aeroporto do Sal foi um bocado abaixo, depois da abertura dos aeroportos internacionais noutras ilhas. Essa loja, acho, acabou até por fechar as portas. Então, as coisas têm-se tornado mais difíceis, mas é assim que agora vendo aqui no ateliê. Tantos anos de trabalho e a qualidade do que faço, as pessoas procuram-me, compram, divulgam. De maneira que, a toda hora, tenho gente a entrar aqui. É gente que vive no estrangeiro, quando chegam os parente e familiares falam-lhes de mim, e procuram-me. E é assim que, após esses anos todos, tenho conseguido trabalhar.

Todo o tipo e qualidade de pessoa. De todos os que compram, são turistas, pessoas com certa formação, todos compram. Os nacionais também compram. Mesmo, pronto, entidades para fazer oferta, também pessoas singulares, às vezes precisam comprar um presente. Mas não tenho tido muitas razões de queixa até esta. Não produzo muito, mas o que faço, não fica guardado. Embora, neste momento, as coisas estejam muito difíceis. É esta crise. Estou a senti-la na pele, de forma considerável. Está mau. Se as coisas não mudarem, nem sei.

Participei nas duas primeiras reuniões da Associação dos Artistas Plásticos que fizeram, no início. Paguei algumas cotas. Só que depois ficaram de vir cá, para receber as cotas, mas acho que não estavam bem organizados, porque não têm vindo cá ultimamente. Disseram que iam recomeçar a colecta de cotas, mas ainda não vieram, não comunicaram nada. À última reunião em que participei... também, eles têm o seu trabalho... eu sai daqui directamente para lá... às vezes, saio daqui às seis e meia, já muito cansada, o corpo a pedir descanso, mas sai daqui e fui para lá às seis e meia, porque a reunião estava marcada para as sete. Ainda às oito horas, um ou

outro membro tinha chegado, muita gente estava atrasada, e eu gosto das coisas bem organizadas. Se é, se não é, não é. E, pronto, lá em Fonte Francês, onde ia acontecer a reunião... pronto, eu disse que sempre que houvesse reunião, que me convocassem... ah, e logo no principio, queriam dar-me o cargo de tesoureira, para cuidar das contas da Associação, mas não aceitei, porque só assumo quando tenho a certeza de que posso cumprir. Não gosto de enrascar a ninguém. Porque, a partir do momento em que assumo o cargo, passa a ser uma responsabilidade. Disse-lhes que convidassem outra pessoa. Depois disso, não me convocaram para mais nenhuma outra reunião, não sei o que se passa, se estão parados ou não. Se é por isso que não têm vindo receber as cotas.

Faço tudo ao mesmo tempo. Às vezes, paro para fazer o trabalho de criação, para não repetição das peças. Há dias, estava a fazer este trabalho de criação, que é aquela peça que aí está, o carnaval, pode-se ver o Palácio do Governo na maquete, o desfile de carnaval em frente ao Palácio. É recente, uma criatividade recente. Agora, há pouco, encontrava-me a trabalhar num batik, estava a dar acabamento a uma peça, porque o batik é um trabalho de várias fases, desde a criação, confecção, acabamento. Termino o batik, venho sentar-me ao tear, que já está montado.

Pode até surgir de repente, mas agora não há. Porque expor implica armazenar trabalhos, embora tenha aqui trabalhos em número suficiente para expor, mas... outra razão para não fazer muitas exposições programadas é que aqui no ateliê, estou permanentemente em exposição. Termino uma obra e penduro na parede. Recebo visitas diariamente, de turistas, alguns nacionais, e tudo. Então, considero-me em exposição permanente desde que abri este espaço. É por isso que não sinto tanta necessidade de fazer exposições programadas. É assim, que exponho aqui, os compradores vêm ter comigo, comprando ou não, saem daqui felizes. Também já me fizeram várias reportagens. O Rui Simões, esteve cá, também esteve cá o Francisco Manso, o português. E vários outros. Vêm cá, pedem-me entrevistas e tudo enquanto. Tenho procurado estar sempre disponível, na medida dos possíveis.

Já fiz tanta coisa em minha vida. Sinto-me um pouco cansada. Já fiz tanto, já corri tanto pela cultura cabo-verdiana! Já sofri... certa vez, fui a uma exposição em Portugal, eu e um colega da Praia. Era o delegado na Praia, porque o Centro Nacional de Artesanato tinha uma delegação na Praia. Era o único serviço que tinha sede em São Vicente. Então, fomos fazer a exposição em Portugal, eu de São Vicente e o delegado do Centro na Praia. Uma exposição-venda. O Centro comprava trabalhos de vários artesãos, em coco, bambu, renda, bordado, chifre, cerâmica, e vendia na loja. O Centro deu trabalho a muita gente, a quem comprávamos os trabalhos para colocar na loja. Os presos da cadeia de Ribeirinha viviam daquilo que ganhassem através das vendas no Centro. Quem soubesse produzir algo, tratava de o fazer. Lembro-me de uma senhora, de Ribeirinha, que fazia bonecas de pano. Já era um sustento, porque podia vender no Centro. Havia dias certos para comprar os trabalhos. Os reclusos vinham, acompanhados, com as suas peças, e nós escolhíamos as que seriam adquiridas, pela sua qualidade. Também dávamos conselhos sobre como poderiam melhorar o seu trabalho. E nós colocávamos esses trabalhos na loja com um acréscimo de dez por cento sobre o preço de aquisição. Então, fui à exposição, em Portugal, e levámos esse material da loja para vender lá.

Surgiu normalmente, é o meu primeiro nome e o último sobrenome.

Por acaso, não há nenhum motivo especial. Foi simplesmente porque não se assina uma obra de arte com o nome completo, então optei pelo meu nome e o último sobrenome.

Este sobrenome é do meu marido. Alguns irmãos chamaram-me atenção para este facto: porque Pinto e não Santos, o sobrenome da minha família. Pronto, quando escolhi Pinto, fi-lo sem intenção nenhuma. Às vezes, as coisas começam de uma maneira e acabam de outra. Quando familiares questionaram a minha opção, fiquei até chocada por ter cometido alguma injustiça. Porque meu irmão chegou a questionar-me “quem te deu estudo, foi o nosso pai, porque não usas o seu nome”. Mas foi tão simplesmente algo natural, o meu nome e o último sobrenome, não podia usar o meu nome completo, que é longo. Agora, é um caminho sem volta. Mesmo que o quisesse mudar, é impossível, por causa de todas as pessoas lá fora e aqui no país que adquiriram as minhas obras, se mudasse de nome, poderiam criar uma confusão, iam questionar se há duas artistas, Joana Pinto e Joana Santos.

Não, acho que ele não teria muito direito nessa matéria. Só que é um caminho sem volta. Meu nome já é muito conhecido, dentro e fora do país, uma mudança iria criar dúvidas. Para ele acho que ficou contente e orgulhoso.

Eu tive sempre uma infância feliz, tenho uma família muito unida e coesa. Inclusive, a minha família é uma referência, porque meu pai desempenhou um papel pouco usual para um pai neste mundo. Conseguiu criar os 21 filhos, todos juntos, com ele. Ele teve sempre uma grande preocupação em dar-nos escola. Naquela altura, a emigração ainda dava muito resultado, mas primeiro os seus filhos tinham que ir para a escola. Quando via que um filho não queria estudar, procurava sempre dar-lhe outro rumo. E era a emigração. Por isso é que eu tenho muitos irmãos emigrantes, porque ou era escola ou era emigração. Meu pai foi um pai lutador, criou 21 filhos, preocupado com a educação e com o trabalho. Somos filhos de quatro mães, mas ele conseguiu gerir a sua vida de tal forma que todos os filhos tiveram escola ou trabalho na emigração para construir o futuro melhor. Posso dizer que a actuação dele foi positivo.

Joaquim Leite Santos, Quim Santos de Ribeira das Patas como toda gente o conhece. Maria Francisca Delgado, ambos falecidos.

Vinte e um filhos. O meu pai adoptou um sistema onde atribuía poderes aos mais velhos. Vejo muitos dos meus irmãos mais velhos como um pai, porque ajudaram o meu pai tanto na nossa educação e financeiramente, quando um deles emigrava ajudava os que se encontravam ainda a estudar.

Sempre tive vocação. Gostava de actividades criativas, de fazer com as mãos, de renda e costura. Tinha vocação para área artística. Mas depois fui para o liceu, não havia ali nenhuma área próxima. Devia ter ido para Escola Técnica que tinha Formação Feminina, assim dizia minha cunhada, o que ela via realmente como minha vocação. No quarto do liceu apaixonei mais por isto. Nesta altura morava com essa minha cunhada Clementina, que era professora formada na arte dos tecidos, na Cooperativa Resistência. Foi através dela que comecei a frequentar a

Cooperativa Resistência, apenas para ver. Andava ela a preparar uma exposição, ofereci para apoiar, às tantas quando dei por mi tinha largado escola. Foi um erro gravíssimo que cometi...

Minha irmã mais velha era profissional de costura. Mas desde pequena quando brincávamos eu era a costureira e costurava roupas das nossas bonecas. Como estou a dizer, isto já vem de longa data. Com o empurrãozinho de ter morado com a minha cunhada que era professora na arte dos tecidos e uma pessoa muito criativa.

Como disse tinha horário, tinha regras. o Sr. Manuel Figueira era o director e professor, as professoras eram Clementina, minha cunhada, Luísa Queirós, Bela Duarte. Tinha dias mesmo de Desenho Livre, em que saímos para fora, caís acusável, mercado de peixe, para recolha de motivos. Depois havia dias para compor e fazer estudos de cores. Era bem organizado. Com várias vertentes, formação, produção, divulgação, onde saí várias vezes do país para organizar exposições. Na prática, os professores, embora tivessem formação superior, não dominavam determinadas técnicas como tapeçaria e tingidura. Assim trouxeram para S.Vicente os mestres Nhô Damásio e Nhô Griga, que vieram de Santiago e de Santo Antão, que lhes transmitiu os conhecimentos. E por sua vez eles transmitiram a nossa geração esses conhecimentos. Através desse processo toda gente ia se desenvolvendo.

Tínhamos um tema anual. O povo não estava habituado, achavam estranho, outros escondiam-se, duas ou três vezes já estavam acostumados, e aceitavam normal. Era quarta-feira, dia de desenho livre. Para confessar não gostava muito, mas tinha de fazer. Por vezes passávamos uma manhã inteira no mercado de peixe, com tema anual ou semestral. Cada um com o seu bloco. Manuel Figueira, Bela, Clementina, Luísa, e a segunda geração, eu, Marcelino e João. Depois entraram outros mais novos. Éramos uma equipa. Um grupo coeso, um grupo amigo, não era um lugar público como outro qualquer.

Não gostava de sair para rua porque as pessoas ficavam a olhar para gente. Mas era um sentimento passageiro...

O grupo de professores fundadores da Cooperativa Resistência. Manuel Figueira, Clementina, Bela Duarte e Luísa Queirós. Como costume dizer são os pais das minhas obras, porque as minhas obras tem algo deles. Mesmo tendo vocação, foi com eles que desenvolvi. Sendo assim, as minhas obras reflectem os seus conhecimentos.

Em Dezembro de 2000 o Centro Nacional de Artesanato, foi extinto. Fui das últimas pessoas a receber abandono voluntário, mas para mim foi abandono forçado. Não havia outra forma, o acumular de situações, assim me obrigou, a mim e aos meus colegas. Era uma situação consumada. O Centro já estava extinto no B.O. Cabo Verde não tinha outro lugar de arte para nos enquadrar. O Ministro na altura, António Jorge Delgado, não queria que saísse, dizia que o estado precisava de nós. Mas Marcelino estava sufocado com aquela situação e queria mesmo sair. Vi que ia restar só eu e o João. Senti fragilizada. Perguntei como será no futuro, já não tínhamos posto de trabalho, às vésperas de eleições. Consultei outras pessoas, uns diziam-me que era uma decisão que cabia a mim, outras me alertaram para situações semelhantes como o INERVE, onde alguns trabalhadores ficaram sem indemnização e sem trabalho. Acabei então por meter os papéis a pedir abandono voluntário. No dia que me deram o cheque, depois de vinte e dois anos de esforço, de ter participando na Cooperativa Resistência, de ter levado o Centro Nacional de Artesanato até onde fomos, com um trabalho de equipa, para depois resumir apenas a um chequinho entregue assim sem nenhum agradecimento. Disse "Deus o que faço da minha vida?", arrependi mesmo. Antes estava nomeada para professora, desisti dessa carreira profissional. Larguei os estudos, para quê? Para um simples cheque sem mais nada. Lembro-me do dia que eu recebi o cheque. Ainda hesitei. O João disse-me estamos opostos, "Eu prefiro sair mas tenho de ficar, tu estas a sair mas queres ficar ". Peguei no cheque e fui desorientada para casa. Não queria falar com ninguém, foi como se o mundo tivesse desabado em cima da minha cabeça, nem gosto de relembrar este momento. Os meus filhos tinham ido para o curso naquele ano. Situações que passamos neste mundo, sem sabermos porquê de tantas provações.

O dinheiro era pouco, mas não podia ficar sem trabalho e sem dinheiro. Também tinha necessidade de criar, de trabalhar, atirar cá para fora as coisas. Desatei a procurar e achei este espaço aqui na rua Senegal. Finquei os pés no chão como se diz, e lá consegui. É pequeno mas

adaptei-o as minhas necessidades. Comecei com dificuldades, fui ultrapassando barreiras e graças a Deus, agora em Março de 2011, faço dez anos neste ateliê.

Faço pintura, tapeçaria e batik. Primeiro é a pintura, batik e tapeçaria nascem da pintura. É na pintura que faço o estudo criativo, faço o estudo de cor na pintura, para depois passar para as técnicas de batik e tapeçaria. Trabalho com o auxílio de uma pessoa. Ele tem salário mensal, providência social, seguro de acidente de trabalho, que está sob minha responsabilidade e do meu esforço pessoal. Não tenho apoio de ninguém.

Até então só trabalhei em projectos pessoais. Ainda não trabalhei com ninguém.

O artista nacional que mais aprecio é o Manuel Figueira. Existem outros como Luísa Queirós, o Kiki Lima, a Bela Duarte, o Tchalê Figueira, mas o que mais aprecio sem dúvida é o Manuel Figueira.

Posso citar o Malangatana, o Chichorro, o Picasso. Não conheço pessoalmente o Malangatana e o Chichorro, apenas os trabalhos.

Tento geri-la de melhor forma possível, de acordo com as necessidades. Tento manter o dia bem ocupado. Levanto cedo, não tenho empregada neste momento, faço as lides domésticas, deixo pronto a refeição para o almoço e dirijo-me para o trabalho. As vezes passo antes no banco ou em qualquer serviço para tratar algum assunto, e chego aqui para abrir rigorosamente a horas. Oito e meia, só aos sábados abro às nove. Sou muito rigorosa com o horário. Chego aqui começo a trabalhar, dividindo entre as três técnicas, de acordo com as necessidades e com as solicitações. Posso sair para tratar um assunto que esteja ligado ao meu trabalho ou então para receber alguma visita. Recebo visitas diariamente. Trato bem todos que visitam o meu espaço, elogios dos visitantes tem me dado muita motivação e consciência de saber que faço um trabalho com uma certa importância para o meu país e para a minha cidade.

Não gosto muito de sair, sabes. Quando saio às seis e meia vou para casa, vou fazendo compras pelo caminho. Às vezes levo trabalho para casa, a noite faço acabamentoo nas tapeçarias. Graça a Deus os meus familiares não se queixam. Levo as coisas sem exagero, dentro do equilíbrio. É preciso ter união dentro da família de forma que possamos juntos fazer tudo sem chocar a ninguém.

Já fui entrevistada pela rádio e pela televisão várias vezes. No estrangeiro e pelas rádios nacionais. Na televisão também nacionais e estrangeiros. As vezes as pessoas me ligam de vários países e dizem vimos-te aqui na televisão e nem se sequer estava sabendo. Vêm filmar aqui no ateliê e nas exposições. É um trabalho que já fazia no Centro Nacional de Artesanato. Vêm aqui pessoas de fora pedir para filmar e sempre dou permissão. Já fiz reportagens com Francisco Manso, Com Rui Simões e vários outros que até esqueço os nomes.

Em primeiro lugar para fazer exposições individuais é preciso juntar peças, e nem sempre consigo fazer isto já que tenho responsabilidades mensais aqui no ateliê. Renda, impostos, vencimento do trabalhador, compra de materiais, tenho esta grande responsabilidade que é manter este ateliê de pé todo final de cada mês. Por isso as vezes é impossível reter peças para exposição. Em segundo, o facto de ter aqui uma exposição permanente, onde recebo visitas diariamente como aquele casal de estrangeiro que esteve aqui. Embora seja importante as exposições programadas, bem organizado, convidando toda gente. Porque é assim que um artista enriquece o seu currículo. É por essas razões que não tenho feito exposições individuais.

É que normalmente quando o Centro fazia exposição na Praia, eram exposições colectivas. Às vezes viajava como responsável, mas havia peças de toda gente.

Isso é devido a convites, estás a ver. Algumas dessas exposições eram solicitações feitas de entidades na Praia, instituições como Palácio do Governo e outros ao Centro Nacional de Artesanato. Sempre que havia algum evento governamental mandavam convites e algumas vezes era indigitada para fazer exposições como funcionária do Ministério da Cultura. Fiz também

exposições internacionais onde viajei para outros países, noutras vezes só enviei as peças, os custos são elevados. Alguns convites cheguei a negar, já que as minhas responsabilidades assim me obrigam aqui no ateliê. Mesmo tendo aqui um colaborador tenho de estar sempre em cima para manter qualidade. Qualidade é que o mais valorizo para os meus trabalhos. De quando em vez viajo. Já viajei a partir do Centro, mas também a partir daqui do ateliê, através de convites directos. Como o que fiz para Brasil, São Paulo, com um grupo empresários em visita de estudos, a convite da Morabi e da Promex. Foi muito bom com visitas à várias feiras de arte, sempre com interesse em visitar museus e tudo aquilo que diz respeito a arte. Numa dessas feiras, o cônsul de Cabo Verde disse "Joana já entrou no seu mundo, deixem-na apreciar a vontade". A própria embaixadora do Brasil aqui disse que uma das pessoas que ia adorar seria eu, e de facto foi maravilhoso. Fui também a Moçambique a convite de UNESCO, através da Morabi. Levei peças para mostrar e fiz formações. A cada viagem regresso mais enriquecido, porque sempre visito vários sítios artísticos, convivo com outros artistas para troca de impressões, e é sempre uma aprendizagem. Sempre viajei a convite de instituições. Quando me convidam fico contente porque é um reconhecimento do meu trabalho, segundo porque regresso com mais conhecimentos. Mas quando convidam outra pessoa fico feliz na mesma porque não devemos ser egoístas, normalmente são pessoas amigas que merecem também oportunidades.

Concretamente não refiro a nomes, tenho colaborado com todos Morabi, Promex, Câmara Municipal, escolas. Nunca recusei nenhuma solicitação que tenha chegado até mim. Por vezes nego por causa do volume de trabalho. Não dá colocar as coisas em risco, é preciso gerir tudo isso. Vou de acordo com as possibilidades. Mas trabalho com todos que chegam até mim. Com as escolas tem sido mais complicado ultimamente, porque é um espaço pequeno e fica difícil receber uma turma inteira. Por vezes divido-os em partes de dez. Assim tento sempre colaborar, e vou dando respostas as várias solicitações. Com isso tenho mantido amizade com muitas pessoas que vêm aqui desenvolver algum trabalho como duas portuguesas que estiveram aqui a fazer recolha para um trabalho de fim de curso.

Ainda estava no Centro Nacional de Artesanato, quando o Papa João Paulo II veio a Cabo Verde, a Câmara solicitou uma peça para oferecer a uma entidade como tal. O tema que escolhi foi ecologia, depois de muito pensar, trabalhei com o tema preservação da natureza que é algo que

toca qualquer ser humano. Senti muito feliz a fazer este trabalho. Uma tapeçaria com o tema ecologia. Existem outros trabalhos como os que estão expostos na Assembleia da República de Portugal. Existe um outro trabalho que fiz para o Nhonho Hoffer Almada, das tapeçarias mais grandes que já fiz. Através de fotografia de um quadro. Não era criatividade minha mas gostei muito de fazer. Os temas eram tabanka, funaná e batuque, três temas em um. Tive uma certa liberdade, mas ele também queria que introduzisse o meu cunho pessoal. Foi ao meu estilo, a minha maneira. Ficou um espectáculo aquele trabalho.

Na tapeçaria, da criatividade a produção existe muito trabalho. Repito as peças duas ou três vezes para poder dividir os custos. Não convém ter peças muito caras. Fico por um preço razoável, nem para ficarem muito caros, nem para não desvalorizarem-se. Raramente faço peças únicas, mas se alguém pede deixo claro que custo será outro.

Não, nunca beneficiei da lei de mecenato. Nunca procurei ninguém e nunca ninguém me falou sobre isso. Não estou por dentro disto. Tenho uma brochura sobre a lei de mecenato que recebi num seminário. O Rui Simões veio aqui comprou um quadro de pintura com o tema Colá Sanjon, mais tarde queria usá-lo como símbolo de uma associação com o qual em Cova da Moura. Pedi autorização mas hesitei, sabes fiquei em dúvida, já que seria reproduzido em vários suportes. Ele disse-me "Joana deixe-me trabalhar, vocês artistas cabo-verdianos não deixam trabalhar. Regista as obras e ganhe com os direitos autorais". Mas não tinha a obra registada. Passou um tempo, um ano e tal, ele telefonou a pedir autorização para usar o mesmo quadro como capa de CD que a associação estava a editar. Respondi que desde que fosse possível colocar o meu nome como autora da obra não havia problema nenhum, e claro que teria beneficiar dos direitos de autor. Mas até então não sei como as coisas andaram.

Já fui criticado porque não tenho um site e os turistas vêm aqui, querem comprar alguma obra e fica uma situação complicada, porque nem sempre estão preparados financeiramente. É nisso que site deixa falta.

Normalmente as pessoas chegam até aqui através de indicação de uma outra pessoa que conheça os meus trabalhos.

A colaboração que faço com escolas é receber visitas de estudo que fazem ao ateliê. De resto tenho colaborado muito com estudantes do curso de turismo cedendo-lhes materiais para os seus trabalhos. Mas nunca realizei projectos com escolas.

Aqui não faço por causa do espaço. Enquanto estive no Centro Nacional de Artesanato dávamos formações em conjunto. Mas eram formações de curta duração, coisas mais empíricas, com poucos estudos. Quando fui convidado pelo Centro de Emprego para dar uma formação não foi possível pois teria de passar muito tempo fora aqui do ateliê.

Neste momento não tenho nenhuma relação com o antigo Centro Nacional de Artesanato. Depois de sair dali tentei que alugassem um espaço para trabalhar. Escrevi várias cartas e nenhuma resposta. Mesmo quando ali estive completamente desactivado, não concederam lugar ali para trabalhar. Mas tenho estado a procurar um novo espaço por aqui é muito pequeno, tem problemas de infiltração de água quando chove e é uma rua com pouco movimento de pessoas.

Nild

Anildo Medina Silvestre, nasceu no Monte, São Vicente a 17 de Abril de 1959. Filho de Romão João Silvestre e Joana Vicensa Medina Silvestre. Vinte e três irmãos, oito da mesma mãe. Albertino é o mais velho, Diva Silvestre, Carla Silvestre, Celina Silvestre, Nélida Silvestre, Maria Odete Silvestre, e Ângela Silvestre. “Zorra” na Praça Estrela e mais recentemente “Serenata” no Hotel Odjo d’Água.

Porque Nild é uma derivação crioula do meu nome, Anildo, tiramos o “A” e”o” fica Nild.

Sim desde princípio da minha iniciação a nível artístico, já me conheciam por Nild então foi uma continuação, desde família chamam-me de Nild até então me aproveitei, não justificava mudar.

A minha infância foi normal em São Vicente, nasci no Monte, na Craca, pois sabíamos que antigamente os nossos pais viviam num certo nomadismo derivado a falta de casa própria, de modo que nasci no Monte, Craca, depois fui para o Lombo e de lá fui para Fonte Francês, tudo isso foi o trajecto da minha infância. Estive em muitas zonas...

Naturalmente quando transladamos de zonas diferentes sempre deixas raízes naquela zona onde nasceste ou na onde zona vai, é profícuo porque vais adquirindo amizades, mas nunca esqueces daquela base. Claro que na oficina, que era em casa. Mas havia outra oficina que trabalhava com outros colaboradores. Qualquer indivíduo que tem um profissional em casa, principalmente o seu pai, naturalmente tem que trazer alguma coisa dessa profissão. Meu pai era marceneiro, tenho muito orgulho em dizer que ele era o único marceneiro diplomado no Mindelo, não sei se em Cabo Verde em geral. Depois é que surgiu o Sr. Cláudio Freitas também diplomado. Meu irmão fez arquitectura, tenho outros irmãos que também foram enveredados para a construção e comércio, mas não foi em vão. Eu trouxe comigo muita coisa inclusive estou trabalhando na área da construção. A minha formação na Escola Técnica foi no curso de Comércio. É extremamente importante principalmente no orçamento de uma obra, não tenho dificuldades porque fiz o terceiro ano geral de Administração e Comércio, isso da para tudo, onde tinhas contabilidade, direito comercial, matemática enfim que ajuda muito. Por acaso, aquilo foi imposição dos pais, na minha família somos da construção civil...

A minha primeira experiência escolar foi nos Salesianos, depois fui fazer terceira e quarta classe no Liceu Velho, de seguida para a Escola Técnica onde fiz o terceiro ano incompleto do Curso de Administração e Comércio, devido a incorporação militar. As referências que estou a lembrar dos Salesianos, precisamente do Padre Simões que era professor que dava aulas de expressão musical, onde nessa altura Paulino Vieira era um dos monitores, para crianças ou seja pessoas da minha idade. No liceu o que me marca é mais pelo negativo porque tínhamos um professor vindo de Angola que nos batia muito com “chicote”. Passando pela Escola Técnica tenho muitas referências, “Nhô Roque” o meu professor de história, Leonel Madeira como professor de Artes Manuais e Desenho e tenho boas memórias. E o Tói Firmino que foi meu professor de Francês e um dos meus orientadores visuais.

Sim. Eu auto-formei em desenho de construção civil e depois fui convidado pelo Ateliermar, pelo Leão Lopes para fazer parte do seu staff, tive cerca de doze anos onde tive formação em muitas áreas, exemplo: formação de cerâmica mais precisamente em modelação e técnicas de gesso com técnicos chineses... impressão e serigrafia, uma pequena formação a nível de design ministrados por uns mestres portugueses, desenho um pouco empírico, tive algumas formações na área de batik, aproveitava todas as formações que acontecia no Ateliermar., mais ou menos isso a nível de formação artística. De resto foi auto-formação.

Leonel Madeira, Toi Firmino, Leão Lopes são alguns dos vectores importantes na minha formação artística, sobretudo o primeiro, porque sempre me aconselhou, apostava em mim. Éramos um grupo de indivíduos que era seus alunos tais como: Miguel Levi, eu, Luís Couto... preocupava connosco no sentido de continuarmos. Também tenho uma referência senegalesa, um grande escultor que tem feito várias exposições pela Europa, sei que é muito conhecido, neste momento vive em França, é Assamé Só. Posso referenciar clássicos como Frederic Assler, Edgar Degas e Henry Moore, sem deixar de lado um dos máximos, Picasso. Também é naturalmente que tenha mais referências aqui em Cabo Verde.

Leão Lopes e Domingos Luísa, que já expomos juntos. O Leão não desligo porque durante a minha formação me influenciou muito, tive cerca de doze anos em funcionamento sempre com ele. Mesmo que não transmite acabas por adquirir sempre derivado de persistências e curiosidade. Há os mais jovens que estão a fazer um trabalho interessante que são o Manú Cabral e o Nóia (F Morais).

Em primeiro lugar tenho por exemplo, Djoí de Concha que é um ceramista que transmite uma certa poética nos seus bonecos de terracota, éramos um núcleo, éramos amigos onde ajudávamos um ao outro. Mas antes disso, anteriormente, quando estava no ciclo preparatório tinha grandes amigos, onde trabalhávamos juntos, ou seja nós auto-formamo-nos, Levi Lima, Luís Couto e muitos mais.

Quero dizer, aquela ajuda, diziam que nós éramos os melhores alunos de Desenho numa sala, e também Trabalhos Manuais, então aquela ajuda era mais no sentido de apoio moral, porque, acho que damos e recebemos, quando apresentamos um indivíduo, um amigo que também quer envergar pela carreira artística, quando apresenta um trabalho, ainda mais naquela altura éramos rapazes, temos aquele entusiasmo para fazer qualquer coisa, incentivamos o outro tentando fazer uma coisa melhor, era saudável.

Bom, em princípio naturalmente que tinha orientação pelo menos de Lineu Madeira que foi um dos bons incentivadores, era daqueles professores que nos transmitia muita técnica principalmente de modelação de paus de fósforo e outros. Tenho o meu colega que funcionamos muitas vezes juntos que é Rô, onde trocamos muitas impressões e depois sempre sai alguma coisa boa na nossa colaboração. Tem também Leão Lopes, onde sofri muita influência, sem dúvida passei nove anos com ele, se saísse de lá sem trazer nada não justificava.

As primeiras referências é Picasso, gosto muito do El Grego porque é espectacular no preto e branco. Na escultura tenho um senegalês que não estou a lembrar o seu nome, o vi fazer uma exposição em Paris, ele usa uma mistura de barro, palha e que faz umas figuras gigantescas. Tem também um Brasileiro, acho que é Carlos Botelho que sempre trabalha umas figuras gordas, mas a nível expressivo é muito forte. Também gosto muito dos escultores Willem Kooning e Karen Appel. A nível de Cabo Verde respeito muito o Tchalê Figueira a nível cromático é um homem extremamente inteligente, também gente que não deponho é Leão Lopes que até posso dizer que foi o meu mestre. Domingos Luísa que é extremamente interessante no processo de desenvolvimento do seu trabalho. Na Praia um rapaz que se chama Tutu em termos de pintura é uma pessoa extremamente importante e ainda Irnea. Tenho um grande respeito por Bets

(Albertino Silva) que é um jovem, principalmente no seu trabalho escultórico de pedra, porque é extremamente aplicado.

Viver não. O máximo que já passei fora de São Vicente foi sete, oito meses, em função de serviço na Praia, Sal, geralmente em serviço sem tirar aquele que o cabo-verdiano tem de desempenhar, que é a vida militar, porque já passei mais de dois anos no Tarrafal de Santiago a prestar serviço militar. Estive praticamente vivendo um ano e sete meses nas Canárias, mas já desloquei para outros países, como Portugal e Brasil mas, Canárias foi onde passei mais tempo era meio trabalho, meio aventura, meio formação também.

Foi uma boa temporada em Las Palmas, mais precisamente. Em relação a Portugal e ao Brasil, participei como cenógrafo em peças da coreógrafa Conceição Nunes, peças essa que foram apresentadas nos teatros Vila Velha, D. Maria II e na Comuna.

Nós somos quatros. A minha mulher e os meus dois filhos. São dois rapazes. Eu sou amante do desporto, toco um pouco de guitarra e percussão e já participei em alguns grupos musicais. Naturalmente como um artista é sempre solicitado a participar em exposições, em ateliês e etc. Eu pratico o meu *footting*, temos um grupo que gosta ir para os campos, que gosta de conhecer principalmente um pouco São Vicente, porque adoro essa época que cai as chuvas onde os campos estão cheios de água. Sou um amante nato da natureza e da beleza do meu Cabo Verde.

Em princípio o meu local de trabalho é na minha casa, que é o meu ateliê, para além disso tenho um colega quando somos solicitados e como já temos uma linha de execução a nível de escultórico, trabalhamos juntos no ateliê do meu colega Ró, no espaço Interart do qual sou co-fundador. Claro que eu e o Rô funcionamos na Interart quando temos obras específicas, mais geralmente a minha intervenção é directamente nos espaços públicos. Precisamente isso, porque tenho outras vertentes a nível de projectos, sou eu que desenvolvo os projectos, enquanto Rô preocupa mais com a parte de execução.

Desenho projectos de arquitectura, de vez em quando sou solicitado geralmente por pessoas de fora porque aqui já está um pouco fechado porque o desenhador praticamente deixou de existir, isso porque muitas pessoas preferem as novas tecnologias.

A minha solicitação é mais a nível de escultura. Alto e baixo relevos em cimento ou pedra, tenho um pouco de conhecimento a nível de metalurgia que me facilita no trabalho com o ferro, também já uso pedra mas o usar pedra é muito dispendioso devido as ferramentas e acessórios que são caros. É extremamente caro, então prefiro a técnica mais usado no momento que é a técnica de betão é mais barato e o seu custo é menor para quem solicita alguma obra. Escopos, pincéis, rebarbadoras... ou seja o tipo de material que é necessário para que uma pessoa possa desenvolver um produto com alguma qualidade. Trabalho mais em escultura, pintura em telas e murais. Mais é escultura, pintor esporadicamente, possivelmente devo fazer algumas exposições encomendadas pelo Centro Cultural do Mindelo, na pessoa da sua directora. Vou fazer o possível para que no princípio do próximo ano apresente a minha exposição ao público.

Ultimamente estimemos a fazer trabalhos didácticos com os painéis pictóricos que estão a cidade do Mindelo, em Fonte de Meio foi uma solicitação da Câmara Municipal. Também intervimos nos murros da ENAPOR, no sentido de chamar as crianças da pré-primária atenção para o mundo da criação artística. Essas pinturas foram trabalho dessas crianças, foi apenas uma ampliação dos seus trabalhos, não é uma coisa nossa.

Sim, carnaval. Todos os anos temos esse “sapa testa” de estar envolvido no carnaval. Já é um bichinho que esta dentro de nós, e já não conseguimos fugir. Mesmo que nos falcatruem todos os anos, acabas sempre por regressar porque carnaval é mais importante do que o dinheiro, aquelas falcatruas que acontecem em qualquer evento.

A nível da intervenção de decoração de espaços interiores tenho actuado em alguns locais, tais como Jazzibird, Expirience, Saturno em algumas zonas.

Não temos problemas, por exemplo, quando sou solicitado para qualquer movimento pictórico ou escultórico, ele não tem nenhum ciúmes, nenhuma clivagem entre eu e o Rô. Um assunto directamente para mim as vezes é uma obra pequena não é justificável que duas pessoas estejam a executar, exemplo um busto é descabido duas pessoas estarem numa obra de reduzida dimensão, não temos nenhum problema desse tipo. Quando tenho obras de grande volume

sempre nós dois pensamos, pomos no papel, apresentamos ao patronato ou a pessoa que esta interessada naquela obra e se ele aceitar executamos e assim por diante.

Sim, sempre que tem esses problemas sentamos, discutimos, rectificámos as vezes passamos dias a fazer isso, até chegar a um consenso. Nesse momento a nossa obra como a nível documental está muito alinhado a fazer maquetas. Neste momento a nossa obra, toda solicitação, para além da parte escrita, fazemos uma pequena maqueta onde a ideia é apresentada mais concreta. Nesse momento estava a executar o emblema da judiciária, para fixar na sua nova sede. E próximo trabalho de escultura é uma proposta que foi encomendada da Praia, que é na casa de “Scapa” não é algo da linha tradicional, mas algo que já as pessoas não estão habituadas, estou abstraindo um pouco no design a nível de conexão, porque ele não quer uma coisa fixa. Algo para alguém pensar.

Naturalmente já aconteceu e tem vindo acontecendo. Quando aparece uma solicitação de outra pessoa a ideia é sua, ele exige simplesmente a concessão. Já aconteceu que muitas vezes pessoas me dizem, eu quero que você me faça isso, discutimos claro, porque há alguns impedimentos que tens de chamar a atenção da pessoa, porque não vê aquilo em toda a sua vertente, e assim dialogamos sobre as mudanças que possam ser feitas, esses são pormenores do projecto. Não me traz nenhum problema, porque temos um país com muita carência e dificuldades então mais uma obra, uma escultura, uma pintura é sempre bem-vindo, porque para além da parte financeira, tem o prazer de estar a executar aquilo... Câmara Municipal, Governo, particulares e também estrangeiros. Através do meu e-mail, do meu telefone e através de outras pessoas, Câmara não porque já me conhecem, mesmo o Governo de Cabo Verde já conhece não precisam dar tanta informação, porque há pessoas indicadas para fazer esse tipo de intervenção. Estrangeiros é através dos seus amigos ou outro estrangeiro colega que fiz algum trabalho, então seguem e perguntam, tal fulano me deu um número e solicitam o que querem.

Em princípio tenho feito mais exposições colectivas, as minhas exposições individuais são públicas e estão espalhadas por todo Cabo Verde. Na Praia cerca de quatro cinco exposições colectivas, e individual uns quatro ou cinco, no Palácio da Cultura, no Banco de Cabo Verde e na Biblioteca Nacional... Sim, muitas vezes na Praia. 2000 ou 2001. Sempre colectivo. As vezes são três pessoas, já fizemos eu, Domingos Luísa, Zé Leopardo, Severo, Rô e Tutu na Praia, no Banco de Cabo Verde. Em São Vicente já participei na altura da abertura do mercado municipal,

no Centro Cultural do Mindelo, na Interarte. Nesse momento não consigo memorizar. Maior parte das minhas exposições estão expostas no centro da cidade e nas periferias, essas que eu chamo de exposições porque estão permanentes abertas ao público.

Posso ainda destacar a minha participação no 8º China Internacional Sculpture Syposim, em 2006, durante três meses. Foi extremamente gratificante, onde éramos cerca de quarenta e três países representados, tivemos um contacto muito forte e em que maior parte dos artistas eram do terceiro mundo, então que o intercâmbio foi muito mais abrangente do que se tivesse mais escultores do dito primeiro ou segundo mundo. Talvez as coisas complicariam um pouco, mas a camada de artistas que estiveram presentes na China nesse nono simpósio houve um intercalar de mão onde tínhamos workshops, tinha *meeting*, tinha desenvolvimentos de assuntos em paralelo sobre o que fomos lá fazer que era participar nesse simpósio e deixar qualquer coisa na China.

Exposição a nível internacional logo no princípio fiz uma formação na Espanha, Canárias, onde tenho uma representação naquele país, foi num centro de reabilitação em Las Palmas e tenho essa participação na China, onde no fim do simpósio houve uma grande exposição, que era as quarenta e cinco peças de todos os artistas mundiais que estavam presentes.

Galerias neste momento, aqui em São Vicente, são extremamente elitistas. Eu geralmente trabalho sob encomenda e maior parte do meu trabalho é para fora, principalmente a nível da pintura. Agora a nível escultórico o nosso maior apreciador ou comprador é nacional.

Faço parte e eu sou um dos membros fundadores da Associação Cabo-verdianos de Artistas Plásticos, onde sou o Vice-Presidente da Associação. Por acaso, o nosso processo de legalização foi muito penosa, mas já estamos legalizados. Temos uma promessa do Ministério da Cultura na cedência de um espaço nobre, já tivemos lá, já supervisionamos o local, agora é esperar. A associação está de pé, está funcionando. Desde que conheço o meu nome nunca fui beneficiado, só ouvimos falar da lei. Talvez ainda não tive essa oportunidade de usufruir ou solicitar essa instituição que funciona juntamente com essa lei.

Como um crioulo normal porque corpo não vive só do trabalho, tem que ter um bocadinho de lazer para descansar e elevar o nível espiritual porque só ficar em cima do trabalho o corpo fica uma “flassa”, temos que dar um pouco daquilo que o crioulo chama de paródia, para que no dia

seguinte possas estar operacional. Um criador tem de estar em lugares e locais imprevisíveis para que consiga transmitir de maneira mais original a realidade das coisas da vida quotidiana.

Quando me levanto a minha primeira função é arrumar o lugar de trabalho porque gosto de ter as minhas coisas sempre arrumadas. Depois se tenho algum projecto começo a executar o meu projecto, se tenho algum assunto geralmente supervisiono, nalguns estabelecimentos de vez em quando tenho que prestar aquele serviço, regresso ao meio-dia naturalmente o corpo pede um pouco de descanso. Quando temos trabalhos na rua, a nossa preferência gostamos de trabalhar na parte da tarde para a noite dentro, geralmente a noite é mais calmo e estás mais descontraído, não tem muito barulho então eu prefiro assim a nível de trabalhos escultóricos, porque de dia tem muito azar, movimento.

Tenho algumas entrevistas na Rádio Nacional e Estrangeiras, com a CNN, na China, na Televisão Chinesa, CCCV, Rádio Nova, Rádio Nacional, Rádio Morabeza, tenho entrevistas nos jornais. Bom sabemos que a situação dos jornalistas aqui em Cabo Verde é um pouco dificultoso, muitas vezes por falta de materiais da sua parte e também pela disponibilidade de tempo, me parece que os nossos jornais e televisão ou está faltando gente ou não está com gente com vontade. Porque se tivermos gente com vontade de trabalhar, o jornalista é que sai a procura da notícia, não é notícia que tem que ir atrás do jornalista. Mais correcto é termos um jornal onde o jornalista é profissional e sai a procura da notícia, não é estar sentado no escritório a espera dizendo, “vocês não aparecem aqui?”. Aquela não é a nossa função.

Sempre sentimos dificuldades, de vez enquanto os jornalistas chegam e dizem quero fazer uma entrevista contigo, eu digo, tu é que sabes, porque nós todos naturalmente temos interesse, porque a nível de publicação um artista sente protegido e também acarinhado, principalmente quando chegas de uma representação fora no país e ninguém sabe de nada, uma pessoa fica triste, não consegues engolir aquilo. Não é só para mim, é para todos os artistas plásticos reivindicam essa questão.

Sim, já fui solicitado pela directora da escola de Monte Sossego para fazer pequenos workshops com crianças em de pintura e modelação, também já colaborei com o Instituto de Menores, fui solicitado pelo Hospital Baptista de Sousa na parte da Pediatria para criar um ambiente adequado para as crianças.

Claro que uma pessoa sente honrado quando é solicitado para dar uma pequena formação, workshop na escola de crianças, todos nós somos pais, é com todo o prazer que recebo as solicitações. Já fui solicitado pela Escola Técnica para leccionar artes e ofícios, mas na altura estava com outros projectos e quando pensei já tinha outra pessoa, não é coisa de arrependimento porque cada pessoa tem o seu lucro.

Há professores, mas as escolas são um pouco fechadas principalmente da parte da directoria, muitas coisas dessas surgem de professores que gostam de tal matéria.

Desde início aquele é que é objectivo de um artista, que sempre que for solicitado tentar transmitir todo o seu conhecimento, não sou de opinião de certos artistas que dizem eu sacrifiquei para conseguir alguma coisa a nível artístico depois para dar. Sou de opinião de que quando queremos transmitir os nossos conhecimentos devemos ser liberais porque aquilo não é só para você, apoia os workshops, formações, ocupar o tempo de certas pessoas e alunos.

Penso que essa transmissão tem que ser leve, livre onde um jovem sente prazer em enveredar pela área que está interessado, porque há um grande défice de pessoas com formações em áreas específicas. A maior parte das pessoas estão a formar para o emprego, porque as pessoas não querem trabalho, é nessa vertente que o artista possa vir a funcionar tentando transmitir a essas crianças, indivíduos ou jovens um certo prazer de fazer o que gostariam de fazer.